



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Faculdade de Administração e Finanças

Raquel Barreto Barboza Campos

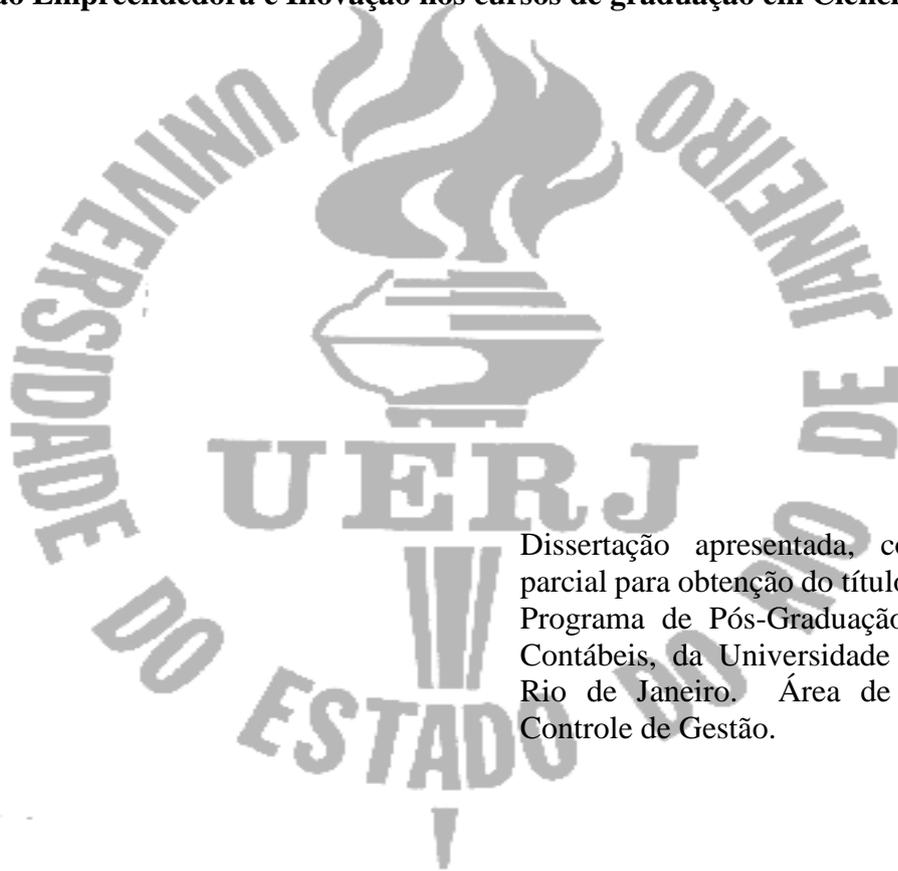
**Educação Empreendedora e Inovação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis**

Rio de Janeiro

2020

Raquel Barreto Barboza Campos

**Educação Empreendedora e Inovação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Controle de Gestão.

Orientador: Prof. Dr. Branca Regina Cantisano dos Santos e Silva

Coorientador: Prof. Dr. Leonel Estevão Finkelsteinas Tractenberg

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CCS/B

C198 Campos, Raquel Barreto Barboza.  
Educação empreendedora e inovação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis / Raquel Barreto Barboza Campos. – 2020.  
124 f.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Branca Regina Cantisano dos Santos e Silva.  
Coorientador: Prof. Dr. Leonel Estevão Finkelsteinas Tractenberg.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Finanças.  
Bibliografia: f. 110-118.  
1. Ciências Contábeis – Estudo e ensino (Superior) – Teses. 2. Ensino superior – Brasil – Teses. I. Terra, Branca. II. Tractenberg, Leonardo Estevão Finkelsteinas. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Administração e Finanças. IV. Título.

CDU 657:378

Bibliotecária: Luciana Zöhner CRB7/5643

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Raquel Barreto Barboza Campos

**Educação Empreendedora e Inovação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Faculdade de Administração e Finanças, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Controle de Gestão.

Aprovada em 26 de novembro de 2020.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Branca Regina Cantisano dos Santos e Silva (Orientadora)  
Faculdade de Administração e Finanças - UERJ

---

Prof. Dr. Leonel Estevão Finkelsteinas Tractenberg (Coorientador)  
Faculdade de Administração e Finanças - UERJ

---

Prof. Dr. Claudio Ulysses Ferreira Coelho  
Faculdade de Administração e Finanças – UERJ

---

Profa. Dra. Clarissa Stefani Teixeira  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

---

Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pereira  
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis - UFRJ

Rio de Janeiro

2020

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família,  
meus maiores incentivadores e  
minha motivação.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus pelas oportunidades e bênçãos alcançadas na minha vida. Agradeço ao meus pais, que sempre me incentivaram a buscar o melhor e ser uma pessoa de bem. Ao meu marido, Bruno, que sempre acredita em mim e me dá força nos momentos de fraqueza. Aos meus irmãos que sempre me apoiam e torcem por mim.

Um agradecimento especial à professora Branca, que sempre mostrou entusiasmo em suas orientações e paixão pelo que faz. Um agradecimento especial ao professor Leonel, que contribuiu muito com todo seu conhecimento. Também não poderia deixar de agradecer aos amigos do trabalho que me deram todo apoio durante essa jornada, suprimindo minhas ausências. E por último, um agradecimento aos amigos do mestrado que tornaram essa jornada mais leve.

Não podemos prever o futuro, mas podemos criá-lo.

*Peter Drucker*

## RESUMO

CAMPOS, Raquel. *Educação Empreendedora e Inovação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis*, 2020. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

As Instituições de Ensino Superior terão o desafio de preparar os alunos para alcançar as competências e habilidades necessárias para seu desenvolvimento profissional frente às mudanças provocadas pela inovação tecnológica. Para isso, será desejável que esses alunos vivenciem a educação empreendedora e inovação por meio do ensino, pesquisa e extensão. A partir disso surge a questão: os cursos de ciências contábeis estão oferecendo aprendizado em educação empreendedora e inovação nas atividades curriculares e extracurriculares? O objetivo deste trabalho é analisar como os temas da educação empreendedora e da inovação são abordados nas atividades curriculares e extracurriculares dos cursos de ciências contábeis de universidades públicas brasileiras com alto potencial de inovação no país. Foi realizada uma análise qualitativa a partir dos currículos, dos Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de ciências contábeis e das entrevistas com professores, coordenadores e alunos do curso de ciências contábeis que participam de atividades acadêmicas como empresa júnior, incubadora e grupo de pesquisa. Os cursos de ciências contábeis das universidades públicas foram selecionados a partir do Produto Interno Bruto (PIB), do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), do Índice Geral de Cursos (IGC) e dos Conceitos Preliminares de Curso (CPC). Chegou-se à conclusão que os cursos de graduação em ciências contábeis não abordam educação empreendedora e inovação de forma abrangente e transversal ao currículo, conforme as teorias de Lopes (2017) e Neck, Greene e Brush (2014). Alguns cursos oferecem atividades de extensão voltados à educação empreendedora e inovação, mas, na perspectiva dos alunos, todos expressaram que sentem falta dessa abordagem nas disciplinas que envolvem contabilidade. A maioria dos currículos foram atualizados nos últimos dois anos, mas percebe-se que ainda não há uma preocupação em abordar a educação empreendedora e inovação no curso de ciências contábeis. Quando questionados, alguns coordenadores reconhecem a importância da educação empreendedora e inovação para a contabilidade, enquanto outros afirmam que este tipo de abordagem é voltado para cursos de administração e não de contabilidade.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Inovação. Currículo. Ensino e Contabilidade.

## ABSTRACT

CAMPOS, Raquel. *Entrepreneurial Education and Innovation in undergraduate degree in Accounting*, 2020. Quantidade de folhas. Ex.: 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) - Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Higher Education Institutions will have the challenge of preparing students to achieve the competencies and skills necessary for their professional development in the face of changes brought about by technological innovation. For this, it will be desirable that these students experience entrepreneurial education and innovation through teaching, research and extension. The question then arises: are accounting courses offering learning in entrepreneurial education and innovation in curricular and extracurricular activities? The objective of this work is to analyze how the themes of entrepreneurial education and innovation are addressed in the curricular and extracurricular activities of accounting courses at Brazilian public universities with high potential for innovation in the country. A qualitative analysis was carried out from the curricula, the Pedagogical Projects of the Course (PPC) of accounting sciences and the interviews with teachers, coordinators and students of the accounting course who participate in academic activities as a junior company, incubator and research group. Accounting's courses at public universities were selected from the Gross Domestic Product (GDP), the Municipal Human Development Index (MHDI), the General Course Index (IGC) and the Preliminary Course Concepts (CPC). It was concluded that undergraduate courses in accounting sciences do not address entrepreneurial education and innovation in a comprehensive and transversal way, according to the theories of Lopes (2017) and Neck, Greene and Brush (2014). Some courses offer extension activities aimed at entrepreneurial education and innovation, but, from the students' perspective, all expressed that they miss this approach in the disciplines that involve accounting. Most curricula have been released in the last two years, but it is clear that they have not yet there is a concern in addressing entrepreneurial education and innovation in accounting's course. When questioned, some coordinators recognize the importance of entrepreneurial education and innovation for accounting, while others claim that this type of approach is geared towards administration courses and not accounting.

Keywords: Entrepreneurial Education. Innovation. Curriculum. Teaching and Accounting.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 -	Sistema do MIT para inovação.....	18
Tabela 1	PIB regional.....	60
Figura 2 -	Evolução do IDHM nas Unidades Federativas (UFs), na ordem do maior ao menor valor (2016 e 2017) .....	62
Tabela 2 -	IGC das Universidades e CPC dos Cursos.....	65
Tabela 3 -	Amostra Final.....	66
Tabela 4 -	Codificação dos entrevistados.....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Responsabilidades e Limitações de cada ator da Hélice Tríplice.....	23
Quadro 2 -	Empreendedorismo como método.....	29
Quadro 3 -	O modelo de Aprendizagem ao Longo da Vida.....	33
Quadro 4 -	Habilidades necessárias ao Empreendedorismo.....	34
Quadro 5 -	Relatório EntreComp.....	35
Quadro 6 -	Instituições Brasileiras voltadas ao empreendedorismo e inovação.....	37
Quadro 7 -	Pontos a serem considerados na elaboração do Currículo de Ciências Contábeis.....	49
Quadro 8 -	Currículo Mundial.....	54
Quadro 9 -	International Education Standards (IES).....	56
Quadro 10-	Componentes e dimensões do CPC.....	64
Quadro 11-	Componentes do IGC.....	64
Quadro 12-	Análise Documental – Ensino.....	69
Quadro 13-	Análise Documental – Pesquisa e Extensão.....	71
Quadro 14-	Análise das entrevistas- Ensino.....	74
Quadro 15-	Análise das entrevistas – Pesquisa e Extensão.....	78
Quadro 16-	Perfil do Egresso e atualização do currículo.....	81
Quadro 17-	Ações sobre a Educação Empreendedora e Inovação.....	82
Quadro 18-	Educação Empreendedora e Inovação – Professor e Coordenador.....	86
Quadro 19-	Ensino, pesquisa e extensão – Perspectiva dos alunos.....	90
Quadro 20-	Educação empreendedora e inovação – Perspectiva dos alunos.....	93
Quadro 21-	Conhecimentos e habilidades – Alunos.....	97

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFC	Conselho Federal de Contabilidade
CPC	Conceitos Preliminares de Curso
<i>GEM</i>	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
<i>GII</i>	<i>Global Innovation Index</i>
<i>IAESB</i>	<i>International Accounting Education Standards Board</i>
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IES	Instituições de Ensino Superior
<i>IES</i>	<i>International Education Standards</i>
<i>IFAC</i>	<i>International Federation of Accountants</i>
IGC	Índice Geral de Cursos
<i>ISAR</i>	<i>International Standards of Accounting and Reporting</i>
MEC	Ministério da Educação
NIT	Núcleo de Inovação Tecnológica
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPC	Projetos Pedagógicos do Curso
PPI	Projeto Político Institucional
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
1	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	16
1.1	<b>Inovação e Empreendedorismo.....</b>	16
1.1.1	Universidade Empreendedora.....	21
1.1.2	Educação Empreendedora .....	25
1.1.3	Educação Empreendedora e Inovação em Contabilidade.....	38
1.2	<b>Currículo.....</b>	42
1.2.1	Planejamento Curricular em Ciências Contábeis no Brasil.....	46
1.2.2	Propostas Curriculares do Curso de Ciências Contábeis.....	52
2	<b>METODOLOGIA.....</b>	58
2.1	<b>Tipo de pesquisa.....</b>	58
2.2	<b>Universo e Amostra da Pesquisa.....</b>	59
2.2.1	PIB.....	60
2.2.2	IDHM.....	60
2.2.3	Indicadores de Qualidade do Ensino Superior: IGC e CPC.....	63
2.3	<b>Procedimentos de Coleta de Dados.....</b>	66
2.4	<b>Tratamento dos Dados.....</b>	68
2.4.1	Análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos e da Matriz curricular.....	68
2.4.2	Análise das Entrevistas Semiestruturada.....	72
3	<b>ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS .....</b>	100
3.1	<b>Resultados .....</b>	100
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	105
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	109
	<b>APÊNDICE A –Roteiro de Entrevista (Professor e Coordenador) .....</b>	118
	<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista (Aluno).....</b>	120
	<b>APÊNDICE C - Carta de Apresentação.....</b>	122
	<b>APÊNDICE D – Termo de Consentimento.....</b>	123

## INTRODUÇÃO

Preparar-se para a nova realidade no mundo corporativo, caracterizada pela quarta revolução industrial, é um desafio para os estudantes do ensino superior. Tecnologias como a inteligência artificial, robotização e internet das coisas estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho. Segundo um artigo do Fórum Econômico Mundial, 65% dos alunos que estão começando o ensino básico terão profissões que ainda não existem (WORLD ECONOMIC FORUM, 2016).

As Instituições de Ensino Superior (IES) têm, assim, o desafio de preparar os alunos para alcançar as competências e habilidades necessárias com essas mudanças. Neste sentido, as universidades precisam atualizar seu planejamento curricular para potencializar e inspirar o empreendedorismo e a inovação, gerando desenvolvimento econômico e social na comunidade (ENDEAVOR, 2016).

Os cursos de graduação têm um papel importante na sociedade, a missão de formar pessoas capazes de solucionar problemas sociais que gerem valor para a sociedade. A busca da universidade em suprir as necessidades da região em que ela se encontra, estimula o desenvolvimento do conhecimento científico, resultando no desenvolvimento econômico dessa região (ETZKOWITZ, 2013).

Assim, o contador e as demais profissões que meramente exercer atividades operacionais e burocráticas, sem um diferencial em suas habilidades e competências, estará desatualizado para essa nova realidade do mercado de trabalho. Moreira et al (2020) afirmam que essas habilidades e competências deverão ser desenvolvidas através da educação empreendedora e aprendizagem experiencial nos cursos de graduação, com metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

A educação empreendedora deve ser ensinada nos cursos de graduação para preparar os alunos a desenvolver as habilidades criativas e inovadoras para iniciar e operar um negócio. Temas como a criatividade, inovação, habilidade de planejar e gerenciar projetos, riscos do negócio, gestão de conflitos, autocontrole, tomada de decisão, trabalho em equipe, entre outros (EDOKPOLOR e SOMORIN, 2017). Para que os egressos desses cursos acompanhem as mudanças no mercado de trabalho provocadas pelas inovações tecnológicas, é desejável que eles vivenciem a educação empreendedora e inovação no meio acadêmico, através do ensino, pesquisa e extensão.

O investimento em educação empreendedora e inovação é encontrado com mais frequência nos cursos de administração, onde se tem uma maior preocupação com o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos para a gestão dos negócios. Enquanto a maioria dos cursos de graduação em ciências contábeis estão somente focados no ensino de técnicas e teorias tradicionais (CALABOR, MORA e MOYA, 2019).

Para Matias et al., (2013), a educação empreendedora precisa ser inserida nos cursos de ciências contábeis, incentivando aos alunos a desenvolverem uma atitude empreendedora. Precisa haver uma mudança na metodologia de ensino acordada em sala de aula e uma conscientização dos alunos e professores para que haja comprometimento de todos na realização das atividades necessárias. Os autores afirmam que é necessário criar uma metodologia específica para o curso de ciências contábeis e não reproduzir algo pronto de outros cursos.

Moreira et al. (2020), em sua pesquisa sobre práticas intervencionistas em sala de aula, chegaram à conclusão que os empreendedores desconhecem o potencial dos contadores para suprir as deficiências de gestão dos negócios e que os profissionais são vistos como emissores de guias de impostos e de folha de pagamento.

A justificativa deste estudo é a necessidade de abordar a importância da inclusão da educação empreendedora e inovação nos currículos dos cursos de graduação em ciências contábeis, o que resultaria na melhoria do ensino da contabilidade no Brasil, pois a formação do graduando nessa área não pode ser restrita à transmissão de conhecimentos mecanicistas. Os alunos de graduação em ciências contábeis precisam encontrar em seus cursos a combinação do ensino e da prática necessários para que eles possam “ampliar sua visão de possibilidades de carreira” (LOPES, 2017).

As legislações e normas que norteiam a elaboração dos currículos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis precisam ser revisadas e atualizadas à nova realidade. O ensino tradicional sem o uso de metodologias ativas está ultrapassado e não atende as demandas do mercado. O modelo de ensino precisa sair das quatro paredes e alcançar os habitats de inovação (LOPES, 2017).

Diante do exposto, questionamos se os cursos de ciências contábeis estão oferecendo aprendizado em educação empreendedora e inovação nas atividades curriculares e extracurriculares? Como a educação empreendedora e inovação vem sendo pensadas e implementadas nos cursos de ciências contábeis das universidades públicas brasileiras? Que lições podem ser aproveitadas para a elaboração/revisão dos currículos e projetos pedagógicos dos cursos de ciências contábeis de outras IES?

## **OBJETIVO GERAL**

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como os temas da educação empreendedora e da inovação são abordados nas atividades curriculares e extracurriculares dos cursos de ciências contábeis de universidades públicas brasileiras com alto potencial de inovação no país.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar os programas curriculares e extracurriculares dos cursos de ciências contábeis nas universidades potencialmente empreendedoras e inovadoras, a fim de identificar como a educação empreendedora e inovação se insere nesses programas.
- Comparar o currículo efetivamente implementado com o currículo formalizado desses programas, a partir de entrevistas com coordenadores e docentes, a fim de identificar a cultura empreendedora e inovação no ensino da contabilidade.
- Analisar, a partir da perspectiva dos alunos, professores e coordenadores a presença da cultura empreendedora e inovação nos cursos de graduação em ciências contábeis.
- Verificar se os cursos de ciências utilizam metodologias ativas no ensino da educação empreendedora e inovação.
- Recomendar futuras ações para a elaboração dos currículos e projetos pedagógicos do curso de ciências contábeis.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, serão realizadas análises qualitativas, a partir de: (1) dados oriundos dos indicadores do Produto Interno Bruto (PIB), Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e de avaliação do ensino superior do Ministério da Educação (MEC); (2) currículos e Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de ciências contábeis das universidades públicas identificadas como potencialmente empreendedoras/inovadoras; (3) entrevistas de professores e/ou coordenadores e de alunos do curso de ciências contábeis das universidades públicas selecionadas.

## **ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

O capítulo um tratará o referencial teórico que abordará os seguintes temas: inovação e empreendedorismo, universidade empreendedora, educação empreendedora, empreendedorismo e inovação em contabilidade, a teoria de autores tradicionais sobre currículo, planejamento curricular no Brasil e propostas curriculares para o curso de ciências contábeis. O capítulo dois apresentará a metodologia utilizada, abordando-se sobre a delimitação do campo da pesquisa baseada nos indicadores do PIB, IGC, CPC e IDMH. O capítulo três conterá a análise e discussão dos resultados e o capítulo quatro, as considerações finais.

### **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

No referencial teórico deste trabalho serão apresentados o conceito de inovação e empreendedorismo, universidade empreendedora, empreendedorismo e inovação em contabilidade e educação empreendedora. Num segundo momento serão apresentadas concepções acerca do currículo segundo alguns autores que são referências na área da Educação, os atos normativos sobre a elaboração do planejamento curricular no Brasil, e as principais propostas curriculares existentes para o curso de ciências contábeis.

#### **1.1 Inovação e Empreendedorismo**

A inovação é responsável por conduzir o desenvolvimento econômico de um país por meio de um processo dinâmico em que as novas tecnologias substituem as antigas, esse processo foi chamado de “destruição criadora” por Schumpeter (1943), com a substituição de antigos produtos e hábitos de consumir por novos. Ele foi um dos primeiros autores a falar sobre desenvolvimento econômico e inovação, também chamada por ele de “novas combinações”. Ele enfatizou a diferença entre o conceito de invenção e inovação, na qual invenção não tem

efeito econômico, enquanto a inovação é um processo que gera lucro ou benefícios sociais (SCHUMPETER, 1939).

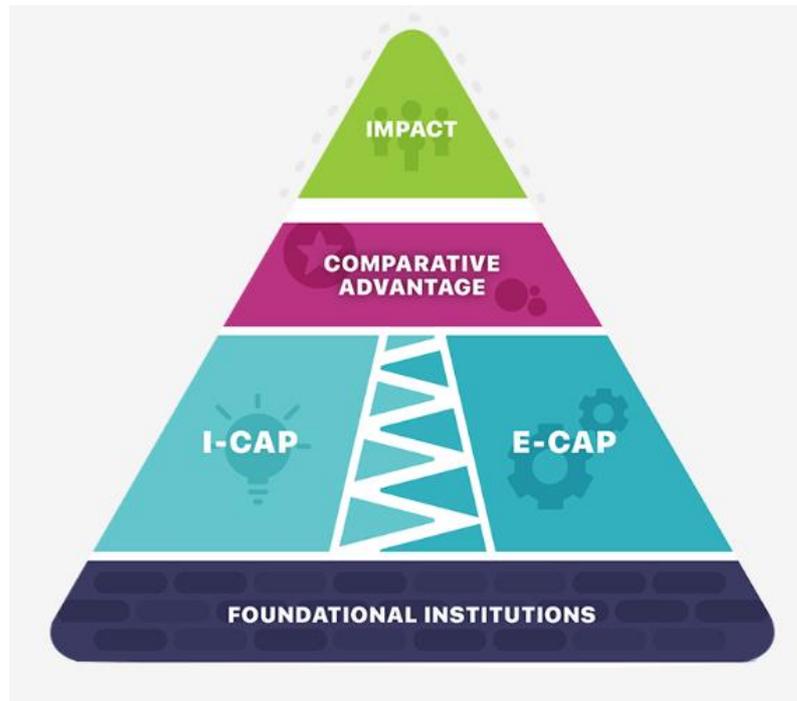
A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) elaborou a 3ª edição do Manual de Oslo, que é uma diretriz para coleta e interpretação de dados sobre inovação. O Manual de Oslo traz o conceito de inovação como a implementação de um produto ou processo, que pode ser novo ou aprimorado na organização. Essas mudanças podem acontecer no equipamento ou simplesmente na organização da produção. O conceito de inovação está associado à alta tecnologia, mas não necessariamente refere-se somente à criação de um novo produto tecnológico, mas também a pequenas mudanças em produtos e processos já existentes (OCDE, 2005).

A inovação é movida pelo empreendedorismo. Segundo Bessant e Tidd (2019), a inovação cria valor para o empreendedor tanto social quanto comercial. Para os autores a inovação pode acontecer em um negócio recém-criado ou um negócio com mais tempo no mercado, enquanto, o empreendedorismo é a força empreendida por indivíduos ou equipes motivadas. A criação de valor refere-se ao objetivo a ser alcançado, podendo ser financeiro ou social. No entanto, nem todo empreendedor se mobiliza para gerar inovação no seu negócio, limitando seu potencial de crescimento (ANPROTEC, 2020).

O *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) elaborou um sistema de empreendedorismo voltado à inovação. (Figura 01) Onde as peças principais são a “capacidade de inovação (I-CAP) e a capacidade de empreendedorismo (E-CAP), as quais, apoiando-se nas instituições alicerces, combinam insumos diferenciados para impulsionar o impacto”. Essas duas capacidades juntas servem como motores dos ecossistemas de inovação, e que precisam ser desenvolvidos para que tais ecossistemas prosperem (ANPROTEC,2020, p.7; BUDDEN, MURRAY, 2018).

A base da pirâmide (*Foundation Institutions*) refere-se à proteção dos direitos de propriedade intelectual, a força do sistema financeiro e os padrões de governança. A capacidade de inovação (I-CAP) e a capacidade de empreendedorismo (E-CAP) estão no mesmo patamar atuando em conjunto, no qual o empreendedorismo refere-se à capacidade de começar, construir e amadurecer negócios, e a inovação é a capacidade de criar novas ideias e tirá-las do papel. Acima está a vantagem comparativa (*Comparative Advantage*), baseada em pontos específicos que a diferencia de outras empresas ao redor dela. Por último o impacto (*Impact*) é o resultado econômico gerado naquele ecossistema em que se encontra (ANPROTEC,2020; BUDDEN, MURRAY, 2018).

Figura 1 - Sistema do MIT para inovação



Fonte: Budden e Murray, 2018.

As soluções para importantes problemas, a criação de postos de trabalho e o crescimento econômico e social resultam da combinação das capacidades de inovação e de empreendedorismo numa determinada região (ANPROTEC, 2020).

A inovação baseada no desenvolvimento científico e tecnológico é a chave para o desenvolvimento econômico de um país. Países como, Estados Unidos e China, usam a ciência, tecnologia e inovação de forma estratégica para seu crescimento econômico (MCTIC, 2016).

O crescimento econômico é um dos motivos para o interesse do governo na disseminação da inovação. Seguindo esta premissa, o Brasil instituiu a Lei 10.973, de 2 de dezembro de 2004, conhecida como Lei da Inovação. Esta lei criou incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica como estratégia para o desenvolvimento econômico e social. A lei estimula a criação de incubadoras de empresas<sup>1</sup>, instituições científicas, tecnológicas e de

<sup>1</sup> As incubadoras de empresas são ambientes dotados de capacidade técnica, gerencial, administrativa e infraestrutura para amparar o pequeno empreendedor. Elas disponibilizam espaço apropriado e condições efetivas para abrigar ideias inovadoras e transformá-las em empreendimentos de sucesso (ANPROTEC, 2012).

inovação (ICT)<sup>2</sup>, de núcleos de inovação e tecnologia (NIT)<sup>3</sup>, de parques<sup>4</sup> e polos de tecnologia<sup>5</sup> para que as empresas se instalem perto das universidades e estabeleçam projetos em parceria, entre outros *habitats* de inovação. Essa legislação define inovação como:

“...introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo e social que resulte em novos produtos, serviços ou processos ou que compreenda a agregação de novas funcionalidades ou características a produto, serviço ou processo já existente que possa resultar em melhorias e em efetivo ganho de qualidade ou desempenho” (BRASIL, 2004, art. 2º, VI).

Para estimular ainda mais a inovação, o governo também criou uma lei que concede incentivos fiscais às empresas que investem em inovação. A Lei n.º 11.196, de 21 de novembro de 2005, conhecida como Lei do Bem, que estabelece incentivos fiscais para que as empresas possam usufruir de forma automática, desde que realizem pesquisa tecnológica e desenvolvimento de inovação tecnológica.

Mas ainda havia obstáculos na aplicação do conhecimento gerado através das pesquisas pelo setor empresarial e pela sociedade. A legislação não permitia a agilidade necessária. Então, o Congresso Nacional aprovou um novo Marco Legal (Emenda Constitucional nº 85/2015, Lei nº 13.243/2016 e Decreto nº 9.283/2018) para a Ciência, Tecnologia e Inovação, para dar a agilidade e a segurança jurídica para que o conhecimento seja mais bem aproveitado (MCTIC, 2018).

O Marco Legal alterou nove legislações com o objetivo de criar um ambiente mais favorável à pesquisa, desenvolvimento e inovação nas universidades, nos institutos públicos e

---

<sup>2</sup> Órgão ou entidade da administração pública direta ou indireta ou pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos legalmente constituída sob as leis brasileiras, com sede e foro no País, que inclua em sua missão institucional ou em seu objetivo social ou estatutário a pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico ou o desenvolvimento de novos produtos, serviços ou processos (BRASIL, 2016).

<sup>3</sup> É definido na Lei de Inovação como sendo o núcleo ou órgão constituído por uma ou mais ICTs com a finalidade de gerir sua política de inovação. Há diferentes modelos de NITs e dependem das especificidades de cada ICT ou consórcio de ICTs e dos mecanismos de transferência de tecnologia utilizados por elas. A Lei de Inovação estabelece várias formas de transferência de tecnologia entre as ICTs e o setor produtivo entre os quais: a comercialização de criação desenvolvida pela ICT, a prestação de serviços e o estabelecimento de parcerias para o desenvolvimento de produtos e processos inovadores. Com a lei de inovação os NITs se tornaram um desafio para as IEs do país (BRASIL, 2005).

<sup>4</sup> Complexo planejado de desenvolvimento empresarial e tecnológico, promotor da cultura de inovação, da competitividade industrial, da capacitação empresarial e da promoção de sinergias em atividades de pesquisa científica, de desenvolvimento tecnológico e de inovação, entre empresas e uma ou mais ICTs, com ou sem vínculo entre si (BRASIL, 2016).

<sup>5</sup> Ambiente industrial e tecnológico caracterizado pela presença dominante de micro, pequenas e médias empresas com áreas correlatas de atuação em determinado espaço geográfico, com vínculos operacionais com ICT, recursos humanos, laboratórios e equipamentos organizados e com predisposição ao intercâmbio entre os entes envolvidos para consolidação, marketing e comercialização de novas tecnologias (BRASIL, 2016).

nas empresas: Lei de Inovação, Lei das Fundações de Apoio, Lei de Licitações, Regime Diferenciado de Contratações Públicas, Lei do Magistério Federal, Lei do Estrangeiro, Lei de Importações de Bens para Pesquisa, Lei de Isenções de Importações e Lei das Contratações Temporárias (MCTIC, 2018).

O Decreto nº 9283 de 2018, que regulamenta o novo marco legal, define “ambientes promotores da inovação” como “espaços propícios à inovação e ao empreendedorismo”. Esses ambientes são “característicos da economia baseada no conhecimento, articulam as empresas, os diferentes níveis de governo, as Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação, as agências de fomento ou organizações da sociedade civil”, suas duas dimensões são:

- a) ecossistemas de inovação - espaços que agregam infraestrutura e arranjos institucionais e culturais, que atraem empreendedores e recursos financeiros, constituem lugares que potencializam o desenvolvimento da sociedade do conhecimento e compreendem, entre outros, parques científicos e tecnológicos, cidades inteligentes, distritos de inovação e polos tecnológicos; e
- b) mecanismos de geração de empreendimentos - mecanismos promotores de empreendimentos inovadores e de apoio ao desenvolvimento de empresas nascentes de base tecnológica, que envolvem negócios inovadores, baseados em diferenciais tecnológicos e buscam a solução de problemas ou desafios sociais e ambientais, oferecem suporte para transformar ideias em empreendimentos de sucesso, e compreendem, entre outros, incubadoras de empresas, aceleradoras de negócios, espaços abertos de trabalho cooperativo e laboratórios abertos de prototipagem de produtos e processos.”(BRASIL, 2018, Art. 2º, II)

O *Global Innovation Index* (GII), é um estudo que serve como parâmetro para medir a inovação em um país. A partir deste estudo, os países podem projetar políticas públicas para inovação. No estudo apresentado em 2020, o Brasil ficou classificado na posição 62 de 131 países (INDEX, 2020). Outro estudo, *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), que é uma avaliação anual do nível da atividade empreendedora de diversos países. O GEM cria um perfil de cada país, o Brasil está na posição 43 de 54, no contexto de empreendedorismo nacional (BOSMA ET. AL., 2020)

A inovação e o empreendedorismo são importantes para o desenvolvimento local, e para que haja inovação é necessário que exista um “entorno territorial favorável”, um ecossistema propício à inovação. Llorens (2001) fala sobre a necessidade de criar esses entornos favoráveis por meio de agentes sociais públicos e privados através de ações conjuntas para a construção de uma “atmosfera facilitadora” do desenvolvimento econômico local e regional. O autor lista os fatores que favorecem a inovação em determinada região como o investimento em ciência e tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, a vinculação do sistema educacional com os problemas do setor produtivo, entre outros.

Esses agentes sociais públicos e privados, citados por Llorens (2001), fazem parte de um sistema de inovação. O Sistema Nacional de Inovação, que se trata de “um conjunto de elementos e estruturas de uma nação, no caso de sistemas nacionais, que assumem funções específicas no processo de produção, transmissão e armazenamento de conhecimentos para fins de inovação”. Um conjunto de instituições cujas interações determinam o desempenho inovador das firmas nacionais (TERRA, 2007, p. 2).

Essas regiões que apresentaram maior avanço tecnológico e inovação, não por acaso foram desenvolvidas ao redor de universidades e institutos de pesquisas com o incentivo dos governos locais. Segundo Etzkowitz (2013), “uma instituição educacional orientada para o empreendedorismo que transfere os conhecimentos existentes e / ou cria novos conhecimentos tem capacidade para gerar um crescimento econômico significativo”<sup>6</sup> (ETZKOWITZ, 2013, p.1, tradução nossa).

O conhecimento científico, gerado pelas universidades em diferentes setores, muitas vezes é voltado para as necessidades regionais. Isso gera um impacto positivo no desenvolvimento econômico dessa região através do aproveitamento do conhecimento produzido (CHIARINI, VIEIRA e ZORZIN, 2012).

### 1.1.1 Universidade empreendedora

O Vale do Silício é uma região da Califórnia, onde surgiram empresas de tecnologia, a partir de interações entre o governo, a indústria e a universidade. Stanford é uma universidade empreendedora, na qual ao seu redor estão situadas várias empresas de alta tecnologia, e a maioria dessas empresas surgiram a partir de projetos de pesquisas de alunos. O Vale do Silício é um exemplo de inovação regional que inspira pesquisadores e alunos do mundo inteiro (ETZKOWITZ, 2013).

Ele é conhecido mundialmente por ser um lugar atrativo de capital humano, financeiro e intelectual. O Vale do Silício, além de ser um lugar que gera novas tecnologias e indústrias, tornou-se uma referência para a comercialização dessas tecnologias com instituições locais e de outros países (ETZKOWITZ, 2013).

---

<sup>6</sup> O texto em língua estrangeira é: “An entrepreneurially oriented educational institution that transfers existing knowledge and / or creates new knowledge has the capacity to generate significant economic growth.”

Essa interação entre os três agentes, governo, universidade e empresa, tem o objetivo de promover a cultura empreendedora nas universidades, disseminando a inovação e a educação empreendedora nas IES. Essa interação é conhecida como hélice tríplice, que gera o desenvolvimento socioeconômico baseado no conhecimento:

“A hélice tríplice é um conceito fundamental, cuja metáfora representa um mecanismo de interação, que permite aos autores: universidade, empresa e governo, criarem sinergia entre eles e entre os demais atores sociais de uma rede se desenvolvimento. Esta rede, localizada em um sistema de inovação, promove o progresso por meio da atitude empreendedora, da modernização tecnológica e consequentemente, da inovação.” (TERRA, 2007, p.8).

O termo hélice tríplice, criado por Etzkowitz, surgiu de uma metáfora que identificava os protagonistas de um sistema regional de inovação na Rota 128, em Massachusetts (ETZKOWITZ E ZHOU, 2017). Assim, como no Vale do Silício, Empresas de Base Tecnológica (EBT) surgiram ao redor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e da Universidade de Harvard. Segundo Etzkowitz (2008), a Hélice Tríplice reforça a importância do papel das universidades e do governo no processo de inovação:

“A inovação assume um novo significado à medida que as espirais da tripla hélice se entrelaçam. Mesmo em seu sentido original de desenvolvimento de produto, a inovação não é mais apenas um campo especial da indústria. Instituições produtoras de conhecimento tornaram-se mais importantes para a inovação à medida que o conhecimento se torna um elemento cada vez mais significativo no desenvolvimento de novos produtos. Essa expansão do conceito de inovação faz com que universidade e governo sejam atores significativos no processo de inovação, de forma colaborativa bem como individualmente” (ETZKOWITZ, 2008, p.23, tradução nossa).<sup>7</sup>

O conceito de universidade empreendedora surgiu a partir desses acontecimentos na Rota 128 e no Vale do Silício, onde a universidade passou a ser protagonista com o surgimento das *spin-off*<sup>8</sup>, que são empresas que surgiram dentro das universidades derivada de pesquisas realizadas dentro das incubadoras. As universidades estão adotando uma postura diferente, que leva as instituições criadoras de conhecimento mais de perto no processo de inovação, transformando conhecimento em atividade econômica, incorporando o desenvolvimento

---

<sup>7</sup> O texto em língua estrangeira é: “Innovation takes on a new meaning as the spirals of the triple helix intertwine. Even in its original sense of product development, innovation is no longer only the special province of industry. Knowledge-producing institutions have become more important to innovation as knowledge becomes an increasingly significant element in new product development. This expansion of the concept of innovation makes university and government significant actors in the innovation process, collaboratively as well as individually.”

<sup>8</sup> Empresas novas que surgem a partir de uma empresa maior, de uma universidade ou de um centro de pesquisa público ou privado (TARTARUGA, 2016, p.94).

econômico e social como parte de sua missão (ETZKOWITZ, 1998; ETZKOWITZ e ZHOU, 2017).

Para Etzkowitz e Zhou (2017), a dinâmica da Hélice Tríplice é a universidade empreendedora, comprometida com o desenvolvimento econômico da sua região, na qual um número significativo de docentes incentiva seus alunos a aproveitar e levar adiante a tecnologia desenvolvida em seus laboratórios, onde os próprios professores e alunos possam assumir papéis de liderança nas *spin-off* e nas universidades.

Abdalla, Calvosa e Batista (2009) enumeraram as responsabilidades e limitações (Quadro 1) de cada agente da Tríplice Hélice. A burocracia em excesso, investimento baixo em inovação, despreparo acadêmico e tecnológicos e a falta de vínculo com iniciativas privadas são exemplos de limitações desses atores da Hélice Tríplice. Camboim (2013) reconhece um avanço do Brasil na área de pesquisa em Ciência e Tecnologia, mas enfatizam a importância das responsabilidades de cada agente da Tríplice Hélice: a universidade deve gerar conhecimento, o governo deve fornecer recursos financeiros necessários e a empresa sua estrutura de processo produtivo.

Quadro 1 – Responsabilidades e Limitações de cada ator da Hélice Tríplice

Ator	Responsabilidades	Limitações
Governo	1. Promover o desenvolvimento econômico e social através de novas estruturas organizacionais; 2. Possuir planos políticos com metas governamentais claras voltadas para inovação e conhecimento; 3. Interagir entre as diversas esferas políticas; 4. Promover benefícios à população.	5. Burocratização excessiva e falta de flexibilização para implementação de projetos em parceria; 6. Necessidade de gerenciamento público profissional e participativo.
Iniciativa Privada	1. Desenvolver de produtos e serviços inovadores; 2. Promover a interação com os centros de transferência de tecnologia da comunidade científica. 3. Liderar os processos de mudança	4. Pouca capacidade de investimentos em Inovação e desenvolvimento de tecnologias; 5. Despreparo acadêmico e tecnológico para a condução de pesquisas.
Universidade	1. Criar fontes de novos conhecimentos e tecnologias; 1. Estabelecer relações com as empresas e os governos; 2. Criar novas áreas de atuação; 3. Liderar os processos de mudança.	4. Dependência de órgãos de fomento para realização de pesquisas; 5. Visão míope de capacitação profissional e formação de mão de obra; 6. Vínculos fracos com a sociedade e com a iniciativa privada.

Fonte: Abdalla, Calvosa e Batista, 2009.

Nos Estados Unidos e em alguns países europeus, estudos confirmaram que as universidades mais empreendedoras estão sempre entre as mais bem avaliadas no campo de ensino e pesquisa, atraindo mais recursos financeiros, melhores pesquisadores e melhores estudantes (TERRA e OHAYON, 2019).

Lemos e Cario (2017) perceberam em seu estudo que as atividades de inovação ainda são muito restritas aos grupos de pesquisa e não configura como uma política institucional da universidade brasileira, ou seja, a universidade não é considerada como empreendedora se não disseminar a inovação como seu pilar.

Terra e Ohayon (2019) não só afirmam que as universidades deverão estimular o empreendedorismo, como também promover a interação de grupos de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento. A disseminação do conhecimento e a realização de pesquisas cabe às IES e aos Institutos de Pesquisa, tendo como missões a “conservação do conhecimento (ensino), a ideia de criação de conhecimento (pesquisa) e ainda uma terceira missão: a aplicação de todo esse conhecimento produzido (empreendedorismo e inovação).” (TERRA e OHAYON, 2019, p.5720/kindle).

O Brasil é um país que tem bastante potencial para a inovação, mas que possui obstáculos burocráticos no relacionamento entre empresas privadas e universidades públicas. Lemos e Cario (2017) chegaram a essa conclusão em seu estudo, verificando que a estrutura da universidade não permite que seu relacionamento com o setor produtivo (empresa) se desenvolva da melhor forma, pois as estruturas das universidades são departamentalizadas e burocráticas, diferente do que se encontra no mercado. Além disso, há dificuldade por parte dos pesquisadores de atuar de forma mais autônoma em relação à união de várias áreas de conhecimento para que resulte numa pesquisa de maior amplitude.

Terra e Ohayon (2019) falam sobre esse obstáculo que impede o país de crescer economicamente através do investimento em inovação, apesar das organizações criadas, legislações e políticas públicas para esse fim:

“... a cultura, o cenário burocrático brasileiro, o financiamento público e privado limitado, a falta de infraestrutura para o desenvolvimento das ideias, o desconhecimento da aplicação das leis e políticas de incentivos, os projetos pedagógicos das universidades sem foco em negócios (em qualquer área do conhecimento ou setor produtivo) impedem que a inovação seja deslanchada para níveis adequados ao desenvolvimento pretendido do país.” (TERRA, OHAYON, 2019, p.17).

Para que haja uma mudança nesse cenário, as universidades precisam apoiar o empreendedorismo com o comprometimento de toda sua instituição através de ações empreendedoras, modelos corporativos para o empreendedorismo, cultura organizacional, administração e avaliação de projetos, entre outras. A inovação não é uma atividade para poucas pessoas com ações isoladas, mas para a instituição inteira. “Não podem existir apenas ações isoladas, como a criação de departamentos, como um núcleo de inovação, e delegar a ele toda a responsabilidade” (POSSAMAI, RABELO, LIMA, 2020, p.71).

Os *habitats* de inovação têm apresentado resultados importantes na cultura da inovação e empreendedorismo mundialmente. Portanto, há uma necessidade de investir em *habitats* de inovação nas universidades públicas. Teixeira et al. (2016) relacionaram alguns desses ambientes como cidades intensivas em conhecimento, cidades inteligentes, cidades sustentáveis, parques (tecnológicos, científicos, tecnológicos e científicos, de inovação, de pesquisa), centros de inovação, NIT, aceleradoras<sup>9</sup>, incubadoras, pré-incubadoras, *coworking space*, e *markespace*. Esses ambientes “permitem que os empreendedores tenham seus riscos minimizados e resultados maximizados”, através de infraestrutura, tecnologia, capital e conhecimento (DEPINÉ E TEIXEIRA, 2018, p.10).

No Brasil, parques tecnológicos têm sido criados na intenção de estimular o conceito da universidade empreendedora, assim como outros *habitats* de inovação. No entanto, “tem se discutido que essa questão é dificultada pelo relativamente baixo investimento em P&D, bem como devido à pouco frequente prática de cooperação U-E-[universidade-empresa]” (NOVELI E SEGATTO, 2012, p.100).

### 1.1.2 Educação Empreendedora

A educação empreendedora vai muito além de ensinar a alguém a se tornar um empresário, e sim a desenvolver uma atitude empreendedora. “...Pode-se definir o empreendedor como aquele que inova, aquele que propõe formas diferentes de fazer as coisas, aquele que reorganiza os recursos produzindo ganho” (LOPES, 2010, p.4).

Portanto, a educação empreendedora tem como objetivo inspirar nos alunos, de todos os níveis de educação, a solucionar problemas gerando valor para a sociedade. Através do

---

<sup>9</sup> Uma organização que visa acelerar a criação de novos empreendimentos com oportunidades de networking, aprendizado e orientação por um período limitado de tempo (TEIXEIRA e DEPINÉ, 2018).

desenvolvimento das características e competências necessárias para criar seu próprio negócio, inovar um produto/ processo em uma empresa já existente (conhecido como intraempreendedor), dar soluções para outros empreendedores através de consultoria, ou também dedicar-se ao empreendedorismo social, que são ações inovadoras voltadas à necessidade da sociedade (NECK, GREENE E BRUSH,2014; LOPES, 2010; LOPES, 2017).

No entanto, segundo Lopes (2010), alguns cursos de graduação estão atrasados ao ensinar aos alunos conteúdos mecanicistas para formar uma “mão de obra especializada”, onde os assuntos abordados são relacionados à técnica. Muitos alunos de graduação da área de negócios aprendem ferramentas gerenciais isoladas de outras disciplinas, o que os dificulta a ter uma visão crítica e integrada da empresa. A separação dos conteúdos no currículo impede que o aluno relacione uma matéria à outra. A educação empreendedora deveria atingir todo o currículo de maneira ampla, e não disciplinas isoladas e em alguns casos optativas.

Lopes (2010) fala sobre a definição de empreendedorismo apresentada em sala de aula de muitas IES como o empresário sendo considerado como um “capitalista explorador” e o empregado como uma “peça manipulável”. Esse tipo de conceito traduz o empreendedorismo como uma escola exclusiva para a formação de administradores, o que distorce a visão de outros cursos de graduação sobre a importância da inclusão da educação empreendedora no seu currículo. Lopes (2010) afirma que há uma diferença significativa entre formar um administrador e formar um empreendedor, pois a educação empreendedora tem a missão de formar o empreendedor transformador social.

A educação empreendedora inspira o aluno a buscar uma melhoria na relação com o mundo e com as pessoas. Conforme Lopes (2010):

“Os jovens estudantes encontram na educação empreendedora uma forma de enfrentar as desigualdades do mundo contemporâneo, seja como forma de distribuição de renda, de inclusão social ou de buscar novas soluções para a nova dinâmica social da pós-modernidade” (LOPES, 2010,p.88).

A cultura empreendedora é importante para o desenvolvimento social. Para Lopes (2010), problemas sociais que não podem ser resolvidos com políticas públicas podem ser solucionados pela população à margem da economia global através da promoção da cultura empreendedora e da inovação. O empreendedorismo tem sido visto como uma ferramenta que direciona a inovação e promove o desenvolvimento econômico (SCHUMPETER, 1939).

A educação empreendedora precisa ser discutida desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior, onde algumas habilidades e competências pessoais devem ser trabalhadas. Os

professores que se propõem a ensinar empreendedorismo têm o desafio estimular o pensamento criativo e inovador dos seus alunos (LOPES, 2010). A educação empreendedora não pode ser ensinada através de uma disciplina isolada, e nem ficar só dentro da sala de aula. Ela precisa ser vivenciada com intensidade por todos (LOPES, 2010).

Um exemplo que está fora das quatro paredes da sala de aula é a incubadora de empresas, que oferecem estrutura para a criação de novas empresas. São exemplos de ambientes inovadores que estão presentes em sua maioria nas universidades públicas. Encontra-se dentro da própria universidade, ambientes que estimulam a cultura empreendedora e inovação, mas que nem sempre são frequentados por todos os alunos e professores. A maioria dos professores preferem aplicar o conteúdo de forma automática do que ter essa experiência (LOPES, 2010).

Outro exemplo é o das empresas juniores, que são associações civis sem fins lucrativos, formadas e geridas por alunos de um curso superior (SEBRAE, 2020). Elas têm o objetivo de estimular o aprendizado prático do aluno em sua área de atuação, aproximar o mercado de trabalho das universidades, gerir com autonomia dos alunos em relação à direção da faculdade e desenvolver projetos de consultoria na área de formação dos alunos (SEBRAE, 2020).

O trabalho na empresa júnior promove um aprendizado por meio da prática, da vivência, diferente para cada indivíduo, em contextos reais de trabalho. Jeolás (2015) descreve, em seu artigo sobre Empresas Juniores, como os alunos desenvolvem habilidades e competências como liderança, trabalho em equipe, oratória e negociação. Os alunos têm a oportunidade de melhorar seu currículo, além de saírem motivados a começar seu próprio negócio.

Lopes (2017) aborda a importância da aprendizagem prática (aprender fazendo), fundamental na educação empreendedora. E destaca o papel de metodologias ativas, que são estratégias de ensino que colocam o aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem (BACICH e MORAN, 2018). Algumas dessas metodologias são: a aprendizagem baseada em problemas (pesquisa das causas possíveis de um problema), a aprendizagem baseada em projetos (pesquisa de uma solução específica), a aprendizagem independente (autônoma), a sala de aula invertida (onde o aluno pesquisa sobre o tema antes da aula e depois há um debate sobre o assunto), entre outros.

Segundo Bacich e Moran (2018), as metodologias ativas podem ser aplicadas em uma disciplina específica. Mas também podem fazer parte de um projeto interdisciplinar que integre mais de uma disciplina ou área de conhecimento, auxiliando os alunos na percepção das relações entre essas disciplinas. Esses projetos estão mais próximos da realidade do estudante, onde ele aprende a partir de uma necessidade concreta a chegar a uma solução que beneficie a todos ao seu redor. Lopes (2017) afirma que é imprescindível expor os alunos a casos da vida

real, ou mais próximo possível da realidade. Estimulando o relacionamento dos alunos com os negócios, com empreendedores e com a comunidade local.

Neck, Greene e Brush (2014) também abordam a educação empreendedora a partir de uma perspectiva baseada na prática. Essas práticas podem acontecer em qualquer curso, em qualquer campus e com qualquer aluno. As autoras entendem que o empreendedorismo não é previsível, pois os ambientes empresariais são imprevisíveis. Portanto, “empreendedorismo como um método” representa um conjunto de habilidades e técnicas que forçava os alunos a pensar de forma empreendedora, diferente de outros autores que acreditavam que o empreendedorismo era um processo linear, como se fosse uma receita de bolo.

Neck, Greene e Brush (2014) percebiam que a realidade estava distante do que era ensinado em sala de aula. Então, elas defendiam o uso de um método que envolvesse habilidades e conhecimento que os fizessem agir e pensar de forma empreendedora.

As autoras apresentam cinco práticas, conforme Quadro 2, para abordagem da educação empreendedora em sala de aula: (1) *Jogar*, na qual são realizadas dinâmicas e simulações de forma interativa relacionados à educação empreendedora, para desenvolver e estimular a visão para diferentes possibilidades; (2) *Empatia*, na qual o empreendedor é considerado como um solucionador de problemas da sociedade, coloca-se no lugar do outro, para entender suas necessidades; (3) *Criação*, na qual a criatividade dos alunos é estimulada através de brainstorming, mapa mental, estímulo ao pensamento divergente, para que os alunos criem. (4) *Experimentar*, no qual os alunos constroem, revisam e adaptam suas ideias, como um laboratório em que eles possam testar e aprender como funciona no mundo dos negócios; (5) *Refletir*, no qual os alunos analisam a teoria e prática aplicada em cada etapa anterior (NECK, GREENE E BRUSH, 2014).

Quadro 2 – Empreendedorismo como método

JOGAR	Brincadeiras, jogos, dinâmicas com o objetivo de desenvolver habilidades e estimular a visão de possibilidades
EMPATIA	Prática da empatia através da observação, para entender as necessidades e problemas dos clientes, da equipe e da sociedade
CRIAÇÃO	Brainstorming e mapa mental para estimular a criatividade
EXPERIMENTAÇÃO	Projetos e situações propostos por empresas reais ou o desenvolvimento do próprio negócio
REFLETIR	Acontece durante todas as etapas, onde o aluno pensa enquanto age

<b>"Empreendedorismo como método"</b>	
<b>JOGAR</b>	Brincadeiras, jogos, dinâmicas com o objetivo de desenvolver habilidades e estimular a visão de possibilidades.
<b>EMPATIA</b>	Prática da empatia através da observação, para entender as necessidades e problemas dos clientes, da equipe e da sociedade.
<b>CRIAÇÃO</b>	Brainstorming e mapa mental para estimular a criatividade.
<b>EXPERIMENTAÇÃO</b>	Projetos e situações propostos por empresas reais ou o desenvolvimento do próprio negócio.
<b>REFLETIR</b>	Acontece durante todas as etapas, onde o aluno pensa enquanto age.

Fonte: A autora, 2020.

Além da metodologia, os professores também têm um papel importante na Educação Empreendedora, contribuindo para o sucesso das disciplinas e atividades. Através de sua didática, eles “inspiram, motivam, desafiam, questionam e propõem as situações de aprendizagem ativas para que os alunos se envolvam e procurem resolver os problemas com que foram desafiados, e desenvolvam suas competências empreendedoras”. Eles devem estimular a criatividade, ação e reflexão dos alunos (LOPES, 2017, p.46).

A revista americana *Entrepreneur Magazine* faz uma classificação anual dos melhores programas de Educação Empreendedora das universidades americanas. São avaliadas 75 variáveis como por exemplo, a titulação, as consultorias, produção científica, alunos em

competição nacional e internacional de planos de negócios, incubadoras, ligação entre universidade e empresa, transferência de tecnologias para empresas, centro de empreendedorismo e fundos disponíveis para pesquisas, clubes de empreendedorismo, alunos que iniciam negócios enquanto estão no programa, planos estratégico, entre outros pontos. As IES que estão classificadas nas melhores categorias, não por acaso, são as melhores universidades dos Estados Unidos (LOPES, 2010).

Em 2020, em segundo lugar nesta classificação da *Entrepreneur Magazine*, dos 50 melhores programas de educação empreendedora, está a *Babson College*, uma referência em educação empreendedora nos Estados Unidos. Uma universidade americana localizada em Boston, que possui o curso de graduação em contabilidade entre outros da área de negócios. Essa universidade apresenta um programa chamado de *Foundations of Management and Entrepreneurship* (FME), onde os alunos no primeiro ano do curso têm a oportunidade de criar, desenvolver e gerenciar seu próprio negócio. Eles têm a oportunidade de aprender comunicação empresarial, liderança, trabalho em equipe, gerência de riscos, inteligência emocional, entre outras competências e habilidades. O projeto conta com o apoio de professores que passam aos alunos os conhecimentos técnicos necessários, a universidade empresta cerca de US\$ 9.000,00 para cada equipe desenvolver sua própria ideia, sempre incentivando os alunos a focar nas causas sociais. E por fim, os alunos fazem uma parceria com uma instituição social local, onde será realizado um trabalho voluntário e doado 50% dos lucros arrecadados para esta instituição e os outros 50% para outras instituições sociais (BABSON COLLEGE, 2020; ENTREPRENEUR, 2020). Neck, Greene e Brush (2014) recomendam que esta experiência deve acontecer no início do curso, pois vivenciar antes as etapas de uma empresa, vai auxiliar no entendimento de gestão do negócio e outros assuntos correlatos que serão lecionados durante o curso.

Em relação ao ensino do empreendedorismo no Brasil, algumas instituições promovem palestras e aulas com o tema da educação empreendedora, mas nem todas as universidades fazem essa parceria. O SEBRAE, por exemplo, criou em 2013 o Programa Nacional de Educação Empreendedora que é uma iniciativa que promove ações para fortalecer a cultura empreendedora, em todos os níveis do ensino formal por meio de pesquisas, estudos, ferramentas, cursos, prêmios e eventos. Ele oferece algumas disciplinas, sendo uma delas “Empreendedorismo e Inovação” que são ministradas em sala de aula das Instituições parceiras do SEBRAE (SEBRAE, 2020).

Nas universidades brasileiras, Lopes (2010) abordou sobre uma pesquisa, no período de janeiro a maio de 2008, sobre como empreendedorismo é abordado e chegaram à conclusão que

existia uma maior concentração de disciplinas relacionadas a empreendedorismo em universidades públicas do que em privadas. A disciplina de empreendedorismo também estava presente em alguns cursos como engenharia, computação, turismo, comunicação social, fonoaudiologia e educação física.

Foram identificados temas como plano de negócios, criatividade, inovação, consórcio de exportação, incubadoras de negócios, cooperativismo e intraempreendedorismo. No entanto, eles criticaram os conteúdos apresentados, pois a bibliografia dessas disciplinas não apresentava autores com teorias diferentes para que haja um debate de ideias, contribuindo para a construção do conhecimento do aluno (LOPES, 2010). Segundo a autora:

“-Uma educação empreendedora requer uma estrutura acadêmico-pedagógica que forneça um repertório de leituras capaz de abrir os caminhos para que novas ideias possam ser articuladas. Esse tipo de proposta pedagógica é indispensável para o contexto no qual o empreendedorismo deve ser semeado no dia a dia das universidades.-” (LOPES, 2010, p.79)

Ainda conforme Lopes (2010), os professores têm a missão de estimular os alunos a ter uma mentalidade empreendedora. O tema tem que ser apresentado ao aluno de forma integrada a outras disciplinas, à universidade e à comunidade em que está inserido. O aluno precisa desenvolver as habilidades e competências necessárias para ser um empreendedor. No entanto, essa formação interdisciplinar e participativa não estava presente na maioria das universidades brasileiras conforme seu estudo.

Atualmente a educação empreendedora é encontrada na maioria das IES na forma de disciplinas opcionais, complementares ao currículo ou até mesmo extracurriculares. Lopes (2017) afirma que a educação empreendedora tem entrado nos currículos como uma adição e nos últimos períodos do curso. Algumas IES incluem o tema como parte obrigatória do currículo, mas são poucos os casos em que ela é considerada como parte integrante do curso sendo tratada de forma transversal ao currículo em qualquer disciplina.

Um exemplo de educação empreendedora no Brasil, baseado na teoria de Neck, Greene e Brush (2014), é o caso da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 2013, foi criado o Departamento de Empreendedorismo e Gestão que passou a integrar a Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Este departamento passou a oferecer o curso *Minor* de Empreendedorismo e Inovação, antes oferecido por ensino à distância pelo CEDERJ. “O objetivo do *Minor* em Empreendedorismo e Inovação é oferecer aos alunos de todos os cursos e campi da UFF a chance de “pensar” como possibilidade de carreira a criação de um empreendimento empresarial ou social” (COSTA, MANCEBO, MARIANO, 2017, p.7). Esse

curso tem a duração de um ano e apresenta assuntos como formação de equipes (dicas para montar o seu time antes de iniciar um projeto empreendedor), *startups*<sup>10</sup> e *spin-offs*, caminhos para empreender dentro da universidade, modelo de negócios, planejamento de novos empreendimentos e de projetos empreendedores, validação de propostas de empreendimento por meio da interação com possíveis clientes, e apresentação de projetos empreendedores (dicas de como realizar apresentações para obtenção de apoiadores, parceiros e/ou investidores) (COSTA, MANCEBO, MARIANO, 2017).

A construção de um programa de educação empreendedora não é somente a inclusão de disciplinas da área no projeto pedagógico dos cursos. É necessário que a universidade se torne uma instituição de ensino empreendedora com novas práticas pedagógicas (COSTA, MANCEBO, MARIANO, 2017).

Nos Estados Unidos, o Consórcio de Educação Empreendedora (*The National Consortium for Entrepreneurship Education*), um grupo de especialistas em educação empreendedora elaboraram padrões de práticas e programas educacionais para todos os níveis escolares para fortalecer a mentalidade empreendedora em todos os alunos. Esses padrões têm o propósito de direcionar a elaboração dos currículos das instituições de ensino em relação à educação empreendedora (ENTREED,2020).

Eles fazem parte do Padrões de Conteúdo Nacional para Educação Empreendedora (*National Content Standards for Entrepreneurship Education*). Foram definidos 5 passos de aprendizagem que o empreendedor deve cumprir para ter sucesso chamados de Modelo de aprendizagem ao longo da vida (Quadro 3). No qual as IES têm o papel de apoiar seus alunos em cada uma dessas etapas e desenvolver as 15 habilidades necessárias aos alunos para serem empreendedores (Quadro 4). (ENTREED,2020).

---

<sup>10</sup> Um grupo de pessoas iniciando uma empresa, trabalhando com uma ideia diferente, escalável e em condições de extrema incerteza (SEBRA,2020).

Quadro 3 – O modelo de Aprendizagem ao Longo da Vida

<b>O Modelo de Aprendizagem ao Longo da Vida</b>
<p><b>Etapa 1 - Básico</b></p> <p>Nesta primeira etapa, o o foco está em entender os conceitos básicos de nossa economia, as oportunidades de carreira e a necessidade de dominar habilidades básicas para ser bem sucedido em uma economia de livre mercado.</p>
<p><b>Etapa 2 - Consciência de Competência</b></p> <p>Os alunos aprenderão a falar a língua dos negócios e verão os problemas do ponto de vista do proprietário de pequenas empresas. É um tema necessário na carreira e na educação empreendedora. A ênfase está no desenvolvimento de competências que podem ser ensinadas numa única matérias ou incluídas como parte de outras aulas relacionadas ao empreendedorismo. Por exemplo, problemas de fluxo de caixa podem ser usados na aula de matemática e demonstrações de vendas podem fazer parte de uma aula de comunicação.</p>
<p><b>Etapa 3 - Aplicações Criativas</b></p> <p>Há muito o que aprender sobre como iniciar e administrar um negócio, não é surpreendente que muitas empresas tenham problemas. Nesta fase, os alunos podem reservar um tempo para explorar idéias de negócios e maneiras de planejar um negócio. Embora ainda seja apenas uma experiência educacional, os alunos devem obter maior profundidade e amplitude conhecimento que eles podem ter das etapas anteriores. Este estágio incentiva os alunos a criar uma ideia de negócio única e levar a processo de tomada de decisão através de um plano de negócios completo. Os melhores programas permitem que os alunos experimentem realmente a operação de um negócio.</p>
<p><b>Etapa 4 - Inicialização</b></p> <p>Depois que os adultos tiveram tempo de adquirir experiência profissional e / ou promover seu aprendizado, muitos precisam de assistência especial para montar um negócio. Programas de educação comunitária com foco na abertura de empresas está amplamente disponível em programas técnicos e de carreira, programas comunitários de assistência, faculdades comunitárias e universidades.</p>
<p><b>Etapa 5 - Crescimento</b></p> <p>Frequentemente, os empresários não procuram ajuda até que seja tarde demais. Uma série de seminários ou grupos de apoio contínuos pode ajudar o empreendedor a reconhecer problemas potenciais e como lidar com eles de maneira completa e oportuna. Muitas faculdades comunitárias e programas de educação continuada em universidades oferecem tais seminários e workshops para a comunidade empresarial. Eles reconhecem que o melhor plano de desenvolvimento econômico é ajudar as comunidades empresariais existentes a crescerem e prosperarem.</p>

Fonte: EntreEd, 2020.

Quadro 4 – Habilidades necessárias ao Empreendedorismo

<p><b>1) Habilidades Empresariais</b></p> <p>Os processos e características / comportamentos associados ao sucesso empresarial.</p> <p><b>A. Processos Empreendedores (Compreende conceitos e processos associados ao desempenho empreendedor de sucesso):</b> Descoberta / Desenvolvimento de conceito / Recursos / Realização / Colheita</p> <p><b>B. Traços / comportamentos empreendedores (Compreende os traços / comportamentos pessoais associados ao desempenho empreendedor de sucesso):</b> Liderança / Avaliação pessoal / Gerenciamento pessoal</p>
<p><b>2) Habilidades relativas à prontidão para o empreendedorismo</b></p> <p>O conhecimento e as habilidades básicas de negócios que são pré-requisitos ou co-requisitos para se tornar um empreendedor</p> <p><b>C. Fundamentos de Negócios (Compreende conceitos fundamentais de negócios que afetam a tomada de decisões de negócios)</b> Conceitos de Negócios / Atividades de negócio</p> <p><b>D. Comunicações e habilidades interpessoais (Compreende conceitos, estratégias e sistemas necessários para interagir efetivamente com os outros)</b> Fundamentos da Comunicação / Comunicações da equipe / Ética na Comunicação / Relações de trabalho em grupo / Lidar com conflito</p> <p><b>E. Habilidades digitais (Compreende conceitos e procedimentos necessários para operações básicas do computador)</b> Noções básicas de computador / Aplicações de Computador</p> <p><b>F. Economia (Compreende os princípios e conceitos econômicos fundamentais ao empreendedorismo / propriedade de pequenas empresas)</b> Conceitos Básicos / Relações Custo-Lucro / Indicadores Econômicos / Tendências / Sistemas Econômicos / Conceitos Internacionais</p> <p><b>G. Administração Financeira (Compreende conceitos, procedimentos e estratégias pessoais de gerenciamento de dinheiro)</b> Noções básicas sobre dinheiro / Serviços financeiros / Gestão de dinheiro pessoal</p> <p><b>H. Desenvolvimento profissional (Compreende os conceitos e estratégias necessários para a exploração, desenvolvimento e crescimento de carreira)</b> Planejamento de carreira / Habilidades de procura de emprego</p>
<p><b>3) Funções empresariais</b></p> <p>As atividades de negócios realizadas pelos empreendedores na gestão dos negócios.</p> <p><b>I. Gestão Financeira (Compreende os conceitos e ferramentas financeiros utilizados na tomada de decisões de negócios)</b> Contabilidade / Finança / Gerenciamento de dinheiro</p> <p><b>J. Gestão de Recursos Humanos (Compreende os conceitos, sistemas e estratégias necessários para adquirir, motivar, desenvolver e demitir funcionários)</b> Organização / Pessoal / Treinamento e Desenvolvimento / Moral / Motivação / Avaliação</p> <p><b>K. Gestão da informação (Compreende os conceitos, sistemas e ferramentas necessários para acessar, processar, manter, avaliar e disseminar)</b> Informações para tomada de decisões de negócios / Manutenção de registros / Tecnologia / Aquisição de Informações</p> <p><b>L. Gerenciamento de Marketing (Compreende os conceitos, processos e sistemas necessários para determinar e satisfazer o cliente)</b> Necessidades / Desejos / Expectativas, atenda às metas / Objetivos de negócios e crie novas idéias de produtos / Serviços / Criação de Produto / Serviço / Gerenciamento de informações de marketing / Promoção / Preços / Venda</p> <p><b>M. Gerenciamento de Operações (Compreende os processos e sistemas implementados para facilitar as operações comerciais diárias.)</b> Sistemas de Negócios / Gestão de canais / Contratos de compra / Operações diárias</p> <p><b>N. Gerenciamento de Riscos (Compreende os conceitos, estratégias e sistemas que as empresas implementam e aplicam para minimizar as perdas)</b> Riscos de Negócios / Considerações legais</p> <p><b>O. Gestão Estratégica (Compreende os processos, estratégias e sistemas necessários para orientar a organização comercial geral)</b> Planejamento / Controlando</p>

Fonte: EntreEd, 2020.

O Modelo de aprendizagem ao longo da vida (Quadro 3) é semelhante a dois dos cinco passos do empreendedorismo como método de Neck, Greene e Brush (2014), os passos

relacionados a criatividade e experimentação. Mas a diferença mais expressiva é que no modelo de Neck, Greene e Brush (2014), a prática é aplicada desde o início.

As 15 habilidades relacionadas no Quadro 4 são divididas em três seções: habilidades empreendedoras, habilidades relativas à prontidão para o empreendedorismo e funções de negócios. Elas devem ser promovidas em todos os níveis de ensino, do ensino fundamental ao ensino superior. É razoável esperar resultados diferentes em cada nível de educação, à medida que os alunos amadurecem e se baseiam em conhecimentos. Mas o objetivo geral continua sendo o desenvolvimento de conhecimentos como empreendedor (ENTREED,2020).

A Comissão Europeia desenvolveu um relatório chamado *EntreComp* em 2018, onde também são relacionadas as competências e habilidades empreendedoras, destacando sua importância e transversalidade no processo de aprendizagem formais e informais. Elas contribuem para o desenvolvimento da atitude empreendedora (Quadro 5).

Quadro 5 – Relatório *EntreComp*

<b>Ideias e Oportunidades</b>	
<b>Identificação de Oportunidades</b>	Usar sua imaginação e habilidades para identificar oportunidades para criar valor
<b>Criatividade</b>	Desenvolver ideias criativas com propósito
<b>Visão</b>	Trabalhar em direção à sua visão do futuro
<b>Valorizando ideias</b>	Aproveitar ao máximo as ideias e oportunidades
<b>Pensamento ético e sustentável</b>	Avaliar as consequências e impacto de ideias, oportunidades e ações
<b>Recursos</b>	
<b>Consciência de si e auto eficácia</b>	Acreditar em si mesmo e manter-se em constante desenvolvimento.
<b>Motivação e perseverança (resiliência)</b>	Permanecer focado nos objetivos e não desistir.
<b>Mobilização de recursos</b>	Buscar e administrar os recursos que precisa
<b>Conhecimentos básicos sobre finanças e economia</b>	Desenvolver de know-how financeiro e econômico
<b>Mobilização de pessoas/terceiros</b>	Inspirar, entusiasmar e fazer com que outros embarquem no projeto.
<b>Ação</b>	
<b>Tomar iniciativa</b>	Iniciar o processo
<b>Planejamento e gerenciamento</b>	Priorização, organização e acompanhamento das prioridades e dos planos
<b>Lidar com a incerteza</b>	Tomar as decisões necessárias ante às incertezas, ambiguidade e risco.
<b>Trabalhar com os outros</b>	Formação de equipe, colaboração e rede de relacionemos
<b>Aprender com a experiência</b>	Aprender fazendo, mas retirando as lições dos resultados positivos e negativos

Fonte: EntreComp, 2016.

Lopes (2017) destaca que essas competências e habilidades não são uma sequência de aprendizado, e que envolvem dois aspectos importantes: o primeiro é a autonomia em assumir a responsabilidade de agir e criar valor sobre as ideias e as oportunidades e o segundo é a capacidade de gerar valor em qualquer situação e ambiente, do mais simples ao mais complexo.

Segundo alguns autores, a educação empreendedora em alguns cursos de graduação no Brasil é limitada pois muitos cursos restringem-se a oferecer somente o desenvolvimento de um plano de negócios. Precisa haver uma diversificação na oferta de disciplinas e atividades, e que os alunos tenham contato com empreendedores e sua realidade (LOPES, 2010; LIMA ET AL.,2012).

No entanto, Lopes (2017), afirma que na última década a educação empreendedora avançou muito no Brasil, com as diversas iniciativas das IES. Em que percebeu-se que este tipo de educação desenvolve competências e habilidades importantes para que os egressos tenham maiores oportunidades de carreira como iniciar o próprio negócio, ser intraempreendedor dentro de uma grande empresa e investir em empreendedorismo social. Portanto, os cursos de graduação devem contribuir com uma educação empreendedora de qualidade, criando ambientes para a inovação, apoiando a transferência de conhecimento e tecnologias gerados, oferecendo mentoria de professores, envolvendo a comunidade que está no entorno, ou seja, sendo protagonista nesse processo.

Assim como a universidade Babson, algumas instituições de ensino brasileiras apresentam cursos relacionados ao empreendedorismo e à inovação em áreas de negócios como os cursos relacionados no quadro 6.

Quadro 6 – Instituições Brasileiras voltadas ao empreendedorismo e inovação.

Universidade	Curso	Área	Objetivo
--------------	-------	------	----------

Universidade Federal Fluminense (UFF)	Minor em Empreendedorismo e Inovação	Departamento de Empreendedorismo	O Minor em Empreendedorismo & Inovação, oferecido pelo STE, busca promover uma educação empreendedora aos estudantes matriculados em qualquer curso de graduação da UFF. Por isso, o objetivo do curso é habilitar o estudante a desenvolver atitude empreendedora, identificar oportunidades e conceber um empreendimento, desenvolvendo práticas inovadoras de planejamento, execução e avaliação de processos de gestão em diferentes tipos de organizações.
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ)	Nupem - Domínio Adicional em Empreendedorismo	Escola de Negócios	Fornece elementos para que qualquer pessoa, independentemente de sua formação profissional ou seu curso de origem, consiga desenvolver uma atitude empreendedora e uma postura proativa, descobrir oportunidades de atuação profissional empreendedora, planejar sua vida profissional, planejar empreendimentos em diferentes setores e alavancar sua inserção profissional. Na PUC-Rio o empreendedorismo é trabalhado como um meio de inserção profissional e não, necessariamente, como atividade-fim.
Universidade Potiguar (UNP)	Projeto de Extensão “Fora da Caixa”	Departamento de Empreendedorismo	O objetivo é desenvolver as cinco competências chave: “persuasão, liderança, orientação para resultados, habilidades interpessoais e senso de auto responsabilidade”
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ)	Projeto Escola de Jovens Empreendedores – EJE	Administração	Tem como objetivo principal desenvolver o espírito empreendedor e preparar os jovens para o mercado de trabalho, com foco no empreendedorismo e inovação. Visa despertar nos jovens a sua responsabilidade com o desenvolvimento sustentável.
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Formação complementar em Empreendedorismo (Minor in Entrepreneurship)	Centro de Empreendedorismo UNIFEI (CEU)	A proposta é complementar a formação dos engenheiros e cientistas graduados pela Universidade por meio de disciplina orientadas a projetos que desenvolvam comportamentos importantes para qualquer profissional.
Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	CRIA	Centro de Empreendedorismo UNIFEI (CEU)	Objetivo de proporcionar uma experiência empreendedora para quem quer dar os primeiros passos em torno de uma ideia de negócio, assim como uma oportunidade formação de comunidade empreendedora, permitindo aos participantes o contato próximo com empreendedores e ideias chave do universo do empreendedorismo.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	VIA Estação Conhecimento	Engenharia e Gestão do Conhecimento	Transformar o conhecimento de forma tangível e utilitária para a sociedade e conectar pessoas. Promover transferência de conhecimento entre academia, empreendedores, governo e sociedade, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão, buscando sinergias de um trabalho colaborativo em rede.

A elaboração de metodologias de ensino da educação empreendedora deve ser específica para o curso de contabilidade. Tendo o objetivo de mostrar ao aluno a importância

de desenvolver o empreendedorismo não somente para seu próprio uso, mas para o desenvolvimento dos diversos empreendedores com quem lida profissionalmente (MATIAS, MARTINS, 2012).

### 1.1.3 Educação Empreendedora e Inovação em Contabilidade

Nas Instituições de Ensino Superior, a educação empreendedora e inovação tem uma presença maior nos cursos de administração do que nos cursos de ciências contábeis. Pereira et al. (2012), em seu estudo sobre o ensino da inovação em Ciências Contábeis, Administração, Turismo e Tecnologia em Gestão, constatou que, nos cursos de Ciências Contábeis que pesquisou não foi encontrada nenhuma disciplina contendo palavras com o prefixo “inova” em seu título. Em contrapartida, o curso de Administração foi o curso com maior representatividade no quesito inovação: das matérias analisadas contendo o prefixo “inova”, 73% eram disciplinas do curso de Administração.

Há também uma necessidade de maior difusão do empreendedorismo para os cursos de ciências contábeis, incentivando a classe contábil a desenvolver o potencial que possui no apoio aos empresários (MATIAS ET AL,2013). Os alunos dos cursos ciências contábeis das IES brasileiras precisam de oportunidades de acesso à educação empreendedora e inovação através do ensino em sala de aula, dos projetos de pesquisas, acesso às incubadoras de suas universidades, do relacionamento com empresas da comunidade onde a universidade está inserida, na participação de eventos sobre empreendedorismo. Terra e Ohayon (2019) exemplificaram a importância do conhecimento para o contador:

“...as empresas devem incluir a inovação como uma parte significativa de seu plano de negócio, do seu planejamento estratégico e das práticas de gestão. O contador e demais profissionais devem saber como essas ações podem ser executadas, entendendo as políticas públicas de incentivo à ciência, tecnologia e inovação, usufruindo dos incentivos fiscais disponíveis nas legislações, específicas para esse fim, agregando capital de risco na gestão financeira das empresas, incluindo a mensuração dos intangíveis no valor do negócio, utilizando ferramentas inovadoras de gestão, além de utilizarem outras práticas disponíveis para otimizar as organizações” (TERRA e OHAYON, 2019, p.336/Kindle).

A falta de conhecimento dos contadores sobre empreendedorismo e inovação pode gerar prejuízos para as empresas em que eles atuam. Um estudo sobre Empresas de Base Tecnológica (EBT), na região de Rita do Sapucaí em Minas Gerais, mostrou que essas empresas não

usufruíam dos incentivos fiscais criados pela Lei do Bem pelo fato de os contadores não terem esse conhecimento (TERRA e OHAYON, 2019).

Após outro estudo sobre a utilização de ferramentas contábeis para a gestão de EBTs, localizadas num Polo Tecnológico Brasileiro, foi concluído que as empresas não as utilizavam ou utilizavam de forma inapropriada. Isso indica a falta de conhecimento dos gestores e contadores responsáveis, visto que essas ferramentas deveriam ser importantes para o desempenho dessas empresas (TERRA e OHAYON, 2019).

Neste contexto é importante destacar a necessidade da inclusão da Educação Empreendedora e Inovação no currículo do curso de ciências contábeis:

“... O ensino de temas como inovação, empreendedorismo, proteção intelectual, licenciamento de patente, financiamentos para inovação, dentre outros, deve compor o cotidiano das universidades, e especialmente dos cursos de Ciências Contábeis. O contador, enquanto profissional responsável por colaborar com a saúde das empresas e medir o resultado financeiro, inclusive apresentando propostas de seu incremento, deve atuar como “abaixador dos custos de transação.” (TERRA e OHAYON, 2019, p.6429/Kindle).

A contabilidade apresenta as informações necessárias aos empreendedores para que estes conheçam melhor as operações do seu negócio e que, assim, atinjam um desempenho satisfatório. O contador tem as informações sobre a saúde do empreendimento e pode usar isso como oportunidade de criar seu próprio negócio ou de assessorar outros empreendedores (MATIAS e MARTINS, 2012).

Segundo Terra e Ohayon (2014), o contador deveria atuar profissionalmente, além de suas atribuições burocráticas, como um consultor em finanças e estratégia de negócios inovadores, visto que ele tem todas as ferramentas para fazer essa análise do negócio a fim de contribuir para o crescimento das empresas.

Oliveira, Pizanni e Faria (2015) chegaram à conclusão que a maior parte dos respondentes de sua pesquisa sobre a interdisciplinaridade na formação do contador, 78,68% concordou que o contador está “assumindo cada vez mais novas atribuições e maiores responsabilidades nos setores estratégicos das empresas, realizando as mediações de dados e informações relevantes para os resultados do processo decisório”(p.42). O contador precisa ter uma atitude empreendedora. Ele precisa reconhecer a importância do seu papel no desenvolvimento do negócio (MATIAS E MARTINS, 2012).

Moreira et. al (2020) utilizaram o termo “contabilidade empreendedora” em seu artigo para descrever o resultado da sua pesquisa sobre aprendizagem experiencial de alunos de contabilidade, na qual os alunos atuavam como consultores de pequenas empresas. Os autores

chegaram à conclusão que o contador empreendedor é aquele que conhece a realidade das pequenas empresas brasileiras, atuando junto aos empreendedores conforme a necessidade de cada empresa, com instrumentos da contabilidade customizados e aconselhamento gerencial para aprimorar o processo de gestão. Essa experiência aflorou o sentimento empreendedor dos alunos de contabilidade, com o desenvolvimento de competência e habilidades pessoais e profissionais e a atitude empreendedora.

Os cursos de ciências contábeis devem desenvolver nos alunos a capacidade de tomar decisões através da educação empreendedora. Algumas habilidades e competências devem ser estimuladas como autoconfiança, liderança, capacidade de inovar, assumir riscos e resolver problemas (FERNANDES, MOREIRA e PEREIRA; 2015).

Para Martins et al. (2012), o contador precisa assumir uma postura gerencial, em que ele seja capacitado para tomar decisões e gerar informações adequadas para o sucesso da organização.:

“Ser um contador gerencial, não é um exatamente uma função específica dentro das organizações, mas sim um comportamento profissional e uma postura a ser aplicada dentro do desenvolvimento das atividades das organizações. O contador gerencial deve ter conhecimento de tecnologia sofisticada, ser adepto as operações virtuais e também saber usar a informação contábil como ferramenta para a administração. Pois é através da informação gerencial contábil que é gerada a fonte de dados para a tomada de decisões, controle, avaliação e planejamento para a sobrevivência das organizações em um cenário competitivo e acirrado” (MARTINS ET AL., 2012, p.8).

Martins et al. (2012) descreve um novo perfil do contador com características essenciais como: “criatividade, desenvoltura, liderança, ousadia, visão gerencial, flexibilidade, motivação,” e “principalmente saber direcionar o melhor caminho a ser seguido pela empresa usando a importante ferramenta ‘tecnologia da informação’” (p.11).

A visão do contador voltado para a execução de atividades técnicas começa desde o ensino na graduação. Para Calabor, Mora e Moya (2019), em seu estudo sobre percepções acadêmicas das potenciais barreiras à implementação dos jogos baseados em aprendizagem nos cursos de graduação em Contábeis, as universidades ensinam contabilidade isoladamente de outras decisões de negócios. Os docentes de contabilidade ensinam contabilidade como uma técnica e de forma isolada, sem relacionar a contabilidade com outras disciplinas de negócios. Os autores descrevem sua visão:

“A nossa visão é que os acadêmicos de contabilidade tendem a ensinar contabilidade como uma técnica, sem conectar a contabilidade com estratégia de negócios em geral, investimento e finanças. Esta abordagem um tanto disjuntiva pode contribuir para a falta de entusiasmo

dos alunos de graduação para disciplinas de contabilidade ou pode explicar por que os alunos muitas vezes consideram as disciplinas de contabilidade "difíceis" e / ou "chatas" em comparação com outras disciplinas de negócios” <sup>11</sup>(CALABOR, MORA e MOYA, 2019, p.9, tradução nossa)

A compreensão de como a contabilidade se relaciona aos negócios por parte do professor, pode influenciar no ensino que será transmitido aos alunos. Para os autores, o uso de jogos auxiliaria na simulação de empresas comerciais, na qual os alunos teriam a experiência de exercer a tomada de decisão baseados na contabilidade e de outras fontes informações como produção, finanças, investimentos, marketing, estratégia, e demais áreas do negócio. (CALABOR, MORA e MOYA, 2019).

A interdisciplinaridade é assunto muito importante na formação do perfil do contador com uma atitude empreendedora. A integração de diferentes conteúdos, no curso de ciências contábeis, leva os estudantes a terem uma visão sistêmica do ambiente de negócios. Os cursos precisam reavaliar a questão do ensino de disciplinas de forma isoladas. A pesquisa sobre os impactos da interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem dos alunos de graduação em contábeis precisa ser aprofundada, conforme os alunos são expostos a situações reais que acontecem nas empresas (MIRANDA, LEAL, MEDEIROS, 2010).

Segundo a Resolução CNE/CES nº 10 de 2004, que institui diretrizes curriculares nacionais a serem consideradas pelas IES para o curso de graduação em Ciências Contábeis, o egresso do curso de graduação deve “demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil” (p. 2). O contador precisa dominar diferentes conhecimentos de diversas áreas, não somente da sua área específica (MARTINS ET AL., 2012).

A interdisciplinaridade pode ser desenvolvida nas atividades de extensão promovidas pelos cursos. No entanto, um estudo que envolveu alunos do curso de ciências contábeis de uma universidade pública realizado em 2015, de uma amostra de 46,5% dos estudantes matriculados, apenas 4,4% participavam de alguma atividade acadêmica, como iniciação científica, monitoria ou empresa júnior (MIRANDA; REIS; FREITAS, 2017).

Para Souza e Miranda (2017), os alunos que durante o curso de graduação se envolvem com atividades acadêmicas, como iniciação científica, empresa júnior e monitoria

---

<sup>11</sup> O texto em língua estrangeira é: “It is our view that accounting academics have a tendency to teach accounting as a technique, without connecting accounting with general business strategy, investment and finance. This somewhat disjunctive approach may contribute to undergraduate students’ lack of enthusiasm for accounting subjects or may explain why students often consider accounting subjects to be “hard” and/or “boring” compared with other business subjects.”

apresentaram-se mais motivados comparados aos alunos que não participam de nenhuma dessas atividades.

Marassi, Vogt e Biavatti (2014) falam em seu estudo sobre como os egressos, que tiveram a oportunidade de trabalhar numa empresa júnior, desenvolvem características empreendedoras como a inteligência emocional, visão, resiliência e capacidade de comunicação persuasão. Para os autores, a resiliência e a inteligência emocional levam a inovação, quando existem obstáculos e dificuldades a solução é “inovar, trazer novas ideias, projetos ou apenas se readequar com o que o ambiente sugere” (p.14).

Uma parceria entre incubadoras e empresas juniores pode trazer benefícios para a universidade, assim como para os alunos que buscam uma experiência que os permita ter uma visão empresarial (GUIMARÃES; SENHORAS; TAKEUCHI; 2003).

Esta seção abordou sobre a relação entre inovação e empreendedorismo, trazendo o conceito da Hélice Tríplice e a importância do papel da universidade neste sistema. Foram abordados o tema educação empreendedora nas grades curriculares e a sua importância para o ensino de ciências contábeis.

## **1.2 Currículo**

Este estudo abordará sobre as diretrizes curriculares nacionais, portanto, faz-se necessário aprofundar o conhecimento sobre as teorias de elaboração de um currículo. Marsh e Willis (1995) abordam os diferentes teóricos do currículo, enfatizando o processo de teorização e relacionando suas teorias específicas.

Um autor bastante conhecido na área, Tyler (1949), um dos principais autores a falar sobre definição e elaboração de currículo, publicou os Princípios Básicos de Currículo e Instrução, que ficou conhecido como os Fundamentos de Tyler. Segundo Marsh e Willis (1995), Tyler enfatiza as necessidades sociais como ponto de partida para elaboração do currículo, mas permanece aberto a uma variedade de maneiras e técnicas racionais de determinar essas necessidades sociais e equilibrá-las com outras.

Tyler(1949) definiu quatro perguntas a serem respondidas no desenvolvimento dos currículos e plano de ensino. São elas:

“1 - Quais propósitos educacionais a escola deve buscar alcançar?”

- 2 - Que experiências educacionais podem ser fornecidas com probabilidade de atingir esses propósitos?
- 3 - Como se organizam efetivamente essas experiências educacionais?
- 4 - Como podemos determinar se esses objetivos estão sendo alcançados?" (TYLER, 1949,142/kindle).

Muitos cursos não têm seus propósitos definidos claramente. Tyler (1949) fala que, para que um programa educacional melhore continuamente, será necessário definir os objetivos a serem alcançados. Pois tudo o que está incluído no programa devem ser meios para atingir o objetivo proposto. Os programas devem definir os objetivos a serem alcançados, que devem ser revisados periodicamente.

A educação é um processo de mudança no comportamento do indivíduo, que muda sua forma de pensar. Sendo assim, os objetivos educacionais a serem traçados no PPC devem retratar o tipo de mudança necessária no comportamento dos alunos. As IES deveriam elaborar estudos periódicos sobre seus próprios alunos para identificar as mudanças necessárias e assim traçar seus objetivos (TYLER, 1949).

A vida contemporânea é um dos fatores a serem considerados na elaboração dos objetivos educacionais, pois a vida é complexa e dinâmica e está sempre em mudança contínua. Por isso, faz-se necessária a elaboração contínua dos currículos, para ensinar aos alunos assuntos contextualizados com o tempo e com a região em que estão inseridos e não desperdiçar tempo ensinando assuntos que eram importantes no passado e não fazem mais sentido aprender nos dias de hoje (TYLER, 1949).

Tyler (1949) afirma que estudos de transferência de treinamento indicaram que os alunos aprendiam mais quando o assunto ensinado apresentava semelhança de situações encontradas na vida prática deles. Diferente de educadores que queriam treinar a mente dos alunos sem associar os conhecimentos à prática, ele apoiava a análise da vida contemporânea para identificar os objetivos de aprendizagem.

Por último, Tyler (1949) aborda sobre os conhecimentos especializados, que são os objetivos já usados em IES. Em que especialistas em cada área de ensino elaboram os objetivos a serem alcançados a partir de seu ponto de vista.

Resumindo o pensamento de Tyler(1949), ele apresentou um conjunto de três fatores a serem ponderados em relação ao processo de elaboração do currículo: estudo do aluno (fatores de desenvolvimento e interesses do aluno), estudos da vida contemporânea (experiências de vida em grupo, valores e objetivos da sociedade) e conhecimentos especializados (sugestões oferecidas pelos especialistas no conteúdo).

Autores como Hilda Taba (1966) seguem os passos de Tyler. Segundo Marsh e Willis (1995), Taba aplicou os princípios de Tyler a uma abordagem de planejamento que enfatiza o pensamento indutivo dos alunos em seu livro. Ela ainda acrescentou um quinto princípio: evolução - uma variedade de instrumentos para avaliar se os objetivos foram alcançados.

Taba (1966) define três postulados principais sobre o pensamento: o pensamento pode ser ensinado, o pensamento é uma transação ativa entre o indivíduo e os dados, os processos do pensamento evoluem por uma sequência que é lícita.

Marsh e Willis (1995) afirmam que esses postulados de Taba pressupõem que os alunos individualmente tenham que se envolver ativamente com os materiais das aulas para poderem aprender, e que há uma sequência perfeita de atividades de aprendizado. O raciocínio indutivo no qual os estudantes desenvolvem generalizações a partir dos dados coletados, fazendo observações sobre dados e formando diferentes tipos de inferências a partir de suas observações. A teoria de Taba imputava ao professor o papel de fornecer um ambiente favorável para promover o uso do pensamento indutivo dos alunos e iniciar esse tipo de pensamento fazendo perguntas. A abordagem de Taba requer uma sala de aula cooperativa e de apoio, na qual os alunos e o professores possam expressar suas ideias e opiniões sem medo de serem ridicularizados (TABA, 1966).

Goodlad (1980), outro autor citado por Marsh e Willis (1995), tem em seu projeto de currículo como uma tentativa de aproximar, o quanto possível, a prática da teoria do currículo. Ele defende que o objetivo final do currículo é organizar uma série de estímulos ou oportunidades para estender ou modificar o conhecimento, as habilidades ou as atitudes identificáveis dos alunos (GOODLAD,1980).

Para descobrir sobre o currículo instrucional ou ensinado, as instituições de ensino devem fazer uma extensa observação das salas de aula e obter informações sobre o currículo vivenciado pelos alunos através de uma documentação sensível de suas percepções e experiências (GOODLAD,1980).

O conteúdo e o método de ensino fazem parte do currículo, que são chamados de elementos substantivos do currículo. Goodlad (1979) considerava que o currículo era dividido em dois tipos de fenômenos – substanciais e processuais. E define como domínios substanciais do currículo: currículo ideológico, currículo formal, currículo percebido, currículo operacional e currículo experiencial (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

O currículo ideológico é como deveria ser a educação. Não é um currículo fechado, mas aberto para discussões. Ele é desenvolvido num contexto acadêmico e não se preocupa com o

que acontece na realidade em sala de aula. Ele é encontrado em livros didáticos (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

O currículo formal é aprovado oficialmente por uma Instituição de Ensino, como o PPC. No entanto, ele enfatiza que não se pode considerar esse currículo como o que realmente acontece de fato. Goodlad (1979) enfatiza que o currículo formal não é a realidade educacional, mas sim um currículo desejável prescrito de forma normativa (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

O currículo percebido é o que está na mente dos pais, gestores da instituição de ensino e professores. São as concepções que essas pessoas têm em relação ao currículo relacionada com fatores pessoais e culturais (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

O currículo operacional é o que é ensinado de fato. Para Goodlad (1979) era um desafio descobrir o que realmente acontecia em sala de aula, pois o que um professor pensa que é o currículo, o que ele pensa que é o currículo praticado e como ele realmente está ensinando são assuntos diferentes (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

E, por último, o currículo experiencial, que é a forma que o aluno experimenta o currículo. Isso está relacionado com o que recebeu em sala de aula, na escola, na família, na mídia, círculo social e outros (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

Joseph Schwab (1969), argumenta a favor do raciocínio prático, explicando que as teorias normalmente usadas na educação são inapropriadas porque são abstratas, gerais e foram emprestadas de outros campos. Para Schwab, participantes nas decisões curriculares devem estar familiarizados com uma ampla gama de teorias de currículo para que possam recorrer para resolver problemas específicos e compreender as várias etapas e procedimentos no desenvolvimento do currículo e as relações entre eles (MARSH E WILLIS, 1995).

Schwab (1969) definiu como "lugar comum do currículo"<sup>12</sup>(tradução nossa), os quatro pontos a serem considerados numa decisão prática sobre currículo: assunto, aluno, professor e ambiente. Esses pontos são os elementos do currículo que devem ser considerados na tomada de decisão, nenhum deve ser considerado mais importante que os outros, apesar de que, para problemas práticos e específicos, todos esses pontos podem não ser igualmente relevantes.

Para Marsh e Willis (1995), a teoria do currículo busca princípios gerais, mas também experiências individuais, relacionado o pensamento e a prática. Para os autores não é possível criar uma única teoria de currículo devido às diversas questões e variáveis apresentadas no

---

<sup>12</sup> Termo original: "*Commonplaces*"

ensino. Embora algumas ideias tenham durado décadas, outras se destacaram por um curto período, mas todas foram questionadas e desafiadas.

Marsh e Willis (1995) também abordam sobre a avaliação do currículo. Alguns professores fazem uma avaliação informal sobre suas próprias disciplinas, eles tomam muitas decisões intuitivamente com base nessas avaliações, em sua experiência profissional passada e em suas crenças gerais sobre boas práticas. Mas a avaliação formal do currículo é apresentada por alguns autores, onde se espera que a avaliação esteja em andamento durante todo o processo de planejamento e implementação de um currículo e que isso pode levar diretamente a um ciclo adicional de mudanças positivas.

A avaliação curricular é sobre professores, alunos e suas interações com um currículo ou currículo dentro de um determinado ambiente. Relacionando a teoria de Schwab (1969) de "lugar comum do currículo": professor, aluno, assunto e ambiente. Em que qualquer avaliação curricular deve necessariamente considerar as influências mútuas entre esses aspectos (MARSH E WILLIS, 1995).

Marsh e Willis (1995) defiram duas perguntas para: Por que avaliar? O que avaliar? A primeira resposta seria a necessidade de atender às demandas do aluno, melhorar o ensino, examinar o que já foi modificado e como isso impacta nos alunos, atender às insatisfações dos próprios discentes.

A segunda pergunta sobre o que avaliar, segundo Marsh e Willis (1995), pode ser respondida pela teoria de Schwab de "lugares comuns do currículo": professor, aluno, assunto e ambiente. Cada um dos "lugares comuns" pode receber diferentes graus de ênfase dentro de uma avaliação. As informações sobre as matérias ensinadas em instituição de ensino podem vir de especialistas externos, editores, professores e alunos. O alcance e a escolha das fontes de dados estão relacionados aos propósitos da avaliação. Para March e Willis (1995), quanto menor e menos formal a avaliação, menos provável é que os participantes se preocupem com procedimentos padronizados.

### 1.2.1 Planejamento Curricular em Ciência Contábeis no Brasil

O Planejamento Curricular de cada graduação nas universidades brasileiras é elaborado através Projeto Pedagógico do Curso (PPC). O PPC é o documento de identidade do curso de graduação e instrumento de gestão utilizado pelas coordenações de curso e exigido pelo MEC

no momento da autorização do curso. Ele define como será o planejamento de ensino, pesquisa e extensão, o perfil do egresso a ser formado, assim como todas as informações sobre a estrutura necessária para que o curso entre em funcionamento (CNE/CES, 2002).

No Decreto nº 9235 de 2017, emitido pela Presidência da República, que dispõe sobre regulação, supervisão e avaliação das IES no sistema federal de ensino, em seu artigo 43 e inciso II, está estabelecido que o pedido de autorização de curso de graduação das IES deverá conter o PPC. O referido decreto também relaciona o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e o Projeto Político Institucional (PPI). Durante a elaboração do PPC, a instituição não pode deixar de considerar esses documentos.

O PDI é um instrumento gerencial de duração limitada, visto que evidencia a proposta de crescimento da IES. O PDI deve conter as estratégias para atingir metas e objetivos das IES. Mizael et al. (2013) definem o PDI como um instrumento de planejamento estratégico das universidades para um período de cinco anos. No decreto nº 9.235 de 2017, no art. 21, está definido o conteúdo do PDI.

O PPI é um documento que define as políticas, normas e estímulos para o ensino, a pesquisa e a extensão em nível de graduação e pós-graduação, sob a perspectiva científica e pedagógica formadora (HAAS, 2010). O Decreto nº 9235 de 2017, também cita o PPI, no seu artigo 21, inciso II, uma vez que expressa que “seu conteúdo abordará, entre outros assuntos, as políticas institucionais de ensino, pesquisa e extensão.” O PPI deverá ser parte do PDI. Segundo Haas (2010), “o PPI deve revelar à sociedade sua proposta de formação, assegurada pelas condições de realização estabelecidas pelo PDI e articulada com os PPC.”(p.165).

De forma geral, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 43, expressa a finalidade da educação superior, sendo três dela:

“III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

(...)

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996).

Conforme os inciso III, VI e VII do supracitado artigo, da LDB, a educação superior deve incentivar a pesquisa, investigação científica e extensão envolvendo a sociedade ao seu

entorno e conhecendo suas necessidades. O Brasil precisa desse investimento em pesquisa e novas tecnologias para gerar novos empregos e ter um crescimento econômico e social. Segundo Ramalho et. al. (2015), a universidade tem o papel de gerar conhecimento para fins de solução de problemas econômicos e sociais, relacionando indivíduo, educação e sociedade:

“A agregação de conhecimento na área contábil-financeira, na formação do capital intelectual, o papel da universidade pública na formação e capacitação de mão de obra qualificada e a contribuição desta na gestão das organizações implicam retornos que podem ser dimensionados pelos índices de geração de empregos, tecnologia, produção, tributos e divisas.” (RAMALHO et al., 2015, p.475).

A LDB atual (Lei nº 9394) foi sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da educação Paulo Renato, em 20 de dezembro de 1996. Baseada no princípio do direito universal à educação para todos, a LDB de 1996 trouxe diversas mudanças em relação à lei anterior. Ela dava autonomia e flexibilidade para os cursos de graduação elaborarem seus currículos e programas:

“Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

...

II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes;

III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão;” (BRASIL, 1996)

Em 1997, o Parecer nº 776 da Câmara de Educação Superior (CES) do CNE, definiu as diretrizes curriculares nacionais como orientação para elaboração dos currículos dos cursos de graduação, com o objetivo de ter flexibilidade e qualidade na formação dos egressos.

O Parecer nº 67 de 2003, da CNE/CES, destacou a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais:

“.. objetivam servir de referência para as instituições na organização de seus programas de formação, permitindo flexibilidade e priorização de áreas de conhecimento na construção dos currículos plenos. Ademais, devem também induzir à criação de diferentes formações e habilitações para cada área do conhecimento, possibilitando ainda definir múltiplos perfis profissionais, garantindo uma maior diversidade de carreiras, promovendo a integração do ensino de graduação com a pós-graduação, privilegiando, no perfil de seus formandos, as competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais. ” (CNE/CES, 2003, p.4).

As diretrizes curriculares nacionais contemplavam a elaboração do PPC de graduação. A resolução nº 146 de 2002, da CNE/CES, traz a definição dos principais elementos do PPC para diferentes formações, sendo eles:

“- objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucional, política, geográfica e social;  
 - condições objetivas de oferta e a vocação do curso;  
 - cargas horárias das atividades didáticas e da integralização do curso;  
 - formas de realização da interdisciplinaridade;  
 - modos de integração entre teoria e prática;  
 - formas de avaliação do ensino e da aprendizagem;  
 - modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver;  
 - cursos de pós-graduação lato sensu, nas modalidades especialização, integradas e/ou subsequentes à graduação, e de aperfeiçoamento, de acordo com a evolução das ciências, das tecnologias e das efetivas demandas do desempenho profissional, observadas as peculiaridades de cada área do conhecimento e de atuação, por curso;  
 - incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica;  
 - concepção e composição das atividades de estágio, por curso;  
 - concepção e composição das atividades complementares;  
 - oferta de curso sequenciais e de tecnologia, quando for o caso.” (CNE/CES, 2002, p.8).

A elaboração do PPC, para cada tipo de formação, também foi definida em pareceres e resoluções emitidas pelo CNE/CES. A Resolução CNE/CES nº 10 de 2004, que institui diretrizes curriculares nacionais a serem consideradas pelas IES para o curso de graduação em Ciências Contábeis. Essa resolução definiu os pontos que dever ser abordados na elaboração dos currículos (Quadro 7).

Quadro 7 – Pontos a serem considerados na elaboração do Currículo de Ciências Contábeis

<b>I - conteúdos de Formação Básica:</b>	<b>II - conteúdos de Formação Profissional:</b>	<b>III - conteúdos de Formação Teórico-Prática:</b>
estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, matemática e Estatística;	estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, incluindo as noções das atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais, governamentais e não-governamentais, de auditorias, perícias, arbitragens e controladoria, com suas aplicações peculiares ao setor público e privado;	Estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, Estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade.

Fonte: CNE/CES, 2004

A Resolução traça um perfil do egresso. Uma vez que a legislação define o profissional como detentor de uma capacidade crítico-analítica de avaliação de assuntos organizacionais, compreendendo questões científicas e utilizando inovações tecnológicas, *in litteris*:

“Art. 3º O curso de graduação em Ciências Contábeis deve ensejar condições para que o futuro contabilista seja capacitado a:  
 I - compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização;

II - apresentar pleno domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com a plena utilização de inovações tecnológicas;

III - revelar capacidade crítico-analítica de avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação. ” (CNE/CES, 2004, p. 2)

O perfil do egresso definido no PPC de alguns cursos muitas vezes é restrito, onde muitos cursos de contabilidade adotam “práticas de ensino voltadas para a empregabilidade e o serviço especializado exigido nas grandes empresas”, mas esta não é a realidade de atuação de todos os egressos de contabilidade, pois muitos contadores atuam em pequenas e médias empresas. (MATIAS et. al, 2013, p. 64)

Jacomossi e Biavatti (2017) falam sobre como a necessidade de atender as legislações e normas estabelecidas para a elaboração do currículo restringe a capacidade do aluno a se adequar a novas demandas que vão aparecendo no seu dia a dia profissional. Segundo os autores, “o ensino deve ser voltado para o desenvolvimento de habilidades e competências para além da técnica, caso contrário, se a lógica do processo for alterada, estes indivíduos não conseguirão adaptar-se.” (p. 58 e 59).

Os autores chegam à conclusão, em estudo sobre as Normas Internacionais de Contabilidade emitidas pelo IAESB, que o ensino de contabilidade no Brasil é focado na técnica “em detrimento do desenvolvimento de aspectos interpessoais, de liderança e comunicação.” Eles sugerem a implementação de metodologias ativas, a reestruturação das diretrizes curriculares para que seja alcançada uma formação completa, multidisciplinar e com experiências práticas em contextos reais (JACOMOSSI E BIAVATTI, 2017, p.74).

Ramalho et al. (2015) enfatiza em seu estudo que a abordagem multidisciplinar é um dos maiores desafios na formação do profissional, pois precisa haver uma visão integrada do negócio e de tudo o que está relacionado. Nos currículos apresentados pelas universidades, encontram-se disciplinas ministradas de forma isolada, mas a construção do conhecimento é dinâmica e não de forma fragmentada.

Em sala de aula, alguns professores restringem-se a utilizar a metodologia tradicional de ensino e a avaliação da experiência prática dos alunos ainda é através do registro de frequência e tempo gasto nas atividades, onde os alunos recebem certificados por horas cursadas. No entanto, a avaliação com o intuito de medir os resultados de aprendizagem ou competências desenvolvidas com a experiência prática é pouco disseminada (JACOMOSSI E BIAVATTI, 2017).

No ano de 2010, houve uma grande mudança na contabilidade, a convergência das normas contábeis brasileiras às normas internacionais. A partir disso, foi exigido do contador além da capacidade técnica, a capacidade de interpretar normas e princípios, assim como a capacidade de análise crítica e de julgamento (MIRANDA, NOVA, CORNACCHIONE, 2012).

A CNE de 2004 em seu artigo 5º fala sobre a importância da harmonização do ensino contábil com as normas internacionais:

“Os cursos de Ciências Contábeis deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e curriculares, conteúdos que revelem conhecimento do cenário econômico e financeiro, nacional e internacional, de forma a proporcionar a harmonização das normas e padrões internacionais de contabilidade, em conformidade com a formação exigida pela Organização Mundial do Comércio e pelas peculiaridades das organizações governamentais.” (Resolução CNE/CES, 2004, p.3).

Para Matias et al (2013), as alterações curriculares elaboradas pelos cursos de ciências contábeis confirmam o início da conscientização da necessidade de uma educação que atenda à demanda da complexidade em que o ambiente empresarial se encontra nos dias atuais. No entanto, “o levantamento de dados mostrou que, entre as metodologias de ensino tanto como nas metodologias de avaliação mais utilizadas ainda são utilizadas técnicas tradicionais, como a exposição oral e a aplicação de provas.” (p.73).

Em 2018, Resolução CNE/CES nº 7, estipulou que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% do total da carga horária curricular dos cursos de graduação, e essas atividades deverão ser incluídas na matriz curricular dos cursos. Essas atividades devem ser avaliadas periodicamente pelo curso com o objetivo de contribuir para a formação do aluno.

Miranda, Reis e Freitas (2017) afirmam que dos alunos de ciências contábeis, que participaram da sua pesquisa sobre ansiedade e desempenho acadêmico, aqueles que participaram de atividades acadêmicas como atividades de pesquisa e extensão, tinham os melhores coeficientes de desempenho.

Em um artigo na página do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), o presidente, Zulmir Ivânio Breda, falou sobre a importância de atualizar o currículo do curso de Ciências Contábeis, discutindo com as IES sobre a inclusão de matérias relacionadas à tecnologia e à inteligência artificial. “É importante ressaltar que precisamos nos adaptar e entender o funcionamento desses modernos sistemas.” (CFC, 2018).

A tecnologia da informação mudou a forma como as empresas processam informações e dados, os softwares e programas são a base para os tomadores de decisões. Para Martins et al. (2012), a “forma de apresentação da informação pode afetar sua utilização na estratégia dos

negócios.” (p.6) Os contadores devem buscar conhecer melhor os sistemas informacionais aumentando assim, a qualidade das informações apresentadas. Tomando decisões e gerando informações adequadas para o sucesso da empresa.

### 1.2.2 Propostas Curriculares do Curso de Ciências Contábeis

Além das diretrizes curriculares estabelecidas pelo MEC. Algumas propostas curriculares foram criadas, com o objetivo de aprimorar as competências e habilidades dos egressos de ciências contábeis. O CFC, órgão responsável pela normatização, registro e fiscalização do exercício profissional dos contabilistas no Brasil, publicou em 2009 uma proposta curricular para os cursos de ciências contábeis com o objetivo de minimizar as divergências das diferentes matrizes nos cursos superiores das IES brasileiras (FBC, 2009).

A proposta trouxe disciplinas como Psicologia Organizacional (apresentando em sua ementa o estudo da personalidade e comportamento humano, motivação e liderança, inteligência, jogos e relacionamento interpessoal), Tecnologia da Informação (que aborda o uso de *hardwares* e *softwares*, gestão de arquivos e dados), Comunicação Empresarial (que aborda técnicas de comunicação oral, técnicas de redação de relatórios, estilos de linguagem, estratégia de interpretação), Responsabilidade Social (que aborda responsabilidade ambiental, projetos sociais, empreendedorismo social e noções de contabilidade social), Empreendedorismo (que aborda plano de negócios, planejamento estratégico, gerenciamento dos recursos empresariais, o conceito de incubadora, projetos empresariais e análise do ambiente de negócios), Sistema de Informação Gerencial (que aborda aplicações do *e-business*), entre outras disciplinas. O CFC disse, por correio eletrônico, que tentou “estretar as relações com o MEC com o claro propósito de poder contribuir na construção de uma proposta curricular que entendemos ser a melhor para categoria, mas sem sucesso.” (CFC, 2020).

Outra proposta curricular foi o Modelo de Currículo Mundial por *United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD)* e *International Standards of Accounting and Reporting (ISAR)*, publicado em 2011 para servir de referência ao desenvolvimento das grades curriculares do curso de Ciências Contábeis das instituições de ensino superior (ISAR, 2011).

O ISAR é o Grupo de Trabalho Intergovernamental de Peritos em Padrões Internacionais de Contabilidade e Relatórios, ele faz parte da Organização Nações Unidas

(ONU), que trata de temas de contabilidade e governança corporativa. A UNCTAD é uma divisão de Investimentos e Empresas do ISAR que atua como secretariado, fornecendo insumos administrativos e substantivos para suas atividades. A ONU, UNCTAD e ISAR, chegaram ao consenso de que era necessário criar um programa mundial que servisse de referência e permitisse reduzir o tempo e o custo de negociar acordos de reconhecimentos mútuos e, com isso, aumentar o comércio externo de serviços de contabilidade. (ISAR, 2020)

Rezende, Carvalho e Bufoni (2017), em seu estudo sobre a comparação do Currículo Mundial com o currículo de universidades brasileiras, chegaram à conclusão que nenhum curso de Ciências Contábeis de universidades federais no estado do Rio de Janeiro está perto de alcançar o conteúdo mínimo recomendado pelo Currículo Mundial do ISAR. Os cursos de graduação em ciências contábeis das universidades públicas se baseiam nas diretrizes curriculares nacionais estabelecidas pelo MEC, que foram publicadas em 2004. Portanto, antes da convergência às normas internacionais de contabilidade. A UFF teve o maior índice de adequação com 17,32%.

No Quadro 8, o Currículo Mundial dos cursos de Ciências Contábeis está dividido em 4 tópicos. (1) Conhecimento administrativo e organizacional, (2) Tecnologia de Informação, (3) Conhecimento (básico) em Ciências Contábeis, Finanças e assuntos afins e (4) Conhecimento (avançado) em Ciências Contábeis, Finanças e assuntos afins.

<b>1 Conhecimento Administrativo e Organizacional</b>	<b>2 Tecnologia de Informação</b>	<b>3 Conhecimento (básico) em Ciências Contábeis, Finanças e assuntos afins</b>	<b>4 Conhecimento (avançado) em Contabilidade, Finanças e assuntos afins</b>
a) Economia; b) Métodos quantitativos e estatísticos para as empresas; c) Políticas empresariais, de estruturas organizacionais básicas, e comportamento organizacional; d) Funções e práticas administrativas, e gestão de operações; e) Marketing; f) Mercados internacionais.	a) Tecnologia de informação;	Curso básico de Contabilidade, auditoria, tributação e assuntos afins. a) Contabilidade básica; b) Contabilidade financeira; c) Contabilidade financeira avançada; d) Contabilidade gerencial – conceitos básicos; e) Tributação; f) Sistemas de informações contábeis; g) Direito comercial e empresarial; h) Fundamentos sobre auditoria; i) Finanças empresariais e gestão financeira; j) Módulo sobre integração do conhecimento	a) Demonstrações financeiras avançadas e Contabilidade industrial; b) Contabilidade gerencial avançada; c) Tributação avançada; d) Direito empresarial avançado; e) Auditoria avançada; f) Finanças empresariais avançadas e Administração financeira; g) Estágio Contábil;

Fonte: Segantini, Melo, Lucena & Silva, 2013.

Rezende, Carvalho e Bufoni (2017) identificaram na sua pesquisa a existência de problemas críticos, onde não existiam nos currículos os seguintes módulos:

“Conhecimento Administrativo (1): Marketing (1.5), Funções e Práticas Administrativas (1.4) e Políticas Empresariais (1.3), o bloco inteiro de Tecnologia da Informação (2), Contabilidade Financeira Avançada (3.3), e Integração do Conhecimento (3.10) do bloco principal de formação (3) e também do conhecimento avançado (4): Estágio em Contabilidade (4.7), Auditoria Avançada (4.5) e Direito Empresarial Avançado (4.4).”

Com a convergência das normas internacionais de contabilidade, houve uma necessidade de discutir sobre a internacionalização da educação contábil. Jacomossi e Biavatti (2017) falam que a internacionalização dos padrões de educação contábil pode gerar diversos impactos na formação e atuação dos contadores em diversos países: “como alterações nas diretrizes curriculares, melhorias nas habilidades interpessoais, e ainda, mudanças nos requisitos de entrada nos cursos, de experiência prática e desenvolvimento profissional contínuo.”(p.59)

O *International Accounting Education Standards Board* (IAESB), com o aval do *International Federation of Accountants* (IFAC), aprimorou a educação voltada à contabilidade

através do desenvolvimento e execução das Normas Internacionais de Educação Contábil, as *International Education Standards (IES)*. O *IAESB* encerrou suas atividades em 2019. O *IFAC* agora é responsável pela manutenção e elaboração das *IES*. Nos padrões encontram-se “os princípios que as organizações profissionais de contabilidade devem seguir para criar uma profissão nacional de contabilidade que seja totalmente capaz de atender às demandas complexas que as economias e as sociedades colocam nela.”<sup>13</sup> (*IAESB*, 2020, tradução nossa).

No Brasil, o *CFC* e o Instituto de Auditores Independentes do Brasil (*IBRACON*) são órgãos associados ao *IFAC*. Eles estão sujeitos às normatizações editadas pelo *IAESB*, o que implica no compromisso de empenhar-se no desenvolvimento da convergência aos padrões estabelecidos.

Conforme o Quadro 9, as oito *IES* são divididas em dois estágios de aprendizagem: o Desenvolvimento Profissional Inicial (*IPD*) e o Desenvolvimento Profissional Contínuo (*CPC*). As *IES* são normas abrangentes para ensino contábil que devem ser adotadas conforme as particularidades da região de cada curso. Isso gera conflitos na aplicação dessas normas internacionais em países como o Brasil, pois o MEC impõe regras a serem cumpridas, mas os *IES* necessitam de julgamentos para sua execução (*JACOMOSSI E BIAVATTI*; 2017).

#### Quadro 9 - *International Education Standards (IES)*

---

<sup>13</sup> O texto em língua estrangeira é: “the principles professional accountancy organizations should follow to build a national accountancy profession that is fully capable of fulfilling the complex demands economies and societies place on it.”

<b>Initial Professional Development (IPD) - Desenvolvimento Profissional Inicial</b>		
<b>IES 1</b>	<b>Requisitos de entrada em Programas de Educação Profissional em Contabilidade</b>	<b>Vigência: 01/07/2014</b>
Escopo	Estabelece princípios a serem utilizados na definição e comunicação dos requisitos educacionais para o ingresso em programas de educação profissional em contabilidade.	
<b>IES 2</b>	<b>Competência Técnica</b>	<b>Vigência: 01/07/2015</b>
Escopo	Estabelece os resultados da aprendizagem de competências técnicas que aspirantes a profissionais de contabilidade devem demonstrar até o final do período de Desenvolvimento Profissional Inicial. A competência técnica é a capacidade de aplicar o conhecimento profissional para desempenhar atividades com um padrão definido.	
<b>IES 3</b>	<b>Habilidades Profissionais</b>	<b>Vigência: 01/07/2015</b>
Escopo	Estabelece os resultados da aprendizagem de competências profissionais que aspirantes a profissionais de contabilidade devem demonstrar até o final do período de Desenvolvimento Profissional Inicial. Habilidades profissionais são: a) intelectual; b) interpessoal e comunicação; c) pessoal; d) capacidade de organização de um profissional contábil integra-se com técnicos valores de competência e profissional, ética e atitudes para demonstrar competência profissional.	
<b>IES 4</b>	<b>Valores Profissionais, Ética e Atitudes</b>	<b>Vigência: 01/07/2015</b>
Escopo	Estabelece os resultados da aprendizagem referentes a valores profissionais, ética e atitudes que aspirantes a profissionais de contabilidade devem demonstrar até o final do período de Desenvolvimento Profissional Inicial.	
<b>IES 5</b>	<b>Experiência Prática</b>	<b>Vigência: 01/07/2015</b>
Escopo	Estabelece a experiência prática necessária que aspirantes a profissionais de contabilidade devem demonstrar até o final do período de Desenvolvimento Profissional Inicial.	
<b>IES 6</b>	<b>Avaliação da Competência Profissional</b>	<b>Vigência: 01/07/2015</b>
Escopo	Estabelece requisitos para avaliação da competência profissionais que aspirantes a profissionais de contabilidade devem demonstrar até o final do período de Desenvolvimento Profissional Inicial.	
<b>Continuing Professional Development (CPD) - Desenvolvimento Profissional Contínuo</b>		
<b>IES 7</b>	<b>Desenvolvimento Profissional Contínuo</b>	<b>Vigência: 01/01/2014</b>
Escopo	Estabelece o desenvolvimento profissional contínuo necessário para que contadores profissionais desenvolvam e mantenham sua competência profissional.	
<b>IES 8</b>	<b>Requisitos de competência para Profissionais de Auditoria</b>	<b>Vigência: 01/07/2008</b>
Escopo	Estabelece requisitos de competência para profissionais de auditoria, incluindo aqueles que trabalham em ambientes e indústrias específicas. Especifica políticas e procedimentos que os aspirantes a profissionais de auditoria devem satisfazer, antes de assumirem tais cargos.	

Fonte: Jacomossi e Biavatti, 2017.

Jacomossi e Biavatti (2017) ao analisar a influência das IES no ensino de contabilidade, chegaram à conclusão que em relação às Competências Técnicas (IES 2) e Habilidade Profissionais (IES 3), no Brasil o maior foco é na competência técnica e pouco no desenvolvimento de “aspectos interpessoais, liderança e comunicação.”(p.74) Os autores sugerem, conforme o padrão internacional, o uso de metodologias ativas de ensino:

“...como o PBL, debates, estudos de caso e *clusters* de aprendizado, a reestruturação das diretrizes curriculares dos cursos, ensejando uma formação holística, multidisciplinar e possibilitando a experiência prática em contextos reais, bem como a readaptação dos docentes à nova realidade de ensino e aprendizagem.” (JACOMOSSI E BIAVATTI, 2017, p.74).

Em relação a Experiência Prática (IES 5), na maioria dos países o contador precisa comprovar a experiência de prática profissional antes de ser membro dos órgãos de classe. No Brasil não há essa necessidade. Nesta pesquisa, alguns respondentes acham que a disciplina de

laboratório contábil seja suficiente para os alunos adquiram a experiência. Enquanto outros concordam que essa experiência deva ocorrer em ambientes com contextos reais (JACOMOSSI E BIAVATTI; 2017). As aulas práticas devem considerar contextos reais para que o aluno aprenda a resolver problemas e desenvolva competências e habilidades necessárias para exercer a profissão com competências.

A seção 1.2 abordou sobre as teorias da elaboração e avaliação dos currículos apresentada por autores tradicionais, na qual alguns defendem o estudo do aluno para a elaboração do currículo. As diretrizes curriculares estabelecidas pelo MEC para o curso de ciências contábeis, que foram elaboradas em 2004. E outras propostas curriculares nacionais e internacionais, a proposta nacional elaborada pelo CFC que não foi acatada pelo MEC. E as propostas internacionais não estão sendo consideradas pelos cursos de ciências contábeis.

## **2 METODOLOGIA**

Este capítulo abordará a metodologia aplicada para alcançar o objetivo da pesquisa, onde será definido o tipo de pesquisa, os critérios considerados na definição do universo e amostra da pesquisa, assim como os critérios de coletas de dados e, por último, a análise dos dados coletados.

## **2.1 Tipo de pesquisa**

Para alcançar os objetivos determinados, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que se propôs a analisar o conteúdo abordado nos currículos oficiais apresentados no PPC ou nas páginas eletrônicas dos departamentos de Ciências Contábeis, o que for mais atual. Também foram realizadas entrevistas com coordenadores e/ ou professores do curso de ciências contábeis e alunos que participam ou participaram de empresas juniores ou atividades relacionadas a educação empreendedora e inovação. Para Flick (2013) a pesquisa qualitativa tem a vantagem de apresentar “uma análise detalhada e exata de alguns casos pode ser reproduzida, e os participantes têm muito mais liberdade para determinar o que é importante para eles e para apresentá-los em seus contextos.”

Segundo os conceitos apresentados por Vergara (2008), a pesquisa será descritiva quanto aos fins, pois além de analisar o conteúdo abordado nos currículos oficiais apresentados pelos departamentos de Ciências Contábeis, serão realizadas entrevistas semiestruturadas. A pesquisa descritiva tem como objetivo a apresentação das características de determinada população (GIL, 2018).

Em relação aos meios, será uma pesquisa documental em função da análise dos currículos formais apresentados pelos cursos de ciências contábeis. Também será uma pesquisa de campo com entrevistas com os alunos, coordenadores e/ou professores do curso de Ciências Contábeis para a análise do currículo na perspectiva deles.

## **2.2 Universo e Amostra da Pesquisa**

Para a escolha do campo a ser estudado, foram levadas em consideração somente IES públicas. Segundo Lopes (2010) na IES públicas há um número maior de professores-doutores, que estão mais preparados para lidar com questões acadêmico-científicas, o que leva a concluir que essas instituições públicas estão mais preparadas para o desenvolvimento da educação empreendedora e inovação. E, conforme um estudo divulgado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), elaborado por uma empresa americana *Clarivate Analytics*, mostrou que 95% da produção científica do Brasil é produzido pelas universidades públicas.

Segundo o GII 2020, apesar da América Latina ter um baixo investimento em inovação, o Brasil destaca-se na produção de artigos de altos níveis de ciência, tecnologia e patentes (INDEX, 2020). Por outro lado, o GEM 2019/2020 destaca que o Brasil tem facilitado o processo de abertura de pequenas empresas. No entanto, segundo a pesquisa, em relação às políticas governamentais de impostos e burocracia sua posição ainda é 53 de 54. Esses dois indicadores, de uma forma geral, demonstram a trajetória do país no sentido de aumentar a demanda para profissionais da área de ciências contábeis, que necessitem de conhecimentos na área de inovação e empreendedorismo (BOSMA ET. AL., 2020).

Em relação à delimitação do campo da pesquisa, as universidades públicas selecionadas foram das regiões com maior PIB brasileiro, sul e sudeste, exceto Distrito Federal que é a capital do país. Foram consideradas as Unidades da Federação com o maior IDHM, e as universidades com o IGC 5 ou 4. O PIB foi considerado, pois nas regiões mais ricas as universidades tendem a atender as demandas do setor produtivo. Evas (2015) destaca sobre a desigualdade das regiões do Brasil, em que as regiões Sul e Sudeste, que são as mais desenvolvidas economicamente, têm um maior apoio à inovação. Apesar do incentivo do governo com a destinação de mais recursos para as regiões menos favorecidas. Esse índice será detalhado na seção 2.2.1

O IDHM foi considerado como critério para definir a amostra, que mostra a classificação por estado. Esse índice será detalhado na seção 2.2.2. A escolha desse índice deve-se ao fato de que uma de suas dimensões considera o nível de educação de cada região, portanto, estima-se que quanto maior o IDHM melhor o grau de escolaridade e conseqüentemente, as universidades mais se adequam a demanda da sociedade local.

O próximo critério foi a pontuação das IES desses estados no índice IGC do MEC, onde foi considerada a pontuação a partir de quatro (a pontuação varia de um a cinco). Esse índice foi escolhido pois o IGC considera a avaliação da CAPES e matrícula nos cursos de mestrado

e doutorado dessas instituições, considerando que a inovação está diretamente associada à pesquisa acadêmica. Sendo, por meio dela, que se descobre um produto ou processo, que pode ser novo ou aprimorado. O CPC também foi considerado, pois é um indicador de qualidade do MEC que avalia os cursos de graduação com base na avaliação de desempenho de estudantes no ENADE e considera o número de docentes que possuem o doutorado. O IGC e CPC serão explicados na seção 2.2.3.

### 2.2.1 PIB

O PIB é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade (IBGE, 2020). Para esta pesquisa, foi considerado o valor do PIB por região, conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1 – PIB regional

<b>Regiões</b>	<b>PIB 2017</b>
<b>Sudeste</b>	3.480.767
<b>Sul</b>	1.121.718
<b>Nordeste</b>	953.214
<b>Centro Oeste</b>	659.759
<b>Norte</b>	367.861

Fonte: A Autora, 2020.

As regiões Sudeste e Sul foram escolhidas por apresentarem os maiores valores do PIB do Brasil. O Distrito Federal foi considerado no campo da pesquisa por ser a capital do país.

### 2.2.2 IDHM

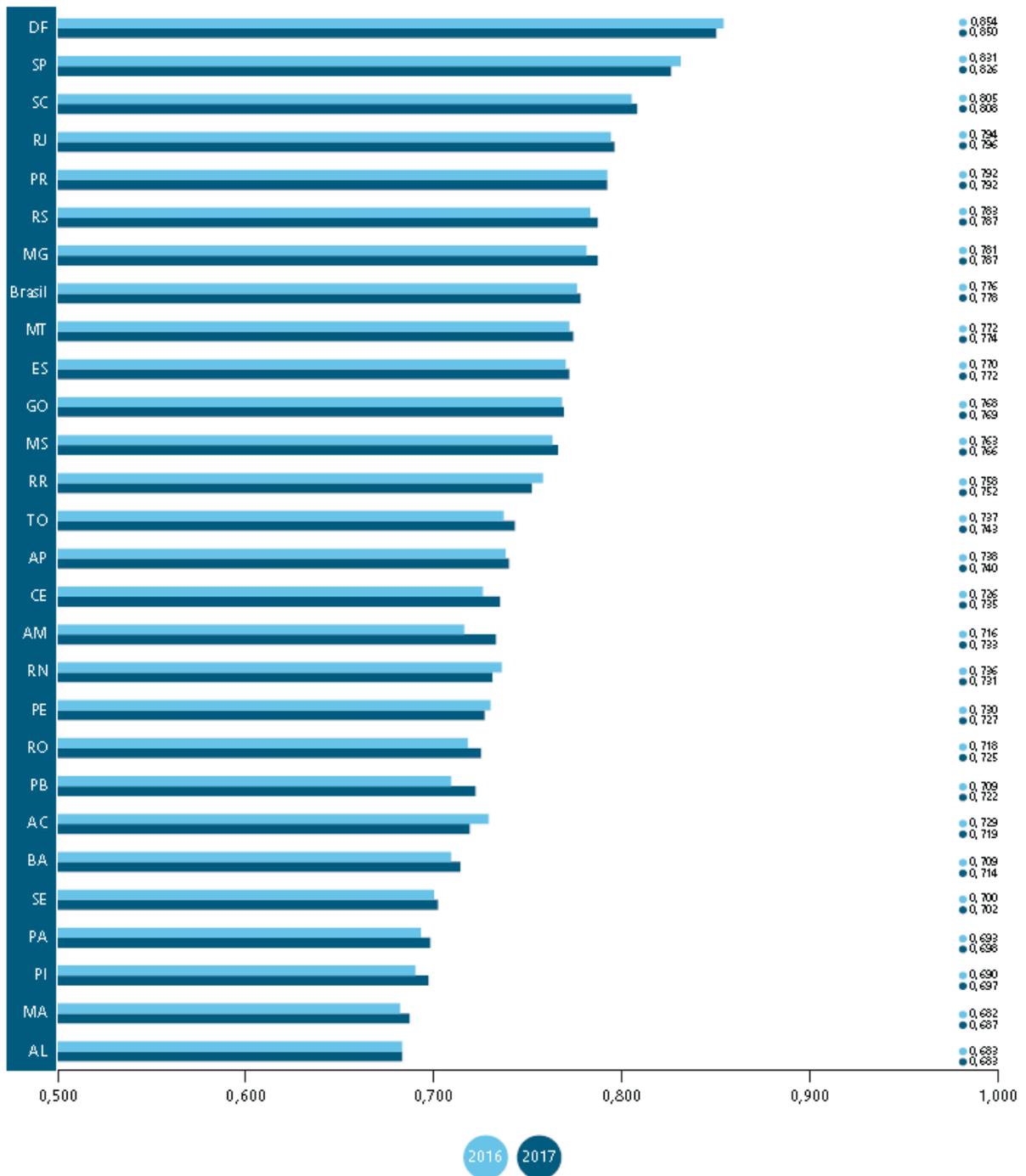
O IDHM é um indicador que coleta dados dos censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para medir a qualidade de vida nos municípios brasileiros. Ele é composto por três indicadores: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1, quanto mais próximo de 1, maior o nível de desenvolvimento humano. Ele é baseado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O IDHM mostra a classificação por estado. O último *ranking* divulgado pela plataforma Atlas Desenvolvimento Humano (O Atlas) no Brasil foi em 2010. (PNUD, 2019)

A pesquisa que apresentava o resultado mais atual é do Radar IDHM (IPEA, 2019), um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), também do IBGE, que permite atualizar as informações disponibilizadas pelo Atlas. Esse estudo foi elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fundação João Pinheiro, com o objetivo de fornecer informações atualizadas para proposições de políticas públicas. O estudo foi divulgado na plataforma ‘O Atlas’ e o seu gráfico da evolução do IDHM nas unidades federativas brasileiras pode ser observado na Figura 2.

As universidades públicas selecionadas foram das regiões com maior PIB, sul e sudeste, exceto Distrito Federal que é a capital do país. Foram consideradas as Unidades da Federação com o maior IDHM. E, por uma questão de viabilidade da pesquisa, o recorte foi feito nos quatro primeiros estados por causa da limitação do tempo. Com base nesse critério, foram selecionadas as Unidades da Federação no *ranking* do Radar IDHM de 2017: Distrito Federal (0,850), São Paulo (0,826), Santa Catarina (0,808) e Rio de Janeiro (0,796). Quanto maior o IDHM, que é calculado nos eixos educação, renda e longevidade, supõe-se que as universidades disseminem a importância da inovação gerando novos conhecimentos. Assim, supõe-se que os cursos de graduação dessas regiões tenham uma maior preocupação em investir em educação empreendedora e inovação em ensino, pesquisa e extensão.

Figura 2 – Evolução do IDHM nas Unidades Federativas (UFs), na ordem do maior ao menor valor (2016 e 2017)



Fonte: PNUD, 2019

### 2.2.3 Indicadores de Qualidade do Ensino Superior: IGC e CPC

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) é operacionalizado pelo INEP, que tem como uma de suas missões, planejar e operacionalizar as ações e os procedimentos referentes à avaliação da educação superior. O INEP sempre divulga, ao final do ano corrente, o resultado dos indicadores elaborados no ano anterior.

Para esta pesquisa, foram escolhidos dois desses indicadores: o CPC e o IGC. Segundo o INEP, o CPC pode ser definido como:

“...um indicador de qualidade que avalia os cursos de graduação. Seu cálculo e divulgação ocorrem no ano seguinte ao da realização do Enade, com base na avaliação de desempenho de estudantes, no valor agregado pelo processo formativo e em insumos referentes às condições de oferta – corpo docente, infraestrutura e recursos didático-pedagógicos –, conforme orientação técnica aprovada pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes).” (INEP,2019)

O IGC é um indicador de qualidade que avalia as IES. A divulgação do IGC é realizada anualmente. O cálculo é elaborado sobre os seguintes aspectos:

- (1) “média dos CPCs do último triênio, relativos aos cursos avaliados da instituição, ponderada pelo número de matrículas em cada um dos cursos computados;
- (2) média dos conceitos de avaliação dos programas de pós-graduação stricto sensu atribuídos pela CAPES na última avaliação trienal disponível, convertida para escala compatível e ponderada pelo número de matrículas em cada um dos programas de pós-graduação correspondentes;
- (3) distribuição dos estudantes entre os diferentes níveis de ensino, graduação ou pós-graduação stricto sensu, excluindo as informações do item II para as instituições que não oferecerem pós-graduação stricto sensu,” (INEP, 2019).

Seguem abaixo os Quadros 10 e 11 com a descrição detalhada de cada componente dos indicadores CPC e IGC:

Quadro 10 – Componentes e dimensões do CPC

<b>Dimensão</b>	<b>Componentes</b>	<b>Pesos</b>	
<b>Desempenhos dos estudantes</b>	Nota dos concluintes no Enade(NC)	20%	
<b>Valor agregador pelo processo formativo oferecido pelo curso</b>	Nota do indicador de diferença entre os desempenhos observado e esperado (NIDD)	35%	
<b>Corpo Docente</b>	Nota de proporção de Mestres (NM)	7,50%	30%
	Nota de proporção de Doutores (ND)	15%	
	Nota de regime de trabalho (NR)	7,50%	
<b>Percepção Discente sobre as condições do processo formativo</b>	Nota referente à organização didático-pedagógica (NO)	7,50%	15%
	Nota referente à infraestrutura e instalações físicas (NF)	5%	
	Nota referente às oportunidade de ampliação da formação acadêmica e profissional (NA)	2,50%	

Fonte: INEP, 2019

Quadro 11 – Componentes do IGC

<b>Componentes</b>
<b>Notas contínuas de Conceitos Preliminares de Curso referentes aos cursos de graduação avaliados no triênio 2015-2016-2017</b>
<b>Número de matrículas nos cursos de graduação (estudantes cursando ou formando no ano de referência do CPC), conforme base de dados do Censo da Educação Superior</b>
<b>Conceitos dos cursos de Mestrado e Doutorado atribuídos pela Capes na última avaliação disponível, para os programas de pós-graduação reconhecidos</b>
<b>Número de matrículas nos cursos de Mestrado e Doutorado (estudantes matriculados e titulados em 2017), conforme base de dados encaminhada pela Capes ao Inep.</b>

Fonte: INEP, 2019

Para que o IGC seja calculado, é necessário que a IES possua ao menos um curso com CPC calculado no triênio de referência. Nas instituições que não possuem programas de pós-graduação *stricto sensu* avaliados pela CAPES, o IGC será calculado pela média dos CPC dos cursos de graduação, ponderada pela quantidade de matrículas no ano de referência do CPC. (INEP,2019)

A pesquisa levou em consideração a nota das universidades públicas de quatro estados da Federação nos índices IGC e CPC do MEC. Para a delimitação do estudo, foi considerada a pontuação a partir de quatro (a pontuação varia de um a cinco). Todas as universidades públicas nestes estados que tiverem nota do IGC igual a quatro ou maior do que quatro estarão dentro do campo de pesquisa. Assim como, todos os cursos de ciências contábeis dessas universidades

públicas que tiverem nota do CPC igual a quatro ou maior do que quatro estarão dentro do campo de pesquisa.

No *site* do e-MEC, foi realizada uma busca das universidades públicas dos estados selecionados com o IGC e CPC, igual a quatro ou acima de quatro, e foram encontradas sete Instituições de Ensino Superior: Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A tabela 2 relaciona as notas do IGC e do CPC:

Tabela 2 – IGC das Universidades e CPC dos Cursos

<b>Estado</b>	<b>IES</b>	<b>IGC - 2018</b>	<b>CPC - 2018</b>
DF	UNB	5	4
SP	UNIFESP	5	4
SC	UFSC	5	4
RJ	UFRJ	5	4
	UERJ	4	4
	UFF	4	4
	UFRRJ	4	4

Fonte: A Autora, 2020.

Observando o estado de São Paulo, nota-se que não foi citada a Universidade de São Paulo (USP). A razão para a USP não aparecer no *site* do e-MEC é porque ela não participa do exame do Enade. O principal motivo é sua discordância em relação ao critério de participação dos alunos, que nem todos os alunos fazem o exame, apenas uma amostra sorteada pelo MEC. No entanto, por ser uma IES reconhecida nos *rankings* internacionais, incluiremos essa Universidade na nossa amostra. Portanto, a amostra final foi definida conforme a tabela 3.

Tabela 3 – Amostra Final

Estado	IES
DF	UNB
SP	USP UNIFESP
SC	UFSC
RJ	UFRJ UERJ UFF UFRRJ

Fonte: A autora, 2020.

### 2.3 Procedimentos de Coleta de Dados

Foram utilizadas as seguintes estratégias de coleta de dados: solicitação do PPC dos cursos de Ciências Contábeis das universidades públicas selecionadas, pesquisa da grade curricular atual nos portais eletrônicos do departamento dos cursos e elaboração e aplicação de entrevista aos alunos, coordenadores e/ou professores dos cursos de Ciências Contábeis das universidades públicas selecionadas.

Alguns PPCs foram coletados nos portais eletrônicos dos departamentos de Ciências Contábeis das IES, onde foi encontrado o PPC da USP e UFRJ. Num segundo momento, o contato foi realizado através do correio eletrônico. As universidades que responderam foram a UFSC e a UERJ. Em um terceiro momento, o contato foi realizado com as outras IES por meio do telefone, e a UNB respondeu que o PPC estava em elaboração, e o vigente estava no discriminado no portal eletrônico, mas não enviaram o documento.

Num quarto momento, foi aberta uma solicitação na plataforma do Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC), que permite que qualquer pessoa encaminhe pedidos de acesso à informação e receba a resposta num prazo determinado da solicitação realizada para órgãos e entidades do Executivo Federal. Através desse sistema foi possível obter o PPC da UFRRJ e da UFF.

A segunda etapa foi a pesquisa da grade curricular atual nos portais eletrônicos do departamento dos cursos. Alguns PPCs estavam desatualizados, portanto os cursos atualizaram somente a grade curricular e disponibilizam na internet.

A terceira etapa da coleta de dados é a elaboração da entrevista semiestruturada. Segundo Duarte (2004), as entrevistas são fundamentais para explicitar práticas, crenças e valores que estão omitidos. Se bem elaboradas as entrevistas permitem uma maior profundidade, permitindo descrever e compreender a realidade.

A entrevista foi escolhida como método de coleta de dados pois ela permite que seja identificado como o currículo é percebido pelos gestores, docentes e discentes. Os entrevistados foram professores e/ou coordenadores dos cursos, pois eles participam da elaboração do currículo, e os alunos que atuam em empresas juniores e atividades relacionadas a educação empreendedora e inovação, pois eles têm uma visão empreendedora e podem opinar se temas relacionados à educação empreendedora e à inovação estão sendo abordados em sala de aula. O número mínimo de informantes é 14, um professor e/ou coordenador e um aluno dos cursos de ciências contábeis das sete universidades selecionadas. (DUARTE, 2004)

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida sobre um assunto, onde o roteiro apresenta as questões principais que são complementadas por outras questões que surgem no momento da entrevista. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre (MANZINI, 2004). “As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa.” (BONI E QUARESMA, 2005, p.75).

Boni e Quaresma (2005), destacam que na entrevista semiestruturada o entrevistador pode dirigir a entrevista para “o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista” (p.75). Esse tipo de entrevista ajuda a delimitar o volume das informações, onde o entrevistador pode direcionar as perguntas para que os objetivos sejam alcançados.

Foram elaborados dois roteiros de entrevista: Roteiro de Entrevista (Coordenador/Professor), no apêndice A, e Roteiro de Entrevista (Aluno), no apêndice B. Foi elaborada também a Carta de Apresentação, no apêndice C.

## 2.4 Tratamento dos Dados

O tratamento dos dados será dividido em duas etapas: na primeira etapa, a análise de cada currículo formal apresentado nos portais eletrônicos do curso e no PPC e, na segunda etapa, a análise das entrevistas elaboradas com coordenadores, professores e alunos.

### 2.4.1 Análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos e da Matriz curricular

A relação do ano de elaboração do PPC de ciências contábeis de cada universidade é: PPC USP (2013), PPC UFSC (2006), PPC UFRJ (2014), PPC UERJ (2005), PPC UFRRJ (2018), PPC UFF (2018) e PPC UNIFESP (2020). No entanto as matrizes curriculares dos cursos foram atualizadas e disponibilizadas nas páginas eletrônicas dos departamentos.

O próximo passo foi a elaboração de uma matriz para comparar os conteúdos apresentados em cada matriz curricular, analisando suas disciplinas obrigatórias e optativas do curso, e as optativas de outros cursos que ficam disponíveis nas páginas eletrônicas do curso para os alunos. Assim como as atividades de pesquisa e extensão com o foco em educação empreendedora e inovação que estão presentes no PPC.

O Quadro 12 apresenta o resumo as análises dos currículos sobre ensino em educação empreendedora e Inovação. Em relação à educação empreendedora foram analisados os tópicos relacionados a “Empreendedorismo”, “Práticas gerenciais” e “Responsabilidade Social”. Em inovação foram analisados os temas “Habitats de Inovação”, “Proteção intelectual” e “Tecnologia da Informação”.

Quadro 12 – Análise Documental - Ensino

<i>Análise Documental</i>		
<i>Tópicos Analisados sobre Ensino</i>	<b>Educação Empreendedora (Tópicos de Análise: “Empreendedorismo”/ “Práticas gerenciais” / “Responsabilidade Social” )</b>	<b>Inovação (Tópico de Análise “Inovação”/ “Proteção intelectual”/ “Tecnologia da Informação”)</b>
<i>Universidades</i>		
<b>UNB</b>	Disciplinas optativas de outros cursos como “Criação de Negócios” e “Introdução a Atividade Empresarial” que aparecem na página eletrônica do curso.	-
	Disciplina optativas de outro curso “Análises de Decisões” que aparece na página eletrônica do curso.	-
	Disciplina optativa de outro curso como “Análise Custo Benefício Ambiental de Projetos” que aparece na página eletrônica do curso.	Disciplina obrigatória como “Sistemas de Informações Contábeis”
<b>USP</b>	-	-
	Disciplinas obrigatórias como “Jogos de Empresas”, “Fundamentos de Marketing” e “Análise da Decisão”. Optativa do curso como “ <i>Decision Making for Accountancy</i> ”	-
	Disciplina optativa de outro curso como “Relato Integrado e Sustentabilidade” que aparece na página eletrônica do curso.	Disciplina obrigatória como “Sistemas de Informações Contábeis”/ <i>Logic Programing Business</i>
<b>UNIFESP</b>	Disciplina optativa de outro curso como “Experiência Empreendedora” que aparece na página eletrônica do curso.	Disciplina optativa de outro curso como “Mudanças Técnicas e Redes de Inovação” que aparece na página eletrônica do curso.
	Disciplina optativa de outro curso como “Tomada De Decisão Organizacional” que aparece na página eletrônica do curso.	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Social e Ambiental”.	Disciplina obrigatória como “Sistema de Informações Contábeis”
<b>UFSC</b>	-	Disciplina optativa de outro curso “Habitats de Inovação” que aparece na página eletrônica do curso.
	Disciplina obrigatória como “Simulação Gerencial”	-
	Disciplina optativa de outro curso como “Gestão da Sustentabilidade” que aparece na página eletrônica do curso e obrigatória como “Contabilidade e Responsabilidade Socioambiental”	Disciplina obrigatória como “Sistema de Informações Contábeis”
<b>UFRJ</b>	-	-
	Disciplina optativa do curso como “Marketing”	-
	Disciplina optativa do curso como “Contabilidade Socioambiental” e “Gestão de Serviços”	Disciplina optativa como “Sistemas de Informações Contábeis”
<b>UERJ</b>	Disciplina optativa do curso como “Simulação Empresarial”	-
	Disciplina optativa do curso como “Fundamentos de Marketing” e obrigatória “Modelos Contemporâneos de Gestão”	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Social”	Disciplinas optativas do curso como “Recursos de Computação Aplicada” e Recursos de Informática na Internet”
<b>UFF</b>	-	-
	Disciplina obrigatória como “Laboratório de Prática Contábil e de Gestão”	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade, Sociedade e Meio Ambiente”	-
<b>UFRRJ</b>	-	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Gerencial para Tomada De Decisão”	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Socioambiental”	Disciplina obrigatória “Sistemas de Informações e Práticas Contábeis”.

Fonte: A autora, 2020.

Em relação ao tópico “Empreendedorismo”, normalmente as disciplinas são relacionadas a criação de um plano de negócios para abertura de empresas. A UNB e a UNIFESP apresentam disciplinas que são oferecidas por outros cursos na grade curricular como optativas. A UFF apresenta a disciplina “Desenvolvimento de Negócios” e “Estratégia Empresarial” no PCC, mas elas não aparecem na grade curricular disponível na página eletrônica do curso. A UFRRJ também apresenta a disciplina “Empreendedorismo e Plano de Negócios” no PCC, mas ela não aparece na grade curricular apresentada na página eletrônica do curso. A UERJ apresenta a disciplina “Simulação Empresarial” como eletiva no seu currículo.

O tema “Práticas gerencias” é abordado pela UNB e UNIFESP através de disciplinas optativas de outros cursos que estão disponibilizados na grade curricular na página eletrônica do curso. A USP aborda disciplinas obrigatórias e optativas, uma das disciplinas é ministrada em inglês “*Decision Makers for Accountancy*”. A UFRJ e UERJ apresentam disciplinas optativas do curso de Marketing. A UFSC, UFF e UFRRJ apresentam disciplinas obrigatórias relacionadas a simulação gerencial, laboratório e tomada de decisão.

O tema de “Responsabilidade Social” é abordado em disciplinas como Contabilidade Social e Ambiental. Todos os cursos apresentam disciplinas relacionados ao tema social e ambiental. A UNB e USP apresentam disciplinas optativas de outros cursos. Enquanto a UNIFESP, UFSC, UERJ, UFF e UFRRJ apresentam disciplinas obrigatórias no currículo. A UFRJ apresenta a disciplina como optativa.

O tema “Inovação” é abordado nos cursos da UFSC com a disciplina optativa “Habitats de Inovação”, oferecida pelo curso de Engenharia do Conhecimento. E na UFRJ com as disciplinas “Gestão Desenvolvimento e Inovação” e “Gestão Tecnologia e Inovação”, oferecidas pelo curso como disciplinas de extensão. A UNIFESP apresenta disciplinas optativas de outros cursos como “Mudanças Técnicas e Redes de Inovação”.

Em relação ao tema “Propriedade Intelectual”, a UFRRJ apresenta uma disciplina optativa sobre o assunto no PCC, que fala sobre patentes e proteção intelectual.

O tema “Tecnologia da informação” foi abordado por todos os cursos com disciplinas obrigatórias e optativas sobre o assunto. A UFF apresentou a disciplina “Tecnologia da Informação Aplicada aos Negócios” no PCC, mas não aparece na grade curricular. E a UFRRJ a disciplina “Linguagem de Programação” no PPC, mas também não aparece na grade curricular.

O Quadro 13 apresenta os grupos de pesquisa e atividades de extensão dos cursos que envolvem Educação Empreendedora e Inovação.

Quadro 13 – Análise Documental – Pesquisa e Extensão

<i>Análise Documental</i>		
<i>Tópicos Analisados – Pesquisa e Extensão Universidades</i>	<b>Educação Empreendedora (Tópicos de Análise: Pesquisa/ Extensão)</b>	<b>Inovação (Tópicos de Análise: Pesquisa/ Extensão)</b>
<b>UNB</b>	-	-
	Empresa Júnior do Curso	-
<b>USP</b>	“Laboratório de pesquisa sobre práticas gerenciais”	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-
<b>UNIFESP</b>	-	-
	Empresa Júnior da Faculdade / Mind7	-
<b>UFSC</b>	-	“Habitats de Inovação e Empreendedorismo (VIA Estação Conhecimento)”
	Empresa Júnior da Faculdade	-
<b>UFRJ</b>	-	“Grupo de Pesquisa em Avaliação em Ciência e Tecnologia”
	“Introd ao Cooperativismo – Ext” e “Simulação Empresarial – Ext”/ Empresa Júnior da Faculdade	“Gestão Desenv e Inovação – Ext” e “Gestão Tecn e Inovação – Ext”/ Incubadora de Cooperativa de catadores de lixo
<b>UERJ</b>	“Empoderamento das marcas comerciais - um novo conceito: powerbranding”	“Inovação na Gestão Pública”
	Empresa Júnior da Faculdade	-
<b>UFF</b>	-	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-
<b>UFRRJ</b>	“Gestão Estratégica em Contabilidade”	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-

Fonte: A autora, 2020.

Em relação aos grupos de pesquisa voltado para a educação empreendedora e inovação. A USP apresenta em seu portal eletrônico o grupo “Laboratório de pesquisa sobre práticas gerenciais” que tem como objetivo “discutir inovação, verificar se e como ela ocorre dentro do processo de gestão das empresas brasileiras de médio e grande portes.” A UNB tem o grupo “Contabilidade para Tomada de Decisão” que tem o objetivo de estudar “a geração de informações sobre as ações de uma entidade para o processo decisório do usuário interno.” A UFRJ tem grupos como “Grupo de Pesquisa em Avaliação em Ciência e Tecnologia”. A UERJ possui o grupo “Inovação na Gestão Pública” e “Empoderamento das marcas comerciais - um novo conceito: *powerbranding*”. A UFSC tem o grupo de pesquisa “Habitats de Inovação e Empreendedorismo (VIA Estação Conhecimento)” que tem o objetivo de “promover transferência de conhecimento entre academia, empreendedores, governo e sociedade, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão, buscando sinergias de um trabalho colaborativo em

rede.” Esses grupos de pesquisa não são exclusivos do curso de ciências contábeis, eles são da Faculdade que incluem outros cursos de graduação como administração, economia e outros.

Em relação às atividades de extensão, os cursos divulgam no PPC ou no próprio portal eletrônico do departamento. A maioria dos cursos apresenta projetos voltados ao atendimento à pessoa física através da elaboração do Imposto de Renda em parceria com a Receita Federal. O curso da UNB foi o único a apresentar uma empresa júnior específica de Ciências Contábeis. A UFRJ tem diferentes projetos de extensão, que aparecem na grade curricular, voltados para educação empreendedora e inovação, assim como uma incubadora que atende cooperativas de catadores de lixo na Ilha do Fundão.

#### 2.4.2 Análise das Entrevistas Semiestruturada

Foram realizadas 27 entrevistas através de aplicativos de reunião como Skype, Zoom, Google Meet e uma entrevista pelo celular por falta de conexão de internet no momento marcado. As entrevistas envolveram 8 coordenadores de graduação dos cursos de ciências contábeis, 7 professores do curso e 12 alunos de graduação que participaram de empresas juniores, projetos ou grupos de pesquisa relacionados à educação empreendedora e inovação.

O tempo de duração das entrevistas variaram entre 13 minutos, a entrevista mais curta, e 1 hora e 22 minutos, a entrevista mais longa. A transcrição apresenta um total de 241 páginas com aproximadamente 16 horas de áudio. A tabela 4 relaciona todos os participantes das entrevistas e a codificação utilizada para identificar suas falas.

Tabela 4 – Codificação dos entrevistados

<b>N</b>	<b>Universidades</b>	<b>Entrevistas com Coordenadores (C, D)</b>	<b>Entrevistas com Professores (P)</b>	<b>Entrevistas com Alunos (A, B)</b>
<b>1</b>	UNB	2 (C1; D1)	1 (P1)	1 (A1)
<b>2</b>	USP	0	1 (P2)	1 (A2)
<b>3</b>	UNIFESP	1 (C3)	0	2 (A3; B3)
<b>4</b>	UFSC	1 (C4)	1 (P4)	2 (A4; B4)
<b>5</b>	UFRJ	1 (C5)	1 (P5)	2 (A5; B5)
<b>6</b>	UERJ	1 (C6)	1 (P6)	1 (A6)
<b>7</b>	UFF	1 (C7)	1 (P7)	1 (A7)
<b>8</b>	UFRRJ	1 (C8)	1 (P8)	2 (A8; B8)
<b>TOTAL</b>		<b>8</b>	<b>7</b>	<b>12</b>

Fonte: A autora, 2020.

Bartelmebs (2013) fala que a análise qualitativa precisa ser bem definida com categorias claras e objetivas. Onde o leitor tenha condições de entender o que foi definido pelo pesquisador e o resultado alcançado. A definição de categorias por Bardin (2016) são classes que reúnem um conjunto de elementos com características comuns sob uma identificação genérica. “Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles.” (BARDIN, 2016).

A divisão das categorias das entrevistas com professores e/ou coordenadores foi realizada em cinco quadros. O Quadro 14 apresenta uma comparação das disciplinas estabelecidas nos currículos com as disciplinas que são efetivamente oferecidas em sala de aula, conforme informações fornecidas pelos coordenadores e professores nas entrevistas. O Quadro 15 faz a comparação da pesquisa e extensão oferecidas nos currículos e páginas eletrônicas com as apresentadas pelo curso. O Quadro 16 traça o perfil do egresso e atualização do currículo, o Quadro 17 aborda categorias sobre ações planejadas e limitações na aplicação da educação empreendedora e inovação no curso e no Quadro 18, encontram-se tópicos sobre a abordagem da educação empreendedora e inovação nos cursos.

Com base no que foi levantado no Quadro 12, sobre a análise documental, foram realizadas perguntas aos coordenadores e professores sobre a aplicação das disciplinas enquadradas como “Ensino em Educação Empreendedora e Inovação” (Quadro 14). O Quadro 14 compara o currículo formalizado com o currículo operacionalizado.

Quadro 14 – Análise das entrevistas- Ensino

<i>Análise documental</i>			<i>Entrevistas</i>	
<i>Tópicos Analisados sobre Ensino Universidades</i>	<b>Educação Empreendedora (Tópicos de Análise: “Empreendedorismo”/ “Práticas gerenciais” / “Responsabilidade Social” )</b>	<b>Inovação (Tópico de Análise “Inovação” / “Proteção intelectual”/ “Tecnologia da Informação”)</b>	<b>Educação Empreendedora (Tópicos de Análise: “Empreendedorismo” / “Práticas gerenciais” / “Responsabilidade Social” )</b>	<b>Inovação (Tópico de Análise “Inovação” / “Proteção intelectual”/ “Tecnologia da Informação”)</b>
<b>UNB</b>	Disciplinas optativas de outros cursos como “Criação de Negócios” e “Introdução a Atividade Empresarial” que aparecem na página eletrônica do curso.	-	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (D1)	-
	Disciplina optativas de outro curso “Análises de Decisões” que aparece na página eletrônica do curso.	-	-	-
	Disciplina optativa de outro curso como “Análise Custo Benefício Ambiental de Projetos” que aparece na página eletrônica do curso.	Disciplina obrigatória como “Sistemas de Informações Contábeis”	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (D1)	Disciplina “Laboratório” aborda softwares contábeis (D1)
<b>USP</b>	-	-	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (P2)	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (P2)
	Disciplinas obrigatórias como “Jogos de Empresas”, “Fundamentos de Marketing” e “Análise da Decisão”. Optativa do curso como “ <i>Decision Making for Accountancy</i> ”	-	“As disciplinas optativas do curso como “ <i>Decision Making for Accountancy</i> ” e “Jogos de Empresas” têm essa abordagem” (P2)	-
	Disciplina optativa de outro curso como “Relato Integrado e Sustentabilidade” que aparece na página eletrônica do curso.	Disciplina obrigatória como “Sistemas de Informações Contábeis”/ Logic Programing Business	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (P2)	“Tem a disciplina de ERP, mas ela é mais conceitual do que prática. <i>Logic Programing Business</i> é ensinado Python.” (P2)
<b>UNIFESP</b>	Disciplina optativa de outro curso como “Experiência Empreendedora” que aparece na página eletrônica do curso.	Disciplina optativa de outro curso como “Mudanças Técnicas e Redes de Inovação” que aparece na página eletrônica do curso.	“A disciplina não foi oferecida aos alunos” (C3)	“A disciplina não foi oferecida aos alunos” (C3)
	Disciplina optativa de outro curso como “Tomada De Decisão Organizacional” que aparece na página eletrônica do curso.	-	“A disciplina não foi oferecida aos alunos” (C3)	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Social e Ambiental”.	Disciplina obrigatória como “Sistema de Informações Contábeis”	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Social e Ambiental” (C3)	Utilizam softwares para análise de balanço e finanças. (C3)

Quadro 14 – Análise das entrevistas- Ensino (continuação)

<b>UFSC</b>	-	Disciplina optativa de outro curso “Habitats de Inovação” que aparece na página eletrônica do curso.	Pretende oferecer uma disciplina optativa de empreendedorismo. (C4)	“Habitats de Inovação” abordam esse tema. (P4)
	Disciplina obrigatória como “Simulação Gerencial”	-	Disciplina obrigatória como “Simulação Gerencial” (C4)	“Habitats de Inovação” abordam esse tema. (P4)
	Disciplina optativa de outro curso como “Gestão da Sustentabilidade” que aparece na página eletrônica do curso e obrigatória como “Contabilidade e Responsabilidade Socioambiental”	Disciplina obrigatória como “Sistema de Informações Contábeis”	Disciplina obrigatória como “Contabilidade e Responsabilidade Socioambiental” (C4)	“Contabilometria” e “Laboratório utilizam softwares contábeis. (C4)
<b>UFRJ</b>	-	-	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (C5)	Disciplina oferecidas na grade curricular como extensão. (C5)
	Disciplina optativa do curso como “Marketing” e “Gestão de Serviços”	-	“Simulação Empresarial” e “Sistemas gerenciais” abordam o tema. (C5)	-
	Disciplina optativa do curso como “Contabilidade Socioambiental”	Disciplina optativa como “Sistemas de Informações Contábeis”	Disciplina optativa do curso como “Contabilidade Socioambiental”. (C5)	“Simulação Empresarial” utiliza softwares contábeis. (C5)
<b>UERJ</b>	Disciplina optativa do curso como “Simulação Empresarial”	-	“Simulação Empresarial” aborda o tema. (C6)	Disciplina “Contabilidade da Inovação” no mestrado, pretende-se aproximar os alunos do mestrado. (C6)
	Disciplina optativa do curso como “Fundamentos de Marketing” e obrigatória “Modelos Contemporâneos de Gestão”	-	Disciplina “Fundamentos de Marketing” aborda o tema. (C6)	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Social”	Disciplinas optativas do curso como “Recursos de Computação Aplicada” e Recursos de Informática na Internet”	“A disciplina Tópicos Especial abordou sobre Contabilidade Ambiental na época da tragédia de Brumadinho.” (C6)	“O laboratório não atende todos os alunos, mas as disciplinas acontecem.” Estão revendo parceria com softwares contábeis. (C6)
<b>UFF</b>	-	-	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (C7)	-
	Disciplina obrigatória como “Laboratório de Prática Contábil e de Gestão”	-	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (C7)	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade, Sociedade e Meio Ambiente”	-	Disciplina obrigatória como “Contabilidade, Sociedade e Meio Ambiente” (C7)	Disciplina obrigatória como “Prática de Sistemas Contábeis” utiliza softwares contábeis. (C7)

Quadro 14 – Análise das entrevistas- Ensino (continuação)

<b>UFRRJ</b>	-	-	Os alunos podem procurar por disciplinas optativas de outros cursos. (C8)	-
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Gerencial para Tomada De Decisão”	Disciplina optativa “Propriedade Intelectual”	Disciplina obrigatória como “Análise Contábil-Financeira” (P8)	O currículo é novo, portanto a disciplina ainda não foi oferecida aos alunos. (C8)
	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Socioambiental”	Disciplina obrigatória “Sistemas de Informações e Práticas Contábeis”.	Disciplina obrigatória como “Contabilidade Socioambiental”. (C8)	A disciplina “Laboratório contábil” utiliza softwares contábeis. (C8)

Fonte: A autora, 2020.

Em relação à educação empreendedora, os coordenadores da UNB, UFRRJ e UFF afirmaram que os alunos podem procurar como disciplinas optativas no curso de Administração. O curso da UNIFESP não ofertou todas as matérias optativas que estavam no currículo por falta de professor. O curso da UFRJ apresentou disciplinas como “Simulação empresarial” e “Sistemas gerenciais”. O curso da USP confirmou a disciplina “*Decision Makers for Accountancy*”, criada a partir de um projeto de internacionalização, a disciplina é toda em inglês. “E ela tem essa lógica de discutir o processo de decisão com base no que era feito na universidade de Illinois.” (Entrevistado P2, 2020). O curso da UERJ destacou que a disciplina “Fundamentos de Marketing” aborda o tema.

Sobre inovação, o curso da UFRJ ofertou disciplinas como extensão, que são as disciplinas de “Gestão Desenvolvimento e Inovação” e “Gestão Tecnologia e Inovação”, que serão relacionadas no próximo quadro. A UFSC confirmou que a disciplina “Habitats de Inovação” é ministrada normalmente e tem participação dos alunos, o docente que ministra afirmou que aborda assuntos como inovação e propriedade intelectual. O coordenador da UERJ disse que a mudança no PPC prevê uma integração da graduação com o mestrado, onde seria abordado esses assuntos. A UFRRJ afirmou que a disciplina “Propriedade Intelectual” não foi oferecida aos alunos, pois o currículo é novo.

Percebe-se que a maioria dos cursos utilizam disciplinas isoladas e optativas. Alguns cursos nem oferecem na grade curricular, sendo necessário buscar em outros cursos. Mas, só em um caso, a Educação Empreendedora e Inovação aparecem de forma conjunta como na USFC através da disciplina “Habitats de Inovação”, onde o docente que ministra afirmou que:

“Educação empreendedora, entra como uma transversal na disciplina. O foco dela é habitats de inovação. Então, a gente costuma dizer que uma das entradas das pessoas nesses ambientes é o empreendedor. E tem um momento da disciplina que a gente trabalha um desafio. E a partir disto ele faz um canvas, um modelo de negócio. A partir dos editais, que são propostos pelos ambientes de incubação e pré-incubação,

então eles têm uma experiência prática. Mas também a questão do empreendedorismo não é a minha preocupação. Não é só com a veia de abertura de empresa. Mas aquela coisa do intraempreendedorismo de você fazer, de colocar a mão na massa, de ter atitude, de ter uma visão sistêmica. Então, por exemplo, quando a gente trabalha a cidade inteligente que é um dos temas de habitats de inovação. A gente também trabalha desafios e eles têm que sair da zona de conforto e buscar a solução para campus da UFSC inteligente. Então, nessa etapa a gente também está trabalhando algumas habilidades ou competências empreendedoras. O foco da disciplina não é abrir uma empresa, mas a ideia é que você vislumbre uma oportunidade de ser prático, ativo, de ter liderança eu acho que nesse sentido.[...] A inovação também, já nas primeiras, a gente apresenta o que a gente considera uma inovação. Então todo o conceito, a base conceitual, a gente trabalha. E a partir disso a gente faz algumas dinâmicas com metodologias ativas de aprendizagem e com produtos mão na massa. É que o aluno tem que pensar em como fazer um novo produto a partir daqueles requisitos que a gente dá. Então é algo bem prático, que o aluno faça. Ser inovador ou ser empreendedor, mais no sentido de você estar entusiasmado para fazer.” (Entrevistado P4, 2020)

O coordenador da UNB falou da importância da parceria com outros cursos como o de Administração:

“Administração está mais um pouco nessa linha. É que falta a gente se integrar. Da mesma maneira que o pessoal de Administração não entende nada de Contabilidade de gestão. Você forma um cara, mas não dá instrumentos para ele materializar. Nós temos a seguinte situação: nós somos quatro cursos no mesmo prédio. Ninguém fala com ninguém. Portanto se o pessoal de Administração não entende de Custos, eles pegam uma disciplina com a gente. Mas assim, uma disciplina não é suficiente para entender Contabilidade Gerencial. Mas nem a gente comunica com eles para entender de inovação. Então assim, cada um cuida do seu barco. O resultado? Ineficiência dos dois lados.” (Entrevistado C1, 2020)

O Quadro 15 faz a comparação da pesquisa e extensão oferecidas nos currículos e páginas eletrônicas com as apresentadas pelo curso, conforme as entrevistas com coordenadores e professores.

Quadro 15 – Análise das entrevistas – Pesquisa e Extensão

<i>Análise Documental</i>			<i>Entrevistas</i>	
<i>Tópicos Analisados – Pesquisa e Extensão Universidades</i>	<b>Educação Empreendedora (Tópicos de Análise: Pesquisa/ Extensão)</b>	<b>Inovação (Tópicos de Análise: Pesquisa/ Extensão)</b>	<b>Educação Empreendedora (Tópicos de Análise: Pesquisa/ Extensão)</b>	<b>Inovação (Tópicos de Análise: Pesquisa/ Extensão)</b>
<b>UNB</b>	-	-	-	-
	Empresa Júnior do Curso	-	Empresa Júnior do Curso. (C1)	“Contabilidade conectada” / Cursos do NIT (C1)
<b>USP</b>	“Laboratório de pesquisa sobre práticas gerenciais”	-	-	Grupo de Estudos de Tecnologia da Educação na Contabilidade – GETEC. (P2)
	Empresa Júnior da Faculdade	-	Empresa Júnior da Faculdade. (P2)	-
<b>UNIFESP</b>	-	-	-	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-	Empresa Júnior da Faculdade / Mind7 (A3, B3)	-
<b>UFSC</b>	-	-	-	“Habitats de Inovação e Empreendedorismo (VIA Estação Conhecimento)” (P4)
	Empresa Júnior da Faculdade	-	Empresa Júnior da Faculdade (C4)	-
<b>UFRJ</b>	-	“Grupo de Pesquisa em Avaliação em Ciência e Tecnologia”	-	“Programa de Gestão e Inovação” (P5)
	“Introd ao Cooperativismo – Ext” e “Simulação Empresarial – Ext”/ Empresa Júnior da Faculdade	“Gestão Desenvolvimento e Inovação – Ext” e “Gestão Tecnologia e Inovação – Ext”/ Incubadora	“Introd ao Cooperativismo – Ext” e “Simulação Empresarial – Ext”/ Empresa Júnior da Faculdade. (C5)	“Gestão Desenvolvimento e Inovação – Ext” e “Gestão Tecnologia e Inovação – Ext”. (C5) / Incubadora
<b>UERJ</b>	“Empoderamento das marcas comerciais - um novo conceito: powerbranding”	“Inovação na Gestão Pública”	-	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-	Empresa Júnior da Faculdade. (C6)	-
<b>UFF</b>	-	-	-	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-	Empresa Júnior da Faculdade. (C7)	-
<b>UFRRJ</b>	“Gestão Estratégica em Contabilidade”	-	-	-
	Empresa Júnior da Faculdade	-	Escritório de práticas contábeis/ Empresa Júnior da Faculdade/ Cursos do SEBRAE. (C8 e P8)	-

Fonte: A autora, 2020.

Em relação às informações destacadas no Quadro 15, no tópico “Pesquisa em Educação Empreendedora e Inovação”, todos os coordenadores dos cursos afirmaram que não existe um grupo de pesquisa específico na graduação que fale sobre o assunto. Alguns professores relataram participar de grupos de pesquisa relacionados à Educação Empreendedora e Inovação como o docente da USP que possui o grupo de pesquisa chamado GETEC, onde foi criado um jogo chamado Débora que tem essa visão. O docente da UFSC, que faz parte de outro departamento, que relatou:

“Tem os grupos de pesquisa, por exemplo, o meu grupo é um grupo aberto. A gente já teve vários alunos de vários cursos. Contábeis era um número bastante alto inclusive que a gente tem. Mas tem alunos da engenharia, da psicologia, tem aluno jornalismo. É multidisciplinar mesmo. E a gente entende que o tema é multidisciplinar mesmo. É o desafio de trabalhar com várias cabeças. O meu grupo é Habitat de Inovação e Empreendedorismo, que é o Vista do Conhecimento.” (Entrevistado P4, 2020)

E o docente da UFRJ que destacou:

“A gente criou um grupo de pesquisa que chama Programa de Gestão e Inovação. A gente tem uma linha de pesquisa de empreendedorismo, que é essa linha que eu estou, e tem uma linha de Administração Universitária que a gente discute a formação. A gente discute, na verdade quais são os aspectos que vão interferir nessa formação desse aluno. A gente tem esses dois olhares principais nesse grupo de pesquisa.” (Entrevistado P5, 2020)

Em relação à categoria “Extensão em Educação Empreendedora e Inovação”, na maioria dos cursos foram identificados programas de extensão voltados a práticas fiscais como Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal (NAF) em parceria com a Receita Federal, mas não está relacionado ao tema. Além disso, a UNB tem o projeto Contabilidade Conectada, que é a ligação entre a universidade e a sociedade. O projeto está nas mídias sociais e traz palestras e debates sobre diversos assuntos. “Por exemplo ano passado teve palestra sobre a lei do bem. Que é a questão da inovação. Então a gente procura trazer esses assuntos também como algo além da sala de aula. Digamos assim. Algo fora da sala de aula.” (Entrevistado C1, 2020)

A UFRRJ tem um projeto de extensão que é um escritório de práticas contábeis. A ideia do projeto era “tentar fazer com que esse projeto fizesse um trabalho numa forma online ou somente digital, tentar empreender no sistema digital.” (Entrevistado P8, 2020). O projeto atualmente funciona com “palestras, faz algumas apresentações, conferência, para incentivar o empreendedorismo e a inovação na prática contábil em si.” (Entrevistado P8, 2020). A UNIFESP tem a liga Mind7 que é um grupo formado por alunos de diferentes cursos que falam sobre temas voltados a Educação Empreendedora através da Redes Sociais. E a UFRJ tem a

incubadora de cooperativa de catadores de lixo, como já foi mencionado anteriormente. O docente da UFRJ explicou como funciona a extensão no curso:

“Agora os alunos são obrigados a fazer 10% da sua carga horária na forma de extensão, mas serve qualquer coisa. Então eles vão buscar aquilo que é mais fácil, que não dá trabalho. E esse tipo de projeto dá muito trabalho e requer dedicação, a pessoa tem que ir, você tem que se envolver com aquilo, e um semestre letivo é muito pouco quando você começa a entender, acabou. Por isso que a gente criou duas disciplinas, para ver se a gente fica pelo menos um ano, porque aí quando esses alunos começam a entender, eles vão embora. Aí você começa tudo de novo no período seguinte.[...] Nossa ideia era que a gente não ia deixar mais os alunos saírem para estagiar antes de quinto período e mantê-los até o quarto período nesse projeto. A gente ia dar a extensão para todo mundo e então todos iam ser obrigados a passar por aqui. A gente achou uma grande ideia! A gente descobriu que não conseguiria, porque com essas bolsas de 400 reais o mercado oferece no mínimo o dobro, o triplo para esses meninos logo no início do curso. A gente não é competitivo financeiramente falando. Então a gente não consegue segurar os meninos até que eles enxerguem os benefícios que eles podem ter porque logo que chega, é muito difícil. Você não pode largar os meninos no início, você tem que passar todo o processo de formação. Agora a gente abriu duas disciplinas lá na incubadora, então tem alunos fazendo aula lá, sobre essa questão.” (Entrevistado P5, 2020)

O Quadro 16 traça o perfil do egresso de cada curso, a data da última atualização do currículo e as propostas curriculares utilizadas na sua atualização.

Quadro 16 – Perfil do Egresso e atualização do currículo

Entrevistas Professores/ Coordenadores			
Tópicos Analisados	Perfil do Egresso	Atualização do currículo	Propostas curriculares utilizadas
Universidades			
<b>UNB</b>	Formação para empresa de grande porte e finanças. (C1)	Em processo de atualização do currículo. (C1)	MEC. (D1)
<b>USP</b>	Formação para Auditoria. (P2)	Em processo de atualização do currículo. (P2)	ACCA <sup>14</sup> , CIMA <sup>15</sup> , AICPA <sup>16</sup> e Currículo Mundial. (P2)
<b>UNIFESP</b>	Formação para empresa de grande porte. (C3)	Atualização em 2019. (C3)	Currículo Mundial. (C3)
<b>UFSC</b>	Formação para empresa de grande porte. (C4)	Atualização em 2019. (C4)	MEC, Currículos da USP e UFRJ, Proposta do CRC. (C4)
<b>UFRJ</b>	Formação para empresa de grande porte. (C5)	Atualização em 2020. (C5)	MEC, Currículo Mundial e todas as propostas. (C5)
<b>UERJ</b>	Formação para empresa de grande porte. (C6)	Em processo de atualização do currículo. (C6)	Currículo Mundial e outras propostas de universidades bem-conceituadas pela CAPES. (C6)
<b>UFF</b>	Formação para Controller. (C7)	Atualização em 2018. (C7)	Currículos da USP, UNB, UERJ, UFRN, Proposta do CRC. (C7)
<b>UFRRJ</b>	Formação para escritório e Auditoria. (C8)	Atualização em 2018. (C8)	Proposta do CRC, Currículos da USP e outras universidades. (C8 e P8)

Fonte: A autora, 2020.

Analisando a categoria “Perfil do egresso”, no Quadro 16, a maioria dos cursos respondeu que o foco do curso é a formação de contadores para trabalhar em empresas de grande porte. A UNB acrescentou que os alunos do curso, em sua maioria, sempre tiveram foco para concurso público, mas esse perfil vem sendo modificado conforme trecho da entrevista:

“O nosso aluno ele sempre visou muito o concurso. Até pelo fato de a gente estar em Brasília, ser mais forte essa questão do concurso público aqui. Embora a gente desse uma formação para grande empresa e finanças, eles sempre focaram muito no concurso público. O que a gente está vendo tudo é que esse perfil ele provavelmente vai mudar no curto prazo, porque como diminuíram a quantidade de concursos que estão aqui. A gente já está vendo assim eles indo mais para a questão da empresa Júnior, já querendo assim ...caminhando para um outro lado, sabe?!” (Entrevistado C1, 2020).

As “Atualizações dos currículos” foram elaboradas recentemente ou estão em processo, diferente do PPC, onde a alteração acontece num prazo maior. No quesito “Propostas curriculares utilizadas”, o Currículo Mundial do ISAR, do CRC e de outras faculdades foram

<sup>14</sup> Association of Chartered Certified Accountants

<sup>15</sup> Chartered Institute of Management Accountants

<sup>16</sup> American Institute of Certified Public Accountants

utilizadas, mas só o professor da USP informou as propostas curriculares de instituições de ensino internacionais em que se baseiam. Alguns coordenadores criticaram o Currículo Mundial por ser uma proposta de 2011 e, portanto, ultrapassada. Assim como a resolução do MEC, que estipula o conteúdo mínimo do currículo e a quantidade de horas, limitando a inclusão de outras disciplinas.

O Quadro 17 aborda categorias sobre ações planejadas pelo curso em relação ao tema educação empreendedora e inovação, a opinião dos professores e coordenadores sobre o tema e as limitações na aplicação da educação empreendedora e inovação no curso.

Quadro 17 – Ações sobre a Educação Empreendedora e Inovação

<b>Entrevistas Professores/ Coordenadores</b>			
<b>Tópicos Analisados</b>	<b>Futuras ações relativas à implantação da educação empreendedora e inovação</b>	<b>Críticas à educação empreendedora e Inovação</b>	<b>Limitações dos cursos</b>
<b>Universidades</b>			
<b>UNB</b>	Foi discutido no colegiado, mas não existe projeto específico. (C1)		Burocracia na aprovação do currículo e dificuldade em entrar em consenso com diferentes aéreas. (C1)
<b>USP</b>	“Esse tema de empreendedorismo e inovação não tem grandes mudanças” (P2)	A profissão do futuro talvez seja muito mais próxima dos atributos de empreendedorismo do que outra coisa. (P2)	Burocracia na aprovação do currículo. (P2)
<b>UNIFESP</b>	Foi discutido no colegiado, mas não existe projeto específico. (C3)		Falta de professores e limitação de espaço físico. (C3)
<b>UFSC</b>	Pretende planejar criar uma disciplina focada em empreendedorismo. Coordenador afirmou que o departamento precisa trabalhar mais com extensão. (C4)	O curso vê a necessidade de trabalhar com empreendedorismo e inovação. (C4) Os alunos precisam desenvolver o senso de pertencimento nos habitats de inovação. (P4)	A necessidade de cumprir a grade curricular limita a abordagem de outros assuntos. (C4)
<b>UFRJ</b>	Educação, inovação, novas tecnologias estão sempre em discussão. Assim como uma abordagem experiencial. (C5)	Os egressos precisam solucionar as demandas da sociedade. Desenvolver as competências necessárias. (C5)	Os alunos precisam mudar de comportamento e ser mais ativos. (P5)
<b>UERJ</b>	Foi discutido no colegiado e tem a pretensão de colocar alguns projetos em prática. (C6)	Os egressos precisam ter competências de gestão. (C6)	Limitação de estrutura física. Os laboratórios não comportam todos os alunos. (C6)
<b>UFF</b>	Não há discussão sobre o tema, mas existe a pretensão de criar disciplinas voltadas para o empreendedorismo. (C7)	O egresso precisa saber sobre empreendedorismo. (C7)	O curso não tem parcerias com Instituições para conseguir recursos financeiros. (C7)
<b>UFRRJ</b>	Foi discutido no colegiado, mas não existe ação específica. (C8)	Não tem como fugir da inovação tecnológica. (C8)	Burocracia na execução dos projetos. (P8)

Fonte: A autora, 2020.

Conforme o Quadro 17, no tópico “Futuras ações”, apesar de alguns currículos estarem em processo de mudança, a maioria dos cursos não estão inserindo o tema da educação empreendedora e inovação. O coordenador da UFRJ afirmou que o tema sempre entra em discussão nas reuniões do colegiado. Enquanto, outros coordenadores mencionaram a intenção de criar projetos, mas não existe nenhum planejamento específico sobre o tema. O coordenador da UERJ falou sobre os projetos que estão sendo discutidos na elaboração do novo currículo:

“Uma outra coisa que a gente está até vendo, que a gente está trabalhando, discutindo ações que a gente pode fazer para que os alunos percebam que a contabilidade está muito além do escopo do pagamento de tributo, de calcular, essas coisas que muitas vezes pensa que é. Que ele pode fazer um trabalho com o Balanço Social, ele pode trabalhar com indicadores sociais, pode trabalhar com a questão ambiental. Enfim, pode ir para parte de agronegócio. Então a gente tem pensado em projetos que, na verdade esse projeto de extensão que está vinculado ao currículo. É um grande guarda-chuva com vários processos ali dentro. Então um planejamento de negócios por exemplo tem tudo a ver com trabalho de empreendedorismo, porque as vezes a pessoa sabe cozinhar muito bem, sabe fazer bem alguma coisa, mas não tem competências de gestão. Ela se enrola, então a gente vai trabalhar muito em cima disso. Esses são os projetos que a gente previu, que a gente espera colocar em prática.” (Entrevistado C6, 2020)

Em relação às críticas sobre a educação empreendedora e inovação, o coordenador da UFF reconhece sua importância para a formação dos alunos:

“Empreendedorismo, é óbvio que tinha que ter na grade, pensando, empreendedorismo, o cara vai ser contador ou ele vai empreender e se ele montar um escritório ele vai ajudar empresários e deveria saber empreendedorismo para poder até ensinar num plano de negócios básico.”(Entrevistado C7, 2020)

O professor da USP reforça a importância da educação empreendedora:

“...eu acredito que a profissão do futuro. O contador e os mais diversos profissionais esteja muito menos conectada com que ela foi até hoje e muito mais conectada com uma coisa que a gente ainda não conhece. Então talvez seja muito mais próximo dos atributos de empreendedorismo do que outra coisa.” (Entrevistado P2, 2020)

O docente da UFRRJ falou sobre a necessidade de incluir a disciplina de “Contabilidade de Inovação” no currículo:

“É um sonho, na verdade, de colocar uma disciplina de Contabilidade da Inovação. A gente trabalhou esse tema, a gente tem até um livro sobre o assunto. Teve uma aluna que apresentou uma monografia recentemente e que nessa monografia ela fazia algumas perguntas para professores e para alunos sobre o nível de conhecimento do termo Inovação e Tecnologia. E percebeu que foi um desastre total porque ninguém sabe exatamente o termo, o conceito de inovação e tecnologia. As pessoas pensavam totalmente diferente e quando a gente perguntou em que a contabilidade poderia

ajudar na inovação. Na verdade, perguntando se a contabilidade poderia ter uma boa iniciativa, poderia contribuir com a inovação. A maioria respondeu "não". Quase 90%, 88% disse que não, que não poderia. Mas quando a gente começou a abrir, por exemplo "mas se o contador dentro da empresa vai lá no departamento de mensuração ou de produção e ajuda o cara a dar um valor, a avaliar aquele produto, a criação daquele produto. Você concorda que ele estaria contribuindo para avaliação da inovação tecnológica?", aí respondiam "sim". A gente fez várias perguntas nesse sentido. É que, na verdade, o povo desconhece. O povo não conhece a verdadeira utilização ou não sabe para que serve a contabilidade. Até professores, quando a gente começou a contar a função da contabilidade dentro de uma empresa, a maioria, quase que unanimidade, concorda que a contabilidade sim pode contribuir com a inovação, de forma bem relevante. Então a ideia, e ainda temos isso em mente, é de criar uma disciplina de contabilidade da inovação, para mostrar esses conceitos e colocar isso um pouco mais evidente na cabeça dos alunos." (Entrevistado P8, 2020)

E o docente da UFSC abordou sobre a importância de cada curso desenvolver nos alunos o senso de pertencimento nos habitats de inovação:

“Então a gente tenta que ela seja atrativa, que o aluno não vá só para ganhar o crédito, horário e tal. Então, a gente fala assim se for só por isso ok, mas não é esse o objetivo. Como está crescendo muito, Florianópolis tem uma pegada bem interessante de habitats de inovação. Está sendo bem investido. Então, a gente realmente gostaria de capacitar e tem surtido efeito porque muitos dos alunos que saem da disciplina e entram em habitats de inovação. Através do estágio e depois trabalhando. É bem bacana. Alguns alunos que depois que saíram, eu fiquei sabendo que já abriram empresas. Alguns alunos que estão em processo de pré-incubadora foram para disciplina. Sabe? Então assim é meio que um intercâmbio. E aí tem outra coisa legal que a gente mostra que para estar em habitats de inovação você não precisa ser empreendedor. E aí eu acho que é o ganho. Você pode estar como consultor nas suas áreas. Então, o psicólogo como ele vai estar dentro do habitats de inovação? O pessoal de ciências contábeis e administração tem mais uma camada que é o gestor do espaço. O negócio das leis, como um advogado interage com isso. Então acho que é um senso de pertencimento a partir do meu curso nesse espaço, habitats de inovação. Isso a gente tenta fazer com que eles entendem. Como que eu me encaixo nesse mundo novo?” (Entrevistado P4, 2020)

Existem “Limitações dos cursos” para a abordagem da educação empreendedora e inovação, segundo os coordenadores e docentes, como burocracia na elaboração e aprovação do currículo, falta de professores, limitação de recursos financeiros, comportamento dos alunos, limitação da estrutura física e obrigação em cumprir a grade definida pelo MEC.

O docente da UFRJ destaca sobre o comportamento dos alunos de graduação em ciências contábeis:

“E eu acho uma falta de oportunidade, uma falta de visão que na minha percepção. O contador é um profissional muito mais completo do que um administrador, porque ele com uma formação mais ampla de gestão, ele consegue resolver aqueles aspectos que o administrador resolve mais a questão técnica que ele traz embutida. Então para mim é muito chocante isso não existir, não ser assim. Eu já dei aula para alunos de Administração e alunos a Contabilidade. É impressionante, o perfil dos alunos é diferente. A visão desses alunos de Administração, a maneira como eles encaram, basta isso, como eles encaram a vida e o curso, é completamente diferente de contador, é muito chocante”. (Entrevistado P5, 2020)

O Quadro 18, relaciona as categorias Educação Empreendedora (Metodologias Ativas/ Multidisciplinaridade/ Empresa Junior) e Inovação (Incubadora/ Patente/ Tecnologias Digitais).

Quadro 18 –Educação Empreendedora e Inovação – Professor e Coordenador

Entrevistas Professores/ Coordenadores		
Tópicos Analisados – Pesquisa e Extensão	Educação Empreendedora (Metodologias Ativas e Exper. Práticas/ Multidisciplinaridade/ Empresa Junior)	Inovação (Incubadora/ Patente/ Tecnologias Digitais)
Universidades		
UNB	“Depende do professor. Alguns professores trabalham com Estudo de casos.” (C1)	O curso disse ter conhecimento que um grupo de alunos participam de uma incubadora, mas não tem controle. (D1)
	“Disciplina “Laboratório” tem a multidisciplinaridade” (C1)	Professor tem registro de propriedade intelectual. (C1)
	Ábaco, de contabilidade. Alguns professores já prestaram consultoria. (C1)	Renovando a parceria com empresas de softwares de auditoria. (C1)
USP	O curso investe em metodologias ativas: Estudo de caso de Harvard, PBL, Sala invertida. (P2)	Um dos professores já fez parte do conselho de uma incubadora, mas não existe participação dos alunos. (P2)
	De forma ideal ainda não. (P2)	-
	FEA Jr. Alguns professores já prestaram consultoria. (P2)	Renovando a parceria com empresas de softwares contábeis. Aulas de Python <sup>17</sup> . (P2)
UNIFESP	Depende do professor. (C3)	-
	Metodologia tradicional, mas está sendo criado um projeto de extensão multidisciplinar. (C3)	-
	Eppen Jr. Mas o curso não tem contato. (C3)	Utiliza softwares contábeis. (C3)
UFSC	Depende do professor. Alguns professores trabalham com gamificação. (C4 e P4)	Os alunos fazem visitas através da disciplina Habitats de Inovação. (P4)
	-	Existe o mestrado PROFINIT, onde o coordenador tem patente registrada. (C4)
	Ação Júnior. Alguns professores já prestaram consultoria. (C4)	Utiliza softwares contábeis. (C4)
UFRJ	Muitos utilizam metodologias tradicionais, mas existem ações para uma mudança. Alguns professores já utilizam aprendizagem experiencial. (C5)	Existe a incubadora de cooperativismo no Fundão, liderada por uma professora que atua no departamento. (C5)
	Atividades de extensão oferecidas. (C5)	-
	Ayra Consultoria. O curso afirma que incentiva a participação dos alunos. (C5)	Utiliza softwares contábeis. (C5)
UERJ	Depende do professor. Alguns professores utilizam a metodologia PBL, aula expositiva dialogada. (C6 e P6)	“Participação dos alunos ainda é pequena.” (C6)
	-	Professor tem registro de patente. (C6)
	Iniciativa Consultoria. Alguns professores já prestaram consultoria. (C6)	Renovando a parceria com empresas de softwares contábeis. (C6)
UFF	Depende do professor. Alguns professores utilizam sala de aula invertida. (C7)	Analisando firmar parceria com a incubadora do curso de Engenharia de Produção. (C7)
	-	-
	Pacto Consultoria. O curso afirma que incentiva a participação dos alunos. (C7)	Utiliza softwares contábeis. (C7)
UFRRJ	Metodologia tradicional. Mas alguns professores utilizam jogos empresariais. (C8 e P8)	O curso não tem interação. Os alunos fazem visitas através de um professor que participar como gestor financeiro. (P8)
	Atividades de extensão oferecidas. (C8)	-
	Multiconsultoria. O curso afirma que incentiva a participação dos alunos. (C8)	Utiliza softwares contábeis e linguagem de programação. (C8)

Fonte: A autora, 2020.

<sup>17</sup> Python é uma linguagem de programação que permite trabalhar rapidamente e integrar sistemas de forma mais eficaz (Tradução nossa). O texto em língua estrangeira é: “Python is a programming language that lets you work quickly and integrate systems more effectively” (PYTHON, 2020).

Em relação às “Metodologias Ativas e experiências práticas”, os cursos afirmaram que isso depende de cada professor. A maioria dos professores ainda utiliza o método tradicional de ensino:

“Os professores, no geral, eles aprimoram porque eles têm responsabilidade. Mas tem muitos professores que eles não querem aprimorar nada, querem ficar naquela velha metodologia de dar aula no quadro negro e está tudo certo. Mas infelizmente não é uma prática usar ferramentas de metodologias ativas, interação mais do aluno que do professor, não é praxe, não.” (Entrevistado C7, 2020)

Mas existem alguns professores que utilizam metodologias diferentes, como o docente da UERJ, que falou sobre a metodologia que aborda em sala de aula:

“Quais são as minhas estratégias de ensino: Bom, tem aulas expositivas dialogada, que é a básica, mas eu faço uma atividade de observação e faço a metodologia baseada em projeto. Eles têm que desenvolver uma análise dos “P”, do composto de marketing de serviços, de uma empresa de verdade. Eles têm que avaliar como é que essas empresas se organizam em termos de estratégia de marketing de serviço, que a gente pode considerar que é um método baseado em projetos. Mas a disciplina também tem muita coisa de aula expositiva. As próprias avaliações são avaliações com troca de ideia entre eles, assim, eu não aviso. Aliás, agora eles já devem saber, porque o aluno passa a informação de um para o outro. Mas as avaliações, quando chegam lá, a sala está toda enfileirada. Mas eu peço para fazerem em grupo, para poder ter a discussão, para ter a troca entre eles, porque eu sempre trabalho com questões práticas de mercado, nunca vou perguntar para eles "o que é tal coisa". É sempre um conteúdo aplicado à prática de mercado.” (Entrevistado P6, 2020)

Em relação a “Multidisciplinaridade”, alguns professores e coordenadores entendem que ela é alcançada em algumas disciplinas e projetos de extensão que envolvem diferentes tipos de conhecimento, assim como, envolvem pessoas de diferentes áreas de atuação. Mas um dos professores abordou sobre a questão e o que realmente acontece:

“É difícil você alcançar essa multidisciplinaridade de forma ideal nas grades que a gente vê hoje no Brasil. Muito difícil porque cada professor enxerga seu quadradinho. E aqui eu faço uma afirmação geral. Cada professor enxerga seu quadradinho. Dificilmente ele faz um planejamento de aula que envolva um outro colega, uma atividade pensando no aluno para além das dimensões da sua própria disciplina. Então, se eu responder para você que a multidisciplinaridade está presente, se eu já começo avaliando que esse tipo de plano não existe, não é. Então é difícil afirmar que ela está presente, que dirá olhando para empreendedorismo.” (Entrevistado P2, 2020)

A “Empresa Júnior” é um exemplo de extensão que envolve educação empreendedora e inovação. Todos os cursos possuem alunos que participam de empresas juniores que pertencem a Faculdade, incluindo outros cursos como administração, economia, relações internacionais, entre outros. A UNB tem uma empresa júnior para cada curso, existe uma

empresa júnior só de contabilidade: Ábaco. Algumas empresas juniores tinham cinco alunos de ciências contábeis, enquanto outras tinham apenas um. Alguns professores prestam consultorias, mas a gestão das empresas juniores é exclusiva dos discentes. Onde eles assumem cargos de gestão e em diferentes áreas de atuação.

No tópico “Incubadora”, a UFSC promove a visita dos alunos às incubadoras e outros habitats de inovação, através da disciplina em parceria com o curso Engenharia do Conhecimento, o docente descreve a experiência:

“A gente tenta sempre fazer 2 visitas pelo menos na disciplina. Normalmente a gente vai no centro de inovação que a gente consegue ver as outras tipologias como aceleradoras, espaços de inovação aberta, *coworking*, o próprio centro de inovação, incubadora ou no parque tecnológico, que a gente também vê empresas e tal. A gente também tem um projeto que são circuitos de habitats de inovação e empreendedorismo, que também é um ambiente diferenciado e a gente chama no mínimo 3 pessoas para discutir sobre temas da disciplina. Três pessoas de mercado que estejam com suas inserções nos diferentes temas. Então a gente também tenta mesclar isso. A gente também já fez visita aos ambientes *maker* no FabLabs dentro da UFSC. Cada semestre a gente tenta dar uma variada de possibilidades.” (Entrevistado P4, 2020)

A UFRJ possui uma incubadora de empreendedorismo social que fica localizada na Ilha do Governador, a coordenadora dessa incubadora é professora do curso. Os alunos que estão alocados no campus Praia Vermelha, podem ter acesso à incubadora, mas poucos participam:

“O que a gente pratica na incubadora é a extensão. A gente tem no país 90% de pequenas e microempresas e vocês são formados para a visão de grande empresa. A grande empresa não vai absorver vocês, não tem espaço para todo mundo! Vocês têm um espaço como a incubadora, que a gente busca trazer aos alunos, para oportunizar e as pessoas não vêm, porque acham que a extensão é perda de tempo. A extensão é o momento que vocês têm para mudar isso em vocês. Então, na verdade, conseguir participar desses projetos de extensão talvez seja o caminho de iniciar essa mudança, porque é impossível a gente pensar em fazer uma mudança só via currículo.[...] Então vocês quando chegam na incubadora, que vão desenvolver atividades com os empreendimentos, vocês têm que olhar todos os eixos. Vocês têm que olhar a pessoa, que é o lado cidadão, como é que funciona aquilo. Vocês têm que olhar a parte de gestão, vocês têm que olhar a parte financeira, vocês têm que olhar a tecnologia que eles estão usando. Então você acaba, que você olha tudo. Você tem que olhar tudo porque você é obrigado. E eu acho que essa é a forma de, de repente, ter um insight, de vocês enxergarem como é que aquilo realmente pode impactar um empreendimento, a diferença que aquilo faz em empreendimento. Eu não vejo outro caminho, porque por dentro do curso acho muito difícil. Eu acho muito difícil, porque a resistência a mexer nessa parte técnica é muito grande e muito forte” (Entrevistado P5, 2020)

Sobre “Patente”, alguns professores possuem patente e propriedade intelectual. Mas a maioria dos cursos afirmou que não tem uma relação com o NIT. A UFSC possui um Programa de Pós-Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação

(PROFINIT), um mestrado voltado para inovação. E o coordenador, que também ministra aula na graduação, possui patente registrada. O professor da UNB tem o registro de propriedade intelectual, e afirmou que divulga os cursos oferecidos pelo NIT sobre empreendedorismo:

“A gente, na verdade, institucionalmente a gente não tem. (curso) Mas, por exemplo, a gente participa quando chega algum concurso para gente. A gente monta alguns grupos, e divulga bastante as disciplinas de empreendedorismo que tem no nosso NIT, elas são abertas à universidade toda e são à distância, parte das atividades. Então essa ação ela é uma possibilidade de você se matricular na disciplina de empreendedorismo. Tem vários módulos, vários termos, mas assim, tem o piso básico que é para todo os alunos e alguns alunos nossos fazem.”

Em relação às “Tecnologias digitais”, a maioria dos cursos utiliza softwares contábeis em parceria com empresas. A USP apresenta a disciplina “Logic Programing Business” onde são ensinados programação através do Python. A UFRRJ tem no seu novo currículo a disciplina “Linguagem de programação” em parceria com as áreas de exatas, mas que ainda não foi aplicado no novo currículo.

A divisão das categorias das entrevistas com os alunos foi elaborada em três quadros. O Quadro 19 fala sobre ensino, pesquisa e extensão sobre educação empreendedora e inovação na percepção dos alunos, o Quadro 20 aborda sobre o contato dos alunos com educação empreendedora e inovação na empresa júnior, projetos e/ou grupos de pesquisa e o Quadro 21 aborda tópicos sobre conhecimentos fundamentais adquiridos por eles.

Os alunos foram selecionados conforme sua atuação em empresas juniores, e outros por participarem de grupos de pesquisa ou projetos voltados para a educação empreendedora e inovação. O Quadro 20 apresenta a percepção dos alunos sobre o que o curso oferece de ensino, pesquisa e extensão em educação empreendedora e inovação.

Quadro 19 – Ensino, pesquisa e extensão – Perspectiva dos alunos

Entrevistas Alunos			
Tópicos Analisados	Disciplinas que estimulam a pensar de forma inovadora e empreendedora	Grupo de Pesquisa	Atividades de Extensão
<b>Universidades</b>			
<b>UNB</b>	Não existe matéria focada em inovação e empreendedorismo. Um professor que trouxe essa abordagem na matéria de Contabilidade Gerencial. (A1)	-	Empresa Junior. (A1)
<b>USP</b>	O foco é a parte técnica da contabilidade. Falta relacionar a teoria à prática. (A2)	-	Empresa Junior (outro curso). (A2)
<b>UNIFESP</b>	Não existe matéria focada em inovação e empreendedorismo. (A3)	-	Empresa Junior (outro curso). (A3)
<b>UNIFESP</b>	Um professor trouxe essa abordagem na matéria de Planejamento Estratégico. (B3)	-	Liga Mind7(outro curso). (B3)
<b>UFSC</b>	Faltou uma abordagem sobre empreendedorismo e inovação. (A4)	-	Empresa Junior (outro curso). (A4)
<b>UFSC</b>	Algumas disciplinas optativas de outros cursos. Um professor trouxe essa abordagem na matéria Contabilometria. (B4)	Grupo de pesquisa “Habitats de Inovação e Empreendedorismo” (outro curso). (4B)	-
<b>UFRJ</b>	Não existe matéria focada em inovação e empreendedorismo. Um professor que trouxe essa abordagem na matéria de Contabilidade 1. (A5)	-	Empresa Junior (outro curso). (A5)
<b>UFRJ</b>	Não existe matéria focada em inovação e empreendedorismo. (B5)	-	Incubadora de Cooperativas. (B5)
<b>UERJ</b>	Um professor que trouxe essa abordagem na matéria de Marketing de Serviços. (A6)	-	Empresa Junior (outro curso). (A6)
<b>UFF</b>	O foco é a parte técnica. Falta relacionar a teoria à prática. (A7)	-	Empresa Junior (outro curso). (A7)
<b>UFRRJ</b>	O foco é a parte técnica. Falta relacionar a teoria à prática. (A8)	-	Escritório de Prática Contábeis. (A8)
<b>UFRRJ</b>	Somente em disciplinas optativas de outros cursos. (B8)	-	Empresa Junior (outro curso). (B8)

Fonte: A autora, 2020.

A percepção dos alunos em relação ao tópico “Disciplinas que estimulam a pensar de forma inovadora e empreendedora” era que não existia essa abordagem nas matérias e que fazia falta. Alguns alunos identificaram ações isoladas de professores, que os faziam sair do modelo de ensino tradicional. O aluno da UFSC destaca sua opinião sobre:

“Foram poucas disciplinas. Eu era um grande crítico na academia, porque a gente tinha muita disciplina ainda muito voltada para o ponto de vista da Contabilidade um pouco ultrapassada. Alguns professores traziam o conceito de mudar a figura do contador de guardar livros e tal, mas pouco se discutia da questão de inovação. Para ser bem sincero, as disciplinas em que eu tive mais interação com o empreendedorismo foram as optativas. E aí eu posso listar três: Habitats de Inovação;

eu fiz também outra de empreendedorismo, que era de outro curso, era de Administração, Empreendedorismo e Inovação; e tinha outra também, optativa, também de outra área, de Gestão do Conhecimento, que tratava sobre inovação e empreendedorismo, e aí era um pouco mais ampla, de conceito e tal. Então, a experiência nessas três disciplinas foi bem interessante. A que eu acredito que, não vou dizer mais aprendi, mas a que, talvez, trouxe mais conceitos e práticas foi a disciplina de empreendedorismo da Administração, porque ela trouxe vários conceitos de o que é uma empresa inovadora, trouxe também o grande erro de muitos empreendedores, que é achar que empreender é você abrir um CNPJ e montar um escritório, não, você primeiro tem que definir um público-alvo. Então, nessa disciplina foram traçadas diversas estratégias, foi onde eu também consegui ver mais a fundo sobre o MVP (Mínimo Produto Viável), para você criar e testar, criar e testar. Essa disciplina foi interessante porque mostrou que o feito é melhor que o perfeito, então a ideia é você entregar uma primeira versão de um projeto, de um escopo de serviço, por exemplo, e ir testando, pega cliente e testa. No início, eu fazia esse tipo de teste. Tiveram várias dinâmicas em grupo que estimularam. Acho que quanto mais você faz isso na prática, exercita isso, mais eu acho que fixa o conhecimento, então foi uma experiência bem bacana. Habitat de Inovação foi uma participação interessante, até a professora foi a minha orientadora do meu artigo, que é um artigo muito parecido com o seu. Eu entrevistei alguns alunos de Ciências Contábeis e a perspectiva deles sobre a visão e a atitude empreendedora. Só que o *Habitat* de Inovação trouxe um conceito mais de ecossistema, de como polos como *clusters*, todo o item que compõe o ecossistema de inovação, os *hubs* de inovação, *coworking*, enfim, como cada um poderia contribuir para agregar, de certa forma, no negócio da pessoa e criar uma rede de contatos que fosse bem interessante e pudesse desenvolver o ecossistema local. Acho que essa foi a grande mensagem. E a outra, de Engenharia de Gestão do Conhecimento, foi de certa forma um mix da primeira e da segunda que eu citei das disciplinas, mas ela ainda foi muito conceitual. A gente até fez algumas dinâmicas, mas ela ainda batia muito na tecla de conceito, ainda era muito veia acadêmica. Então, tiveram essas três. Da Contabilidade, eu não me recordo de um professor de: "você precisa empreender". O sinônimo de empreender, na Contabilidade, era muito abrir um escritório, ter um escritório de Contabilidade, só que, desde a segunda, terceira fase, eu vi que nós, contabilistas, a gente tem a faca e o queijo na mão para atuar em diversos segmentos, não só empreendendo abrindo escritório de contabilidade, mas a diretriz dos professores ainda era muito nessa linha.”(Entrevistado B4, 2020)

O discente da UERJ também destacou que só uma disciplina incentivou o pensamento empreendedor:

“A que mais me marcou assim, nesse sentido, foi Marketing de Serviço, que a professora tentava falar sobre Marketing por esse lado para os alunos de Contabilidade que era algo que seria interessante para eles, que alguns alunos querem abrir seus escritórios, ou vão tomar um escritório da família, alguma coisa assim. Então, é algo que eles precisam entender sobre empreendedorismo, marketing, esse tipo de coisa. Mas em outras matérias, eu acho que bem pouco assim. Bem... Quase nada. Tanto que eu não estou nem conseguindo lembrar uma.” (Entrevistado A6, 2020)

Em relação aos “Grupos de pesquisa”, muitos alunos não tinham conhecimento do que se tratava. A aluna da UFF inscreveu-se num grupo de pesquisa sobre “Riscos de Investimento”, mas não pode participar porque teve que aceitar uma oportunidade de estágio. O único aluno entrevistado que participou de grupo de pesquisa foi o aluno da UFSC, mas não era relacionado ao curso de ciências contábeis:

“Eu participei do VIA - Estação do Conhecimento, eu consegui produzir alguns materiais para a pesquisa e foi bem bacana, porque, de certa forma, eu fiz alguns contatos com outras pessoas de outros cursos. O grupo de pesquisa era bem miscigenado, digamos assim, tinha pessoas de Administração, de Engenharia de Materiais, tinha de diversos cursos, isso foi bem bacana.” (Entrevistado B4, 2020)

Na categoria de “Atividades de extensão”, alguns dos alunos participam ou participaram de empresas juniores. Um aluno da UNIFESP participa do projeto Liga Mind7, que não tem relação com o curso. Um aluno da UFRRJ atuou no projeto de Escritório de Práticas Contábeis. E um aluno da UFRJ na incubadora de cooperativas de catadores de lixo:

“Achei legal. Achei bastante importante, principalmente para a nossa área. A gente auxilia muito o pessoal das cooperativas. E há uma abertura muito grande, não só para contabilidade como também outras áreas. Para você ver, a gente tinha uma socióloga, não tinha ninguém de direito, mas tinha da engenharia. Então abrange várias áreas do segmento. Até do direito deveria ter uma vaga, no caso não tem. A atividade na realidade, a gente ia nas cooperativas para ver como estava o desempenho dele de cursos relativo à área de recicláveis. A parte também de legalização, a parte de documentação. Essa área pessoal, além da parte trabalhista. A parte de documentos, você via catadores que não tinha uma identidade. A gente fazia uma catalogação e orientava.” (Entrevistado B5, 2020)

O Quadro 20 aborda sobre a percepção dos alunos sobre as atividades extracurriculares que envolvam educação empreendedora e inovação, o incentivo do curso na sua participação em atividades de extensão, a importância da influência do curso para empreender ou inovar, o contato com incubadoras ou startups, o grau de inovação promovida pelos alunos e as tecnologias utilizadas na empresa júnior, projetos e/ou grupos de pesquisa.

Quadro 20 – Educação empreendedora e inovação – Perspectiva dos alunos

Entrevistas Alunos		
Tópicos Analisados	Educação Empreendedora (Atividades extracurriculares/ Incentivo do curso a participar das atividades de extensão/ Influência para empreender ou inovar)	Inovação (Contato com incubadoras ou <i>Startups</i> / Grau de inovação promovida pelo aluno/ Tecnologia utilizada nas atividades de extensão)
UNB	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A1)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (A1)
	Não teve incentivo do curso. (A1)	Mudanças no gerenciamento de projetos. (A1)
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (A1)	Trello <sup>18</sup> , <i>Agio Scrum</i> <sup>19</sup> . (A1)
USP	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A2)	Fez um projeto para uma empresa incubada. (2A)
	Não teve incentivo do curso. (A2)	Automatização da geração de informações para tomada de decisão. (A2)
	Professor deve falar sobre as mudanças no mercado. (A2)	<i>Pipefy</i> <sup>20</sup> , <i>DataStudio</i> <sup>21</sup> . (A2)
UNIFESP	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A3)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (A3)
	Não teve incentivo do curso. (A3)	-
	-	Trello. (A3)
UNIFESP	Palestras e eventos pela Universidade. (B3)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (B3)
	Não teve incentivo do curso. (B3)	Automatização de microprocessos. (B3)
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (B3)	VBA <sup>22</sup> . (B3)
UFSC	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A4)	Visitou o Parque Tecnológico de Florianópolis. A EJ trabalha com duas <i>Startups</i> . (A4)
	Não teve incentivo do curso. (A4)	Mudanças na forma de elaboração de projetos. (A4)
	Professores devem ter experiência de mercado. (A4)	Software de gestão. (A4)
UFSC	Palestra na Associação Catarinense de Tecnologia. (B4)	“Sim, visitei a incubadora MIDITEC.” (B4)
	Nos murais tinha divulgação de atividades de outros cursos. Mas o curso não se envolvia. (B4)	Estruturação da área de novos negócios, criação de identidade da área. (B4)
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (B4)	CRM <sup>23</sup> , ERP <sup>24</sup> . (B4)

<sup>18</sup> Trello é uma ferramenta de colaboração que organiza seus projetos em quadros. De relance, Trello informa o que está sendo trabalhado, quem está trabalhando em quê, e onde algo está em um processo. (TRELLO, 2020)

<sup>19</sup> O Scrum é um framework ágil utilizado no desenvolvimento e gestão de softwares. (OLIVEIRA, 2020)

<sup>20</sup> O Pipefy é uma plataforma de gerenciamento de processos no/low-code que oferece autonomia para equipes automatizarem e descomplicarem fluxos de trabalho, desde a solicitação até a entrega. (SJS PROJECT, 2020)

<sup>21</sup> O Google Data Studio é uma ferramenta de dashboard do Google altamente personalizável e fácil de usar. É capaz de reunir diversas fontes de dados e extrair informações do Google Analytics, Google Ads, Search Console, YouTube e outras para criar relatórios e painéis informativos totalmente amigáveis. (PREDICTA, 2020)

<sup>22</sup> *Visual Basic for Applications* (VBA) é a linguagem de programação do Excel e de outros programas do Office. (MICROSOFT, 2020)

<sup>23</sup> *Customer Service Management* (CRM): o gerenciamento de relacionamento com o cliente é uma das muitas abordagens diferentes que permitem a uma empresa gerenciar e analisar suas próprias interações com seus clientes passados, atuais e potenciais. (SALESFORCE, 2020)

<sup>24</sup> *Enterprise Resource Planning* (ERP): o planejamento de recursos corporativos é um sistema de questão que permite o gerenciamento integrado dos principais processos de negócios, geralmente em tempo real e mediado por software e tecnologia. (TOTVS, 2020)

Quadro 20 – Educação empreendedora e inovação – Perspectiva dos alunos (continuação)

<b>UFRJ</b>	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A5)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (A5)
	Não teve incentivo do curso. (A5)	-
	Professores devem ter experiência de mercado. (A5)	<i>Power BI</i> <sup>25</sup> . (A5)
<b>UFRJ</b>	-	Atuou numa incubadora de cooperativas de catadores de lixo. (B5)
	Bolsa de estudo para participar da incubadora. (B5)	-
	-	-
<b>UERJ</b>	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A6)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (A6)
	Não teve incentivo do curso. (A6)	Mudança na área de Marketing. (A6)
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (A6)	Software de gestão. (A6)
<b>UFF</b>	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (A7)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (A7)
	Não teve incentivo do curso. (A7)	-
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (A7)	<i>Pipefy</i> . (A7)
<b>UFRRJ</b>	-	Sim, um cliente do projeto estava na incubadora. (A8)
	Sim, o projeto tem um coordenador que é professor do curso. (A8)	-
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (A8)	-
<b>UFRRJ</b>	Palestras e eventos pela Empresa Junior. (B8)	Não visitou incubadoras ou teve contato com startups. (B8)
	Não teve incentivo do curso. (B8)	-
	O professor deve fazê-lo pensar “fora da caixa”. (B8)	-

Fonte: A autora, 2020.

No Quadro 20, na categoria “Atividades extracurriculares”, todos os alunos que participaram de empresa júnior, afirmaram que só tiveram acesso a palestras e eventos voltados para educação empreendedora e inovação quando era promovido pela empresa. Esses eventos costumam acontecer em nível estadual e nacional, onde existe a troca de experiências com outros participantes de empresa júnior de todo o país. O aluno da UFSC do grupo de pesquisa participou de eventos através da disciplina “Habitats de Inovação” na Associação Catarinense de Tecnologia. O discente da UERJ descreveu como é a dinâmica das palestras pelas empresas juniores:

“A gente tem uma federação no Rio de Janeiro que ela meio que fiscaliza ali, acompanha, as Empresas Juniores do Rio. Então, eles promovem sempre assim uma vez por mês pelo menos. Eles têm um evento que é aos sábados e eles trazem palestrantes, 3 ou 4 palestrantes para falar num dia e sempre todo um conteúdo de empreendedorismo, sobre inovação sobre todas essas coisas que você comentou. Então, isso é muito recorrente. Além da gente mesmo buscar esses conteúdos para

<sup>25</sup> O Power BI, um serviço de análise de negócios da Microsoft, é uma coleção de serviços de software, aplicativos e conectores que trabalham juntos para transformar suas fontes de dados não relacionadas em informações coerentes, visualmente envolventes e interativas. (MICROSOFT, 2020)

nós. Então a gente sempre busca, através de parcerias, profissionais que possam dar esse tipo de conteúdo para gente, palestrantes também, capacitações, tudo isso a gente faz.” (Entrevista A6, 2020)

O discente da UNB falou sobre as experiências que o marcaram nestes eventos promovidos pela empresa júnior:

“E era muito interessante porque eles chamavam muitos empreendedores que participaram do MEJ de alguma forma. Para falar sobre as experiências deles e como eles estão hoje em dia. Então, por exemplo, eles trouxeram em 2018 o dono da Balboa Gate, uma empresa de roupas. Não sei se está em outros estados, mas tem bastante aqui em Brasília. Ele fazia parte de Administração. Nisso, ele trouxe a trajetória dele, de como ele criou a empresa dele: a Balboa Gate hoje em dia. E, também em 2019, eles trouxeram muitas pessoas de incubadoras. O pessoal que federação de centro oeste trouxe, era um pessoal de incubadoras e de *startups*. E eles contaram muito essa questão da experiência deles que eles tinham com as *startups*. Falavam tipo: ‘Gente, é assim que funciona numa incubadora.’ E era sempre muito interessante que eles traziam alguns casos de empreendedores. E eles falavam: ‘gente, se um empreendedor chegava lá na incubadora de tal e tal forma. A gente já sabia que o negócio dele não ia dar certo.’ E eu achava isso muito interessante através da experiência dele ele já saber tudo isso.” (Entrevista A1, 2020)

Na categoria “Incentivo do curso” para participar de empresa júnior, projeto ou grupo de pesquisa todos os alunos afirmaram que o curso não incentivava muito a participação. Eles souberam através de outros alunos, ou de campanhas da própria empresa. Como a maioria das empresas juniores é mais voltada para a administração, os cursos não têm muito contato. Por isso em alguns casos só tinha um ou dois alunos do curso de ciências contábeis participando. Os únicos projetos que tiveram incentivo dos professores de contábeis foi o da UFRJ, que oferece bolsa de estudos, e UFRRJ, pois o projeto “Escritório de Práticas Contábeis” era coordenador por professores do curso. “Era mais consultoria a pessoas físicas que queriam abrir empresas, aí a gente auxiliava no processo de abrir empresas e consultoria de como fazer as demonstrações contábeis.” (Entrevista A8, 2020)

Os alunos reconhecem a importância do papel dos professores no quesito “Influência para empreender ou inovar”. Mas, segundo eles, poucos professores estão preocupados em fazer o aluno pensar “fora da caixa”. Um ponto levantado foi o fato de muitos professores não terem experiência de mercado. Um dos alunos falou sobre a necessidade de os professores abordarem sobre as mudanças na contabilidade em sala de aula:

“Eu acho que o que a gente sabe sobre Contabilidade, sobre empreendedorismo, senão através de grupos de extensão, de grupos de estudos e tudo mais. São só pelos professores, a gente sabe por eles. Digamos que a pessoa que não faz mais nada, sabe só pelos professores. Ainda mais quem está entrando. Se você não participa de nada, e a tendência é que não participe, você sabe só por eles. Então, o que eu vejo é que um professor ou outro só, de comentar de um congresso que foi participar, de

Contabilidade lá nos Estados Unidos. Em que eles começaram a falar sobre o futuro da Contabilidade no cenário da Tecnologia, por exemplo. Acho que ele citou bem pouquinho, assim, mas é esse tipo de potencial que eu vejo. Da possibilidade do professor estar no mercado de contabilidade e das revoluções que estão acontecendo e trazer as coisas muito mais práticas e muito mais atuais porque as coisas estão mudando constantemente para gente. Então acho que esse é o potencial que eu vejo, é um potencial de contato com a prática da coisa, digamos, porque isso ninguém vai passar para gente. A não ser quando a gente entrar num lugar para aplicar a contabilidade em si ou a inovação, de começar a fazer alguma coisa. Que eu acho que é diferente de você ter participado de uma Empresa Júnior, por exemplo, que você realmente tem um contato com executar alguma coisa na prática de inovação e empreendedorismo, se você não aplica isso em nenhum grupo, você só vai saber pelos professores, se eles não te falarem sobre, você não vai saber sobre isso, a menos que vá atrás sozinho.” (Entrevistado A2, 2020)

Em relação à “Incubadoras e *Startups*”, alguns alunos tiveram contato com empresas incubadas e *startups* na elaboração de projetos pela Empresa Júnior. Somente o aluno da USFC visitou a incubadora MIDITEC pela disciplina “Habitats de Inovação”. E o aluno da UFRJ que atuou na incubadora de cooperativas de catadores de lixo.

Sobre o “Grau de inovação” que eles realizaram nos processos em que participam, alguns afirmaram promover mudanças. Alguns inovaram através da mudança de processos, outros implementaram softwares de gestão e de atividades administrativas. O aluno da UFSC, que atuou no grupo de pesquisa, falou sobre a experiência de mudar para a área de novos negócios na empresa em que atua:

“De processos sim. Por exemplo, a área de novos negócios é uma área nova na empresa, é de 2017, quando eu fiz essa migração da contabilidade para novos negócios. Como era uma área nova, eu tinha praticamente o gestor e eu na área, eu tive que mapear todos os processos, todas as áreas que envolviam diretamente a nossa, que era novos negócios, e começar a desenhar mesmo o processo, o fluxograma de como seguir, as boas práticas, digamos assim. De certa forma, eu consegui aplicar e inovar um pouquinho no contexto da empresa. Fora outras discussões com outras áreas, que puderam contribuir também diretamente para outras áreas, sugestões de melhorias de outras áreas, foi bem bacana. O legal de você trabalhar numa empresa inovadora, de tecnologia, é que você, pelo menos na nossa, tem muita liberdade para expor a sua ideia, seja boa ou ruim, mas você tem essa oportunidade de falar, de dar o seu pitaco e por que você acha que deveria ser dessa forma. Isso eu acho bem legal.” (Entrevistado B4, 2020)

Em relação à “Tecnologia”, muitos utilizam softwares de gestão e finanças em suas funções, como *Pipefy*, *DataStudio*, *Trello*, *Agio Scran*, *VBA*, *CRM*, *ERP*, *Power BI*.

O Quadro 21 aborda tópicos sobre conhecimentos que os alunos consideram fundamentais para empreender ou inovar, os conhecimentos adquiridos por eles na empresa júnior, projetos e/ou grupos de pesquisa e como eles pretendem usar esses conhecimentos na sua vida profissional.

Quadro 21 – Conhecimentos e habilidades - Alunos

Entrevistas Alunos			
Tópicos Analisados	Conhecimentos fundamentais para inovar e empreender	Conhecimentos adquiridos	Como pretende usar esses conhecimentos
<b>Universidades</b>			
<b>UNB</b>	Gestão de pessoas. (A1)	Gestão de pessoas, trabalho em equipe, inteligência emocional, inovação. (A1)	Atuar numa empresa de consultoria para adquirir <i>know-how</i> e futuramente abrir a própria empresa de consultoria. (A1)
<b>USP</b>	Adaptabilidade e aprendizado contínuo. (A2)	Adaptabilidade, embasamento para tomada de decisão. (A2)	Trabalhar em <i>Startups</i> , consultoria ou mercado financeiro. (A2)
<b>UNIFESP</b>	Análise crítica, aprendizado contínuo, comunicação. (A3)	Comunicação, eu era muito tímido. (A3)	Trabalhar com consultoria. (A3)
<b>UNIFESP</b>	Curiosidade, motivação, tecnologia. (B3)	Curiosidade. (B3)	Abrir o próprio negócio. (B3)
<b>UFSC</b>	Resolução de problema, resiliência, trabalhar em equipe, disciplinaridade, organização, responsabilidade, análise de dados. (A4)	Trabalho em equipe, resiliência, gestão do tempo, comunicação. (A4)	Trabalhar em empresa de auditoria ou <i>Startups</i> . (A4)
<b>UFSC</b>	Gestão de risco, vendas, gestão de pessoas, oratória. (B4)	Oratória, gestão de risco. (B4)	Abrir o próprio negócio. (B4)
<b>UFRJ</b>	Mudança de paradigma. (A5)	Liderança, oratória, mudança de paradigma, dar <i>feedbacks</i> . (A5)	Trabalhar com consultoria financeira ou auditoria. (A5)
<b>UFRJ</b>	Prática. (B5)	Habilidades pessoais, liderança. (B5)	Abrir o próprio negócio. (B5)
<b>UERJ</b>	Inteligência emocional, liderança, oratória, criatividade, marketing digital, solução de problemas. (A6)	Oratória, inteligência emocional, liderança. (A6)	Trabalhar com consultoria e em projetos que faça diferença na sociedade. (A6)
<b>UFF</b>	Softwares, curiosidade. (A7)	Gestão, comunicação e inteligência emocional. (A7)	Trabalhar com consultoria. (A7)
<b>UFRRJ</b>	Vontade de inovar e aprendizado contínuo. (A8)	Responsabilidade, comunicação. (A8)	Fazer o mestrado. (A8)
<b>UFRRJ</b>	Pensamento “fora da caixa”, criatividade, networking, oratória. (A9)	Pensamento “fora da caixa”. (A9)	Abrir o próprio negócio. (A9)

Fonte: A autora, 2020.

No Quadro 21, sobre “Conhecimentos fundamentais para inovar e empreender”, os alunos reconhecem que a participação deles nas atividades de extensão e pesquisa o fizeram desenvolver conhecimentos e habilidades que serão diferenciais na hora de escolher sua carreira, seja abrindo seu próprio negócio ou atuando como intraempreendedor em grandes empresas. O discente da UNIFESP falou sobre quais conhecimentos e habilidades considera importante para empreender e inovar:

“Eu acho que a principal habilidade é a curiosidade. Não é nenhuma matéria que você vai ter na faculdade. Não é algo que tem teoria que você vai ler como ser curioso. Mas eu acho que a principal habilidade de uma pessoa que quer buscar alguma coisa relacionado a empreendedorismo, uma visão empreendedora. Que quer desenvolver alguma coisa disruptiva é a curiosidade. Se uma pessoa não tem a curiosidade ela para

no meio do caminho. Eu acho que a curiosidade desencadeia diversas outras habilidades. A motivação, uma pessoa curiosa está sempre motivada. Porque, enquanto ela não descobre como fazer aquilo, ela não para. [...] E aí, com a curiosidade vem diversas outras habilidades que eu considero importante. Falando um pouco da parte técnica, se fosse destacar uma habilidade técnica propriamente dita. Eu destacaria investimento em tecnologia. Investimento em tecnologia eu falo do ponto de vista do indivíduo não só da instituição. Eu falo a pessoa buscar sempre entender e saber atuar com tecnologias. E aí, tecnologias. A gente pode falar de pequenas tecnologias do dia a dia como VBA para programar, um *Python*, um *Beta Science* qualquer ali. Como grandes tecnologias como inteligência artificial, *blockchain* e coisas que assim envolvem tecnologia que a gente nem imagina que vai ser importante para gente. Que é importante e que vai ser cada vez mais num ambiente de empreendedorismo e inovação. Eu acho que o profissional do futuro de qualquer área vai precisar entender um pouco de tecnologia. Mesmo que não goste e que não seja a atuação direta dele. Ele vai precisar entender como é que acontece pelo menos. Se não pessoas que entendem e sabem atuar com aquilo vão passar a frente dele. Enfim, essa questão de ficar para trás literalmente.” (Entrevistado B3, 2020)

O discente da UFSC também abordou sobre o que ele considera importante:

“Primeiro, gestão de risco. Acho que todo mundo precisa tomar risco, mas precisa mensurar a consequência desse risco. Então, gestão de risco, o manejo de risco é um item. Vendas. De certa forma a gente até aprende a mostrar que o contador é importante na organização, mas aprender a vender melhor o seu serviço ou o seu produto. Então, gestão de riscos, vendas e gestão de pessoas: você ter um alinhamento seja com o parceiro de negócio ou com a sua própria equipe, isso eu acho que é fundamental, e manter sempre sintonizado, engajado no propósito do serviço que está sendo prestado. Bom, que eu considero essenciais para o empreendedorismo são essas. Parece ser óbvio, mas a questão de oratória, eu acho que influencia muito você fazer uma boa apresentação, conseguir vender a sua ideia - eu acho que isso está “linkado” com vendas, a questão da oratória -, o poder de convencimento. Esse também eu acho que é um bom item. É engraçada a questão da apresentação, apresentação de trabalho na frente da sala, parecia ser o ensino médio: “não, você vai apresentar”, ficava aquela batata quente. Até o TCC, você, para se formar, precisa encarar essa bronca. Muita gente precisou - eu vi lá - tomar remédio por causa da ansiedade. Isso é algo crucial que precisa ser trabalhado para você conseguir fazer com mais fluidez, seja empreendedor ou intraempreendedor, para você conseguir vender uma ideia, um projeto. Processo é fundamental. A maior parte das disciplinas ensina uma forma processual. Em Contabilometria tem um passo a passo para você executar uma fórmula, por exemplo. Então, você entender bem de processos eu acho que ajuda muito a minimizar o risco do seu negócio.” (Entrevistado B4, 2020)

Alguns alunos falaram sobre a importância dessas atividades como motivação para o aluno buscar disciplinas que os ajudariam a desenvolver seu trabalho. O discente da UFSC fala sobre isso:

“É interessante porque eu já tinha um pouco de curiosidade e interesse de saber como a figura do contador poderia ser ainda mais protagonista e de empreender de fato, não ser só o cara do escritório. Então, se eu não estivesse na empresa, talvez eu fizesse, no máximo, uma disciplina daquelas três que eu comentei, mas o fato de estar nessa empresa de tecnologia me fez ter mais fome de saber mais. Acho que por isso eu fiz essas três disciplinas. Se tivesse mais interessantes, eu faria mais disciplinas, porque foi um baita aprendizado.” (Entrevistado B4, 2020)

E, por último, quando questionados sobre o quesito “Como pretende usar esses conhecimentos”, alguns afirmaram que pretendem abrir seu próprio negócio. Outros pretendem atuar em empresas de consultoria, auditoria e *startups*.

“Às vezes, a gente pega pessoas que estão abrindo mesmo um negócio. Faz todo o planejamento financeiro, a viabilidade. Então isso acaba estimulando a gente a ver que é possível também, caso a gente queira abrir um escritório, ou uma consultoria. A gente vê que é possível, que tem como se planejar. Os conhecimentos dão para aplicar na nossa vida pessoal também, caso a gente queira abrir o nosso negócio. Assim, é uma experiência bem rica mesmo. É cansativa, tem que se doar mesmo, mas é uma experiência bem rica.” (Entrevistado A7, 2020)

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Este capítulo abordará sobre os resultados obtidos após as análises dos currículos dos cursos de graduação de ciências contábeis e das entrevistas com os professores, coordenadores e alunos e compará-los com a fundamentação teórica apresentada.

#### 3.1 Resultados

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar como os temas da educação empreendedora e da inovação são abordados nas atividades curriculares e extracurriculares dos cursos de ciências contábeis de universidades públicas brasileiras com alto potencial de inovação no país.

Primeiro, foram analisados os currículos formais e os PPC de ciências contábeis. Segundo Goodlad (1979), o currículo formal é aprovado oficialmente por uma Instituição de Ensino, mas esse currículo não pode ser considerado como o que realmente acontece de fato. Ao analisar o currículo operacional (Goodlad, 1979), o que é ensinado de fato, foi possível observar que algumas matérias presentes no PPC e na matriz curricular não eram oferecidas aos alunos. Em relação ao currículo percebido (Goodlad, 1979), o que está na mente dos gestores e professores, alguns coordenadores entendem que o curso oferece aprendizado em educação empreendedora e inovação. Mas ao identificar o currículo experiencial (Goodlad, 1979), na perspectiva dos alunos, todos expressaram que sentem falta dessa abordagem da educação empreendedora e inovação no curso (GOODLAD,1979, apud ROGERS, 1981).

Ao comparar o currículo formal com o currículo operacional, a partir de entrevistas com coordenadores e docentes, as diferenças foram destacadas nos Quadros 12, 13, 14 e 15. Nas disciplinas enquadradas como “Ensino em Educação Empreendedora e Inovação”, percebe-se que alguns cursos utilizam disciplinas optativas relacionadas ao tema, mas nem sempre são ofertadas aos alunos. Quando as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo são ofertadas pelo curso, elas aparecem no final da graduação. Conforme Lopes (2017), a educação empreendedora tem entrado nos currículos como uma adição e nos últimos períodos do curso. Os cursos da USP, UFRJ, UERJ e UFRRJ destacam que algumas disciplinas têm uma breve abordagem sobre o tema. Em relação à inovação, os cursos da UFSC e da UFRJ foram os únicos a oferecerem disciplinas sobre esse tema. O curso USP foi o único que ofereceu uma disciplina

sobre programação de sistemas, além das disciplinas sobre sistemas contábeis, que envolvem *softwares* contábeis.

Em relação à “Pesquisa em Educação Empreendedora e Inovação”, todos os coordenadores dos cursos afirmaram que não existe um grupo de pesquisa específico na graduação que fale sobre o assunto. Mas alguns professores relataram participar de grupos de pesquisa relacionados ao tema de empreendedorismo e inovação que são de outros cursos, e que alunos de contabilidade participaram. E na categoria “Extensão em Educação Empreendedora e Inovação”, a UFRJ foi a única a abordar sobre inovação, em disciplinas curriculares de extensão e com a incubadora, mas a quantidade de alunos que participam da incubadora é pequena. O curso da UFRJ também foi o único que incluiu disciplinas de extensão no currículo, conforme a resolução nº 7/2018 do CNE/CES. O curso da UFRRJ tem o escritório de práticas contábeis e a UNB tem a empresa júnior específica do curso de contabilidade. Nas outras faculdades as empresas juniores são da faculdade, isso é interessante pois o aluno tem o contato com pessoas de diferentes cursos. Mas, por não ser do curso, nem sempre os discentes são incentivados a participar. Em algumas universidades somente um aluno do curso de ciências contábeis estava participando da empresa júnior.

A partir dessas análises das entrevistas e dos currículos apresentados, a pergunta de pesquisa pode ser respondida. Os cursos de ciências contábeis não estão oferecendo aprendizado em educação empreendedora e inovação nas atividades curriculares e extracurriculares de forma abrangente conforme Lopes (2017). O autor afirma que a educação empreendedora deve ser considerada como parte integrante do curso sendo tratada de forma transversal ao currículo em qualquer disciplina. A maioria das disciplinas são optativas ou apresentadas de forma isolada, sem que haja uma preocupação com a interdisciplinaridade para a formação da atitude empreendedora (MIRANDA, LEAL E MEDEIROS, 2010). Poucos cursos oferecem atividades de extensão com a abordagem prática, conforme a teoria de Neck, Greene e Brush (2014). As atividades promovidas pelos cursos da UNB e a UFRRJ não alcançam todos os alunos, e a UFRJ, apesar de estar incluído na grade curricular e alcançar todos os alunos, essas disciplinas de extensão só são apresentadas ao final do curso. Neck, Greene e Brush (2014) recomendam que essas atividades aconteçam no início do curso para auxiliar no entendimento de gestão do negócio e outros assuntos correlatos que serão lecionados durante o curso.

Nas entrevistas, os coordenadores e professores reconhecem a importância da educação empreendedora e inovação para a contabilidade (Quadro 17). Mas a maioria dos currículos foram atualizados nos últimos dois anos, e percebe-se que ainda não há uma preocupação em

implementar a educação empreendedora e inovação no curso de ciências contábeis. A UFRJ afirmou que o tema é sempre levado em consideração nas atualizações dos currículos, enquanto os outros cursos relataram que a discussão sobre tema não foi levada ao colegiado. Alguns coordenadores, quando questionados, afirmaram que este tipo de abordagem é voltado para cursos de administração e não de contabilidade. E que se o aluno desejar ele poderia fazer disciplinas desses cursos, ou seja, não enxergam a necessidade de relacionar o tema à contabilidade. Conforme Calabor, Mora e Moya (2019), a perspectiva do professor em relação a contabilidade influencia no ensino que será transmitido. E pelo fato de os currículos não serem alterados com tanta frequência, essas mudanças podem demorar mais alguns anos.

Alguns coordenadores e professores identificaram algumas limitações do curso na implementação da educação empreendedora e inovação como burocracia na elaboração do currículo, falta de professores, limitação de recursos financeiros, comportamento dos alunos, limitação da estrutura física e obrigação em cumprir a grade definida pelo MEC (Quadro 17).

O perfil do egresso (Quadro 16) dos cursos de ciências contábeis analisados é voltado para a formação de contadores para trabalhar em empresas de grande porte. Conforme Matias et al (2013), o PPC de alguns cursos é direcionado para a formação de contadores de grandes empresas, e não para pequenas e médias. Os cursos utilizaram diferentes propostas curriculares além do MEC, como Currículo Mundial do ISAR, do CRC e de outras instituições de ensino foram utilizadas, mas só a USP apresentou as propostas curriculares de universidades internacionais que foram utilizadas.

Ao serem questionados sobre metodologias ativas (Quadro 18), os cursos afirmam que é opcional ao professor, não é uma prática obrigatória do curso. Ou seja, a maioria dos professores utiliza o ensino tradicional em sala de aula. No entanto, Neck, Greene e Brush (2014) e Lopes (2017) defendem o modelo de prática que faz o aluno agir e pensar de forma empreendedora, as autoras reconhecem que o modelo de ensino tradicional está distante da realidade do mundo dos negócios.

Os cursos afirmaram que não têm um relacionamento com o NIT, apenas o professor da UNB afirmou divulgar os cursos oferecidos pelo NIT para os alunos. Alguns professores participam de incubadoras na parte administrativa, mas não houve incentivo aos alunos para participarem desses ambientes (Quadro 18).

Os professores e coordenadores criticam a falta de interesse de muitos alunos em participar da extensão e dos grupos de pesquisa. Eles afirmam que o aluno de contabilidade muitas vezes tem uma visão limitada em relação ao empreendedorismo. E muitos não participam das atividades de pesquisa e extensão pois começam a graduação trabalhando em

outras áreas ou fazendo um estágio, por motivos de necessidade financeira. Matias et al. (2013) fala da necessidade de conscientizar tanto alunos quanto professores para que haja comprometimento de todos.

Ao analisar, o currículo experiencial, a partir da perspectiva dos alunos, a presença da cultura empreendedora e inovação nos cursos de graduação em ciências contábeis, elaboramos o Quadro 18 com esse resumo. Em relação ao ensino todos responderam que não existe a abordagem da educação empreendedora e inovação, e que faz falta. A maioria das disciplinas oferecidas pelo curso focam na parte técnica sem relacionar a teoria à prática. Segundo Jacomossi e Biavatti (2017), o contador precisa de uma formação multidisciplinar e com experiências práticas em contextos reais. Alguns professores de forma isolada trazem o tema em sala de aula, com o intuito de fazer o aluno pensar de forma diferente. Mas não é uma ação do curso, ou seja, não há uma preocupação em disseminar a cultura empreendedora. Os alunos afirmaram que buscaram disciplinas em outros cursos, e que eles sentem a necessidade de ter isso nas matérias que envolvem contabilidade. Em relação à pesquisa e extensão, como um dos requisitos da pesquisa era a entrevista com alunos que participassem de empresa júnior, projetos ou grupos de pesquisa sobre educação empreendedora e inovação, todos participam ou participaram dessas atividades. Eles relataram que essa experiência foi um diferencial para suas vidas acadêmicas e profissionais.

Os alunos, que participaram de empresa júnior, afirmaram que as atividades extracurriculares sobre educação empreendedora e inovação foram oferecidas pela empresa júnior. Em relação ao incentivo dos cursos, os alunos afirmaram que o curso não incentiva muito a participação. Eles souberam através de outros alunos, ou de campanhas da própria empresa. Os únicos projetos que tiveram incentivo dos professores de contábeis foi a incubadora da UFRJ, que oferece bolsa de estudos, e da UFRRJ, pois o projeto “Escritório de Práticas Contábeis” era coordenado por professores do curso (Quadro 20).

Alguns alunos afirmam que promoveram mudanças inovadoras nos processos em que participaram, pois muitos alcançaram papéis de liderança em seus projetos. Alguns alunos tiveram contatos com empresas *spin-offs* e *startups* em incubadoras através da empresa júnior.

Em relação às tecnologias digitais, a maioria dos alunos relatou utilizar diversos softwares de gestão e de programação, mas eles não tinham acesso a esses softwares na graduação. A USP foi único curso de ciências contábeis que apresentou uma disciplina de software de programação.

E por último, no Quadro 21, os alunos relataram os conhecimentos e habilidades adquiridos por eles durante as atividades de extensão e pesquisa voltados à educação

empreendedora e inovação e como eles pretendiam usá-los no futuro. Alguns relataram o desejo de abrir seu próprio negócio ou atuar como um intraempreendedor após a graduação. O desenvolvimento da atitude empreendedora só foi possível através das experiências práticas adquiridas na extensão e em grupos de pesquisa, mas a quantidade de alunos que participam é pequena em relação ao número de alunos matriculados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como principal objetivo analisar como os temas da educação empreendedora e da inovação são abordados nas atividades curriculares e extracurriculares dos cursos de ciências contábeis de universidades públicas brasileiras com alto potencial de inovação no país. A partir do PIB e IDHM, esperava-se encontrar o ensino da educação empreendedora e inovação nos cursos de ciências contábeis das universidades UNB, USP, UNIFESP, UFSC, UFRJ, UFRRJ, UFF e UERJ. No entanto, os cursos de ciências contábeis não estão oferecendo aprendizado em educação empreendedora e inovação nas atividades curriculares e extracurriculares de forma abrangente e transversal ao currículo conforme as teorias de Lopes (2017) e Neck, Greene e Brush (2014).

O curso da UNB não apresentou disciplinas do curso voltadas ao empreendedorismo e inovação. Um dos professores, que tem o relacionamento com o NIT, divulgou aos alunos cursos elaborados pelo SEBRAE em parceria com o NIT, mas não foram apresentados grupos de pesquisa voltadas à educação empreendedora e inovação. Em relação à extensão, a UNB informou sobre um projeto chamado “Contabilidade conectada” que são oferecidas palestras relacionadas ao tema e a própria empresa júnior do curso, mas poucos alunos participam.

O curso da USP apresentou disciplinas voltadas à educação empreendedora e inovação. Em relação à atividade de pesquisa, foi informado sobre o Grupo de Estudos de Tecnologia da Educação na Contabilidade (GETEC), mas não foram apresentadas atividades de extensão voltadas à educação empreendedora e inovação. O curso da UNIFESP não apresentou disciplinas e atividades de pesquisa e extensão voltadas à educação empreendedora e inovação. O curso da UFSC apresentou uma disciplina sobre inovação e o grupo de pesquisa “Habitats de Inovação e Empreendedorismo” em que alunos do curso participam. Mas não foram apresentadas atividades de extensão relacionadas à educação empreendedora e inovação.

O curso da UFRRJ atualizou o currículo e foram inseridas disciplinas relacionadas à educação empreendedora e inovação, mas as disciplinas ainda não foram oferecidas pois são de períodos posteriores. Em relação as atividades de extensão, foi informado sobre o laboratório de práticas contábeis, que tem uma visão empreendedora, e em relação aos grupos de pesquisa não foi informado. O curso da UFF não apresentou disciplinas dos cursos voltadas à educação empreendedora e inovação, mas foi informado sobre a intenção de incluir disciplinas de empreendedorismo e formar parceria com incubadora de outro curso. Em relação às atividades de pesquisa e extensão também não foram informadas. O curso da UERJ apresentou disciplinas

relacionadas ao empreendedorismo. Em relação ao grupo de pesquisa, foi informado sobre a intenção de aproximar a graduação do mestrado. Em relação à atividade de extensão não foi informada. O curso da UFRJ apresentou disciplinas de extensão com temas relacionados a educação empreendedora e inovação nos últimos períodos. Em relação às atividades de extensão, foi informado sobre a incubadora de cooperativas de catadores de lixo, projeto que é coordenado por uma professora do curso. E em relação à pesquisa foi informado sobre o grupo “Programa de Gestão e Inovação”. O curso da UFRJ foi o único que apresentou o tema nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, mas eles são ofertados nos últimos períodos e nem todos os alunos participam da incubadora.

Segundo Neck, Greene e Brush (2014), os alunos precisam de atividades práticas voltadas ao empreendedorismo e inovação no início do curso, para que eles busquem por disciplinas que os ajudarão a desenvolver seu negócio. O contador do passado não teve as mesmas demandas que os contadores do futuro terão. Os cursos de graduação em Ciências Contábeis devem incluir os temas da educação empreendedora e inovação no currículo para que os futuros egressos tenham mais opções de carreira. O tema não pode ser tratado de forma isolada em algumas disciplinas e no final do currículo, mas deve aparecer de forma transversal às atividades curriculares e extracurriculares (LOPES, 2017). Ao analisar a perspectiva dos alunos, eles informaram que sentiram falta de disciplinas e atividades práticas que relacionassem o tema da educação empreendedora e inovação à contabilidade.

Sobre a elaboração/revisão dos currículos e projetos pedagógicos dos cursos de ciências contábeis de outras IES, Tyler (1949) fala sobre a importância da definição dos objetivos a serem alcançados para a melhoria do programa. O PPC define os objetivos a serem alcançados pelos cursos de graduação, mas esses objetivos devem ser revisados periodicamente. O PPC é um instrumento de planejamento onde são estabelecidas as atividades de pesquisa e extensão, mas quase sempre é um documento por formalidade pois sua atualização não acontece com frequência. Os cursos de graduação em ciências contábeis devem elaborar estudos periódicos sobre seus próprios alunos para identificar as mudanças necessárias e assim traçar seus objetivos. Faz-se necessário testar se os objetivos estão sendo alcançados e avaliar o currículo implementado com base nos quatro quesitos: alunos, professor, assunto e ambiente (SCHWAB, 1969; MARCH e WILLIS, 1995).

Uma proposta de melhoria seria a inclusão de experiências práticas através da extensão, onde o aluno teria que desenvolver um negócio no início do curso, como acontece em universidades americanas como a Babson. Essa experiência aconteceria no início do curso e de forma obrigatória pois, segundo Neck, Greene e Brush (2014), estimularia a busca por

conhecimentos que agregariam na formação da atitude empreendedora e inovadora do aluno. O aluno ficaria motivado a fazer disciplinas que ele necessite para desenvolver o negócio (SOUZA e MIRANDA, 2017)

Esse negócio deverá ser voltado para a comunidade onde a universidade está inserida, como uma forma de contribuir para a sociedade. Em que o aluno se dedicaria aos problemas encontrados no setor produtivo da sua região (ETZKOWITZ, 1998; LLORENS, 2001). Portanto, seria necessário fazer parcerias com empresas locais para obter os recursos necessários ao desenvolvimento de pesquisas. Lopes (2017) destaca a importância de expor os alunos a casos da vida real e incentivar o relacionamento dos alunos com empreendedores e com a comunidade local.

Uma outra proposta seria um projeto de extensão de práticas de negócios em parcerias com incubadoras e empresas juniores da faculdade, onde o aluno atuaria com o serviço de consultoria contábil. Seria uma forma de estimular os alunos a participarem de incubadoras e empresas juniores futuramente. Outra proposta seria um curso online de extensão e de pós-graduação sobre empreendedorismo e inovação em Ciências Contábeis, como o curso Minor apresentado pela UFF mas, neste caso, estende-se à outros cursos de graduação.

Outro ponto importante seria a formação de parcerias entre os outros cursos de graduação da área de negócios. Um intercâmbio entre os alunos dos cursos de economia, administração, engenharia, relações internacionais, entre outros, para que haja uma troca de conhecimentos. Em algumas universidades, esses cursos ficam no mesmo prédio que o curso de ciências contábeis.

Por último, seria a inclusão de disciplinas que auxiliem os alunos nesses projetos como criatividade, empreendedorismo, tecnologias digitais, disciplinas que auxiliem no desenvolvimento de competências e habilidades de gestão, contabilidade da inovação. Essas disciplinas devem ser planejadas pelos professores com metodologias ativas para trabalhar as competências e habilidades do empreendedor e do inovador.

Em relação à formação dos professores, as universidades poderiam oferecer um curso de extensão a docentes para promoção da educação empreendedora e inovadora nas disciplinas.

Para futuras pesquisas, seria interessante comparar a percepção dos alunos que atuam em empresas juniores, grupos de pesquisa ou projetos com alunos que não participam dessas atividades. E comparar se os alunos que participam dessas atividades acadêmicas são mais motivados a cursar as disciplinas voltadas para educação empreendedora e inovação.

Com base no referencial teórico, os possíveis periódicos para a submissão dessa pesquisa seria a Revista Catarinense da Ciência Contábil e a Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão.

## REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. M.; CALVOSA, M. V. D.; BATISTA, L. G. **Hélice tríplice no Brasil: um ensaio teórico acerca dos benefícios da entrada da universidade nas parcerias estatais**. Cadernos de Administração, v. 4, 2009.

ANALYTICS, C. **Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics**. Clarivate Analytics, 2018.

ANPROTEC. **Estudo, Análise e Proposições sobre as Incubadoras de Empresas no Brasil**. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: ANPROTEC, 2012.

ANPROTEC. **Ecosistemas de empreendedorismo inovadores e inspiradores**. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília: ANPROTEC, 2020.

BABSON COLLEGE, 2020. **Foundations of Management and Entrepreneurship**. Disponível em: < <https://www.babson.edu/academics/undergraduate-school/core-experiences/foundations-of-management-and-entrepreneurship/>>. Acesso em: 20, abril de 2020

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018.

BACIGALUPO, M., KAMPYLIS, P., PUNIE, Y., VAN DEN BRANDE, G. **EntreComp: The Entrepreneurship Competence Framework**. Luxembourg: Publication Office of the European Union; EUR 27939 EN, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p., 2016. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. ISBN 978-85-62938-04-7

BARTELMEBS, R. C. **Analisando os dados na pesquisa qualitativa**. 2013. Disponível em: < [http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto\\_analise.pdf](http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BESSANT, J.; TIDD, J. **Inovação e empreendedorismo**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2019. 512 p. ISBN 9781118993095/7778993098.

BONI, V., QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. 2005. Em Tese, 2(1), 68-80.

BOSMA, N.; HILL, S.; SOMERS, A.; KELLEY, D.; LEVIE, J.; TARNAWA, A. Global Entrepreneurship Research Association (GERA). **Global Entrepreneurship Monitor 2019/2020**. ISBN (ebook): 978-1-9160178-3-2

BRASIL. **Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017**. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação das instituições de educação superior e dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação no sistema federal de ensino. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm)>. Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018.** Estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9235.htm)>. Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004.** Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.973.htm#view](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.973.htm#view)>. Acesso em: 03 ago. 2019

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 11.196, de 21 de novembro de 2005.** Dispõe sobre incentivos fiscais à inovação tecnológica. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111196.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111196.htm)>. Acesso em: 3 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016.** Dispõe sobre estímulos ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à capacitação científica e tecnológica e à inovação. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/13243.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20estabelece%20medidas,P a%C3%ADs%2C%20nos%20termos%20dos%20arts.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/13243.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20estabelece%20medidas,P a%C3%ADs%2C%20nos%20termos%20dos%20arts.)>. Acesso em: 3 mar. 2020.

BUDDEN, P.; MURRAY, F. **An MIT Framework for Innovation Ecosystem Policy: Developing policies to support vibrant innovation ecosystems (iEcosystems).** MIT, 2018.

CALABOR, M. S.; MORA, A.; MOYA, S. **The future of 'serious games' in accounting education: A Delphi study.** Journal of Accounting Education, v. 46, p. 43-52, 2019.

CAMBOIM, V.S.C. **Avaliação da Interação Universidade - Empresas - Governo no Desenvolvimento de Projetos Inovadores no RN por Micro e Pequenas Empresas.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

CHIARINI, T.; VIEIRA, K. P.; ZORZIN, P. G. **Universidades federais mineiras: análise da produção de pesquisa científica e conhecimento no contexto do sistema mineiro de inovação.** Nova Economia, [s.l.], v. 22, n. 2, p.307-332, ago. 2012. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-63512012000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512012000200004)>. Acesso em: 03 ago. 2019.

CFC, Conselho Federal de Contabilidade. **Comissão do CFC vai contribuir com o ensino contábil do País.** 2018. Disponível em:< [https://cfc.org.br/noticias/comissao-do-cfc-vai-contribuir-com-o-ensino-contabil-do-pais/#:~:text=Por%20Fabr%C3%ADcio%20Santos,Federal%20de%20Contabilidade%20\(CFC\)>](https://cfc.org.br/noticias/comissao-do-cfc-vai-contribuir-com-o-ensino-contabil-do-pais/#:~:text=Por%20Fabr%C3%ADcio%20Santos,Federal%20de%20Contabilidade%20(CFC)>)> Acesso em: 20 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Conselho Federal de Contabilidade. **Currículo de Ciências Contábeis.** Mensagem recebida por <[desenprof@cfc.org.br](mailto:desenprof@cfc.org.br)> em 26 mar. 2020. Disponível em: <

<https://mail.google.com/mail/u/0?ik=09d35ca0ac&view=pt&search=all&permmsgid=msg-f%3A1662251789909042924&simpl=msg-f%3A1662251789909042924>> Acesso em: 26 mar. 2020.

CNE, Conselho Nacional de Educação. **Câmara de Educação Superior. Parecer N° 776.** Ministério da Educação. Brasília-DF, 1997. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf\\_legislacao/superior/legisla\\_superior\\_parecer77697.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer77697.pdf)> Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Câmara de Educação Superior. Parecer N° 146.** Ministério da Educação. Brasília-DF, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0146.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Câmara de Educação Superior. Parecer N° 67.** Ministério da Educação. Brasília-DF, 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0067.pdf>> Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Câmara de Educação Superior. Resolução N° 10.** Ministério da Educação. Brasília-DF, 2004. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf)> Acesso em: 19 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Câmara de Educação Superior. Resolução N° 7.** Ministério da Educação. Brasília-DF, 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 07 set. 2020.

COSTA, F.; MANCEBO, R. C.; MARIANO, S. R. H. **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA COMO MÉTODO: o caso do minor em empreendedorismo e inovação da UFF.** Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 6, n. 1, p. 196-216, 2017

DEPINÉ, A., TEIXEIRA, C.S. **Habitats de Inovação: conceito e prática.** Via Estação conhecimento. São Paulo, 2018.

DUARTE, R. (2004). **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar em revista, (24), 213-225.

EDOKPOLOR, J. E., & SOMORIN, K. (2017). Entrepreneurship education programme and its influence in developing entrepreneurship key competencies among undergraduate students. *Problems of Education in the 21 Century*, 75(2), 144-156. ENTREED. **National Content Standards for Entrepreneurship Education.** 2020. Disponível em: <<https://www.entre-ed.org/national-eship-standards>> Acesso em: 19 jan. 2021.

ENDEAVOR. (2016). Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatorio%20Endeavor%20impressao.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2021.

ETZKOWITZ, Henry. **The norms of entrepreneurial science: cognitive effects of the new university–industry linkages.** *Research policy* 27, no. 8 (1998): 823-833.

ETZKOWITZ, Henry. **The triple helix: university-industry-government innovation**. Routledge, 2008. ISBN 0-203-92960-8

ETZKOWITZ, Henry. **Silicon Valley: The Sustainability of an Innovative Region**. 2013. Social Science Information, 52 (4): 515-538. 2013. doi:10.1177/0539018413501946

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C.. **Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo**. Tradução de Carlos Malferrari. Estudos avançados, v. 31, n. 90, p. 23-48, 2017.

EVAS, I. M. **Inovações e política de desenvolvimento regional: um olhar sobre a Região Nordeste à luz da PINTEC**. 2015. Dissertação de Mestrado. Brasil.

FERNANDES, C. M., MOREIRA, M. A., & PEREIRA, J. V. (2015). **Avaliação do potencial empreendedor de estudantes de contabilidade**. *Seminários em Administração*.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2013. ISBN 978-85-65848-08-4

GUIMARÃES, C. L., SENHORAS, E. M., & TAKEUCHI, K. P. **Empresa júnior e incubadora tecnológica: duas facetas de um novo paradigma de interação empresa-universidade**. 2003. Simpósio de engenharia de produção, Bauru, 230-245.

HAAS, C. M.. **Projetos pedagógicos nas instituições de educação superior: aspectos legais na gestão acadêmica**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação- Periódico científico editado pela ANPAE, v. 26, n.1, p.151-171, 2010.

IAESB, *International Accounting Education Standards Board*. Disponível em: <<https://www.iaesb.org/about-iaesb>> Acesso em: 17 mar. 2020.

INDEX, Global Innovation. **Global Innovation Index 2020**. LANVIN, S. D. B.; VINCENT, S. W. 13ª Edição. Cornell University, INSEAD e World Intellectual Property Organization, 2020. ISBN 978-2-38192-000-9.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Conceito de CPC**. 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/conceito-preliminar-de-curso-cpc>> Acesso em: 17 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Conceito de IGC**. 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/indice-geral-de-cursos-igc>> Acesso em: 17 jul. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto - PIB | IBGE**. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Radar IDHM : evolução do IDHM e de seus índices componentes no período de 2012 a 2017**. – Brasília : IPEA : PNUD : FJP, 2019. 65 p. ISBN: 978-85-7811-350-6

ISAR, **International Standards of Accounting and Reporting**. Disponível em: <<https://isar.unctad.org/about/>> Acesso em: 17 mar. 2020.

JACOMOSSI, F. A., & BIAVATTI, V. T. **Normas internacionais de educação contábil propostas pelo International Accounting Education Standards Board**. 2017. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 5(3), 57-78.

JEOLAS, T.. **Empresas juniores ganham espaço na UFF e criam oportunidades para estudantes**, 2015. Disponível em: <<http://www.uff.br/?q=noticias/23-11-2015/empresas-juniores-ganham-espaco-na-uff-e-criam-oportunidades-para-estudantes>> Acesso em: 03 fev. 2020.

LEMOS, D. C.; CARIO, S. A. F. **Os sistemas nacional e regional de inovação e sua influência na interação universidade- empresa em Santa Catarina**. Rege - Revista de Gestão, [s.l.], v. 24, n. 1, p.45-57, jan. 2017. Emerald. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809227616306464>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

LIMA, E., LOPES, R. M. A., NASSIF, V., SILVA, D. ***Opportunities to Improve Entrepreneurship Education in Higher Education: Addressing Brazilian Challenges (ICSB World Conference 2012)***. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PMDA-UNINOVE. Working paper n. 2012-01. São Paulo: UNINOVE.

LLORENS, F. A. **Desenvolvimento econômico local: caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política**. Tradução de Antonio Rubens Pompeu Braga. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2001.

LOPES, R. M. A. (org.). **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010. 230 p. ISBN 978-85-352-3920-1.

LOPES, R. M. A. (org.). **Ensino do Empreendedorismo no Brasil: panorama, tendências e melhores práticas**. 1. ed. Rio de Janeiro.: Editora Alta Books, 2017. 352 p. ISBN 978-85-508-0641-9.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, 2, 10. 2004.

MARASSI, R. B., VOGT, M., & BIAVATTI, V. T. **A Experiência em Empresa Júnior na Formação Acadêmica e as Possibilidades Empreendedoras na Carreira Profissional**. Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 8. 2014.

MARSH, C.; WILLIS, G. 1995. **Curriculum: Alternative approaches, ongoing issues**. Prentice-Hall, ISBN: 0-02-428113-1

MARTINS, P. L., Martins, C. M. F., NETA, M. D. C. S., AGOSTINI, C., & BORGES, R. O. **O profissional Contábil na era da informação**. Anais do 9º Simpósio de excelência em Gestão e Tecnologia da UFSJ.2012, Minas Gerais.

MATIAS, M.A., COLARES, A.C.V., ROCHA, P.M.; JUNIOR, L.E.D.C. **O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em ciências contábeis.** Revista Catarinense da Ciência Contábil, 12(35), pp.63-78. 2013.

MATIAS, M. A.; MARTINS, G.A. **Educação empreendedora em contabilidade.** Revista Brasileira de Contabilidade, (193), 40-53. 2012.

MCTI. Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI). **Estratégia Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação 2016 – 2020.** Brasília, 2016. Disponível em: <[http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/publicacao/ciencia/ENCTI/MCTIC\\_ENCTI\\_2016-2022\\_210x240mm\\_14.03.2017.pdf](http://www.mctic.gov.br/mctic/export/sites/institucional/publicacao/ciencia/ENCTI/MCTIC_ENCTI_2016-2022_210x240mm_14.03.2017.pdf)>. Acesso em: 03 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI). **Novo Marco Legal da Ciências, Tecnologia e Inovação.** 2018.

MICROSOFT. **Introdução ao VBA no Office.** Microsoft.com. Disponível em: <<https://docs.microsoft.com/pt-br/office/vba/library-reference/concepts/getting-started-with-vba-in-office>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

MICROSOFT. **O que é Power BI? - Power BI.** Microsoft.com. Disponível em: <<https://docs.microsoft.com/pt-br/power-bi/fundamentals/power-bi-overview>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

MIRANDA, G. J.; LEAL, E. A.; MEDEIROS, C. R. **Interdisciplinaridade no curso de Ciências Contábeis: os desafios e as possibilidades de aprender e ensinar a partir de uma experiência.** Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC), v. 4, n. 3, p. 1-22, 2010.

MIRANDA, G. J.; NOVA, S. P. C. C.; CORNACCHIONE, E. B. **Os saberes dos professores-referência no ensino de contabilidade.** Revista Contabilidade & Finanças-USP, v. 23, n. 59, p. 142-153, 2012.

MIRANDA, G. J., REIS, C. F., & FREITAS, S. C. **Ansiedade e desempenho acadêmico: Um estudo com alunos de Ciências Contábeis.** *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(3), 319-333, 2017.

MIZAEEL, G. A.; et al. **Análise do Plano de Desenvolvimento Institucional das universidades federais do Consórcio Sul-Sudeste de Minas Gerais.** Revista de Administração Pública, vol.47, n.5, p. 1145-1164, 2013.

MOREIRA, M. A., ALVES, N. J. F., ANDREASSI, T., & BRAGA, J. G. R. **Educação Empreendedora em Contabilidade: da Teoria à Aprendizagem Experiencial.** Revista Catarinense da Ciência Contábil, 19, 2896, 2020.

NECK, H.M., GREENE, P. G. & BRUSH, C. G. **Teaching entrepreneurship: A practice-based approach.** Northampton, MA: Edward Elgar Publishing Co., 2014

NOVELI, M., & SEGATTO, A. P. **Processo de cooperação universidade-empresa para a inovação tecnológica em um parque tecnológico: evidências empíricas e proposição de um modelo conceitual.** *RAI Revista de Administração e Inovação*, 9(1), 81-105, 2012.

OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Manual de Oslo.** 3ª Edição. 1997. Disponível em: <<https://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

OLIVEIRA, Márcia; PIZANNI, Marcly; FARIA, Juliano A. de F. **A interdisciplinaridade na formação do contador e sua contribuição para o desenvolvimento de competências no âmbito organizacional.** *Revista de Estudos Contábeis*, Londrina, v. 6, n. 11, p. 23-45, jul./dez. 2015.

OLIVEIRA, W. **O que é scrum? Conceito, definições e etapas - Evolve MVP.** Evolve MVP. Disponível em: <<https://evolvemvp.com/o-que-e-scrum-conceito-definicoes-e-etapas/>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

PEREIRA, R. S.; FRANCO, I.; ALMEIDA, L.; SANTOS, I. **O ensino de "inovação" na Administração, Ciências contábeis, Turismo e Tecnologia em gestão: um estudo exploratório em Instituições de Ensino Superior brasileiras.** *RAI Revista de Administração e Inovação*, v. 9, n. 4, p. 221-244, 2012.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Conceito de IDHM.** Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idhm.html>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

POSSAMAI, A. A.; RABELO, R. J.; LIMA, C. P. **Proposição Base para um Modelo de Sistema de Inovação e Universidade Empreendedora.** *Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar*, v. 4, n. 1, p. 59-72, 2020.

PREDICTA. **5 motivos para começar a usar o Data Studio para visualizar seus dados.** Disponível em: <<https://www.predicta.net/blog/post/2019/12/16/5-motivos-para-comecar-a-usar-o-data-studio-para-visualizar-seus-dados/#:~:text=O%20Google%20Data%20Studio%20%C3%A9,e%20pain%C3%A9is%20informativos%20totalmente%20amig%C3%A1veis.>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

RAMALHO, L. F. A. ABRANTES, L. A., FERREIRA, M. A. M., & RAMALHO, B. J. **Modelo de inovação no ensino e em práticas de simulação tributária e análise econômica e financeira em empresas.** *REGE-Revista de Gestão*, v. 22, n. 4, p. 473-492, 2015.

REZENDE, T. G. D., CARVALHO, M. D. S., & BUFONI, A. L. **Estudo Comparativo entre o Currículo Mundial e os Currículos dos Cursos de Ciências Contábeis em IES Federais do Estado do Rio de Janeiro.** *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 12(3), 2017.

ROGERS, V. **International Review of Education / Internationale Zeitschrift Für Erziehungswissenschaft / Revue Internationale De L'Education**, 27(1), 96-98. 1981. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/3443785>>. Acesso em: 10. Set. 2020.

SALESFORCE. **CRM: O que é CRM e quais os benefícios?** Salesforce.com. Disponível em: <<https://www.salesforce.com/br/crm/>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

SCHUMPETER, J. A. **Business Cycles: A Theoretical, Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process**. New York: McGraw-Hill Book Company, 1939. 461 p.

SCHUMPETER, J. A. **CAPITALISM, SOCIALISM AND DEMOCRACY**. New York: McGraw-Hill Book Company, 1943. 437 p. ISBN ISBN 0-203-26611-0.

SCHWAB, J. J. *The practical: A language for curriculum*. The school review, 78(1), 1-23, 1969.

SEBRAE. **Empresa junior – O que é? E Como funciona? Empreendedorismo**. Disponível em: <<https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/empresa-junior-o-que-e-e-como-funciona,e3a048ae422fe510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SEBRAE. **Programa Nacional de Educação Empreendedora**. Disponível em: <<https://cer.sebrae.com.br/programa-nacional-de-educacao-emprededora>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SEGANTINI, G. T., MELO, C. L. L., LUCENA, E. R. F. C., & da SILVA, J. D. G. **Uma análise crítica entre os currículos dos Cursos de Ciências Contábeis nos Países do Mercosul e o Proposto pela ONU/UNCTAD/ISAR**. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 1(1), 85-98, 2013.

SJS PROJECT - Parceiros. Sjsproject.com.br. Disponível em: <<https://www.sjsproject.com.br/parceiros>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

SOUZA, Z.A.D.S.; MIRANDA, G.J.M. **Estabilidade da motivação em alunos de ciências contábeis**. 2º Congresso de Contabilidade, gestão e Agronegócio, 2017.

Taba, H. *Teaching Strategies and Cognitive Functioning in Elementary School Children* , 1966.

TARTARUGA, I. G. P. **Os principais parques científicos e tecnológicos gaúchos: estrutura e características**. *Indicadores Econômicos FEE*, 44(1), 93-106, 2016.

TEIXEIRA, C.S.; ALMEIDA, C.G.; FERREIRA, M.C.Z.; EHLERS, A.C.S.; ABDALA, L.N.; MACEDO, M. **HABITATS DE INOVAÇÃO: ALINHAMENTO CONCEITUAL**. Perse, 10 p. ISBN 78.85.464.0255.7, 2016.

TERRA, B.; OHAYON, P. **Contabilidade da Inovação**. Rio de Janeiro: Edição dos Autores, 2019. 348 p. ISBN 978-65-900563-0-6

TERRA, B. **Em tempos de rede: a gestão do conhecimento para o desenvolvimento de regiões**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2007. 156 p. v. 1. ISBN 978-85-7193-151-0.

TOTVS. **O que é ERP? Guia completo sobre o assunto - TOTVS**. Disponível em: <<https://www.totvs.com/blog/erp/o-que-e-erp/>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

TRELLO. Trello.com. Disponível em: <<https://trello.com/b/gkjYO7qu/conhe%C3%A7a-o-trello-seu-novo-jeito-de-monitorar-times-tarefas-e-projetos>>. Acesso em: 8 Nov. 2020.

TYLER, H. W. **Basic principles of curriculum and instruction**. 3. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 2013. 1949. 1.ed. 144 p. ISBN 978-0-226-08664-4

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 9. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. 92 p. ISBN 978-85-224-4898-2.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The future of jobs: Employment, skills and workforce strategy for the fourth industrial revolution**. In: Global Challenge Insight Report, World Economic Forum, Geneva. 2016.

## APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista (Professor e Coordenador)



**Universidade do Estado Do Rio De Janeiro**  
 Centro de Ciências Sociais  
 Faculdade de Administração e Finanças  
 Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis  
 Curso de Mestrado Acadêmico

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **Introdução**

- Breve apresentação da entrevistadora;
  - Agradecimento pela disponibilidade para a entrevista, que tratará do tema “Empreendedorismo e Inovação no Currículo dos cursos de Ciências Contábeis”;
  - Explicações sobre o método de pesquisa, destacando:
    1. Importância de opiniões sinceras;
    2. Não haverá identificação dos respondentes;
    3. Imparcialidade da entrevistadora;
    4. Gravação da entrevista.
- 
1. Qual o perfil do egresso do seu curso de graduação em Ciências Contábeis?
    - 1.1. O curso tem algum foco ou prioridade específicos?
    - 1.2. O currículo do curso pretende formar contadores para trabalhar em empresas grandes, médias e/ou pequenas, públicas e/ou privadas, escritórios, auditorias, empreendedorismo?
  2. Quais atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas à educação empreendedora e inovação são oferecidas pelo seu curso?
    - 2.1. Possui disciplinas como empreendedorismo, empreendedorismo social, psicologia organizacional, comunicação empresarial, desenvolvimento profissional, práticas gerenciais, inovação, tecnologia da informação, sistema de informação gerencial, mercados internacionais, elaboração de projetos? Essas disciplinas são optativas ou obrigatórias?
    - 2.2. Oferece projetos de extensão e grupos de pesquisas focados em educação empreendedora e inovação? Possui incubadoras de empresas em que participam alunos do seu curso? Existe interação entre o curso e Núcleos de Inovação Tecnológica da universidade?
    - 2.3. Os alunos e professores do seu curso participam de grupos de pesquisas sobre educação empreendedora e inovação?
    - 2.4. Algum professor ou aluno do curso de ciências contábeis já possui patente registrada?

3. Essas atividades curriculares envolvem quais metodologias ativas e experiências práticas? Pois as metodologias ativas incentivam a aprendizagem colaborativa, coloca o aluno como protagonista no processo de aprendizagem, incentiva criatividade, a pesquisa de novos conteúdos, os alunos ensinam uns aos outros, o que contribui para formação de uma atitude empreendedora. (Por exemplo: aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem baseadas em casos, gamificação, aprendizagem baseada em problemas, design thinking)
4. Em algum momento, o curso prevê atividades curriculares ou extracurriculares multidisciplinares auxiliando na educação empreendedora e inovação?
  - 4.1. Como isso ocorre?
5. Quais atividades extracurriculares relacionadas à educação empreendedora e inovação são oferecidas pelo seu curso? Por exemplo: Estágios, palestras sobre empreendedorismo e inovação, campanhas de inovação, oficinas que estimulam a criatividade, Competição nacional e internacional de planos de negócios, consultoria para pequenas e médias empresas, centro de empreendedorismo?
  - 5.1. O seu curso possui parceria com o SEBRAE (Programa Nacional de Educação Empreendedora) e outras organizações que incentivam o empreendedorismo, através de palestras, encontros e cursos de Educação Empreendedora?
  - 5.2. Como é a parceria entre seu curso e empresa juniores? Como foi esse processo?
  - 5.3. Como é a parceria entre seu curso e as incubadoras da universidade? Como foi esse processo? Empresas que se estabeleceram ao redor da universidade?
6. De que forma as tecnologias digitais e softwares contábeis são utilizadas pelo seu curso no sentido de promover a inovação e a educação empreendedora?
7. De que forma e com que frequência o currículo do seu curso é atualizado para atender as demandas da área contábil?
  - 7.1. E especificamente em relação à inovação e à educação empreendedora?
  - 7.2. De que maneira o currículo mundial de ciências contábeis e/ou outras propostas curriculares de organizações da área contábil dos órgãos reguladores da profissão têm sido incorporadas no currículo do seu curso?
8. Existem iniciativas e projetos do seu curso para o desenvolvimento futuro da educação empreendedora e inovação em ciências contábeis?
  - 8.1. Planejam alguma ação? O tema já está em discussão?

## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista (Aluno)



**Universidade do Estado Do Rio De Janeiro**  
 Centro de Ciências Sociais  
 Faculdade de Administração e Finanças  
 Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis  
 Curso de Mestrado Acadêmico

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **Introdução**

- Breve apresentação da entrevistadora;
- Agradecimento pela disponibilidade para a entrevista, que tratará do tema “Empreendedorismo e Inovação no Currículo dos cursos de Ciências Contábeis”;
- Explicações sobre o método de pesquisa, destacando:
  1. Importância de opiniões sinceras;
  2. Não haverá identificação dos respondentes;
  3. Imparcialidade da entrevistadora;
  4. Gravação da entrevista.

#### **1 .No seu curso de graduação**

1.1. As disciplinas que cursou estimularam você a pensar de forma inovadora ou empreendedora? Quais? Descreva como foi essa participação. Algum professor em especial te fez pensar “fora da caixinha”?

1.2. Você participa ou participou de grupo(s) de pesquisa que tenha(m) alguma relação com educação empreendedora e/ou inovação? Qual(is)? Descreva como foi essa participação.

1.3. Você participa ou participou de atividade(s) de extensão que tenha(m) alguma relação com educação empreendedora e/ou inovação? Qual(is)? Descreva como foi essa participação.

1.4. Você participa ou participou de atividade(s) extracurricular(es) relacionadas à educação empreendedora, criatividade e/ou inovação promovidas pela sua universidade ou por outras instituições? (por exemplo: Estágios, palestras sobre empreendedorismo e inovação, jogos, campanhas de inovação, oficinas que estimulam a criatividade, Competição nacional e internacional de planos de negócios, consultoria para pequenas e médias empresas, centro de empreendedorismo) Qual(is)? Descreva como foi essa participação.

1.5. Você vivenciou a experiência de participar, colaborar ou visitar alguma incubadora da sua universidade? Como foi?

1.6. Houve algum incentivo por parte do curso ou da universidade para participação em empresas juniores e da(s) incubadoras da sua universidade?

1.7 Que papel você atribui à influência de professores, coordenadores como inspiração para inovar ou empreender na sua área?

1.8 Seu curso prepara o estudante para prestar atividades de consultoria contábil a empreendedores?

## **2. Em relação à empresa júnior/projeto em que trabalha atualmente**

2.1. Por que decidiu ingressar na empresa? O que você faz ?

2.2. De que forma você utiliza os conhecimentos adquiridos em sala de aula na empresa júnior?

2.3. De que forma você utiliza tecnologias digitais e softwares contábeis no seu trabalho na empresa júnior?

2.4. Como você avalia o grau de inovação nas iniciativas e/ou projetos em que participa na empresa júnior? Você promoveu alguma mudança inovadora?

2.5 Sua empresa Júnior já trabalhou em projetos de empresas *spin-off/ startups*?

## **3. Em relação aos conhecimentos e habilidades de inovação e empreendedorismo**

3.1 Que conhecimentos e habilidades você considera fundamentais?

3.2. Quais conhecimentos e habilidades você considera que mais desenvolveu?

3.3. Como você pretende usar esses conhecimentos e habilidades sobre empreendedorismo e inovação aprendidos daqui em diante?

## APÊNDICE C – Carta de Apresentação



**Universidade do Estado Do Rio De Janeiro**  
Centro de Ciências Sociais  
Faculdade de Administração e Finanças  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis  
Curso de Mestrado Acadêmico

### **CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA AS ENTREVISTAS.**

Prezados(as) senhores(as),

Tendo em vista concluir minha dissertação do mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UERJ, venho realizando um trabalho de campo envolvendo entrevistas com professores, coordenadores e alunos de cursos de graduação. Como o perfil dos(as) senhores(as) enquadra-se em minha amostra, venho por meio desta convidá-los(as) para uma entrevista

O objetivo da dissertação é analisar como os temas educação empreendedora e inovação são abordados nas atividades curriculares e extracurriculares dos cursos de ciências contábeis de universidades públicas brasileiras com alto potencial de inovação no país.

A entrevista (gravada para posterior transcrição) versará sobre educação empreendedora e inovação no currículo e em atividades extracurriculares dos cursos de ciências contábeis. Asseguro-lhes que o uso das informações coletadas será apenas para os fins da dissertação.

Aguardo retorno para possível agendamento da entrevista, no dia e horário à disposição dos senhores(as).

Atenciosamente,

Raquel Barreto Barboza Campos. PPGCC / UERJ.

**APÊNDICE D – Termo de Consentimento**

**Universidade do Estado Do Rio De Janeiro**  
Centro de Ciências Sociais  
Faculdade de Administração e Finanças  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis  
Curso de Mestrado Acadêmico

**ENTREVISTA - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada (a) na pesquisa de campo da estudante Raquel Barreto Barboza Campos, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) que os objetivos do estudo são estritamente acadêmicos. Minha colaboração se fará por meio de entrevista gravada em áudio. Trechos dessa entrevista, na forma como foram falados, poderão fazer parte do trabalho final mas não poderei ser identificado.

O acesso ao áudio e transcrição da entrevista será permitido apenas à mestranda e seus orientadores.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome do (a) entrevistado(a):

\_\_\_\_\_.

Assinatura do(a) entrevistado(a):

\_\_\_\_\_.

Assinatura da mestranda:

\_\_\_\_\_.